Anabela Natário

A Tomada da Pastilha



I

— Fale! Pela tranquilidade das nossas almas, ajude-me! Fale!

Suando, um magro aperta os pulsos de um homem estendido no chão. O magrizela exige que o outro liberte a fala, desvende o entrecortado murmurejo, exige-lhe, pelo menos, a repetição das sílabas que indiciam um excelente enredo; implora-lhe porque ele, enfraquecido pela escapadela ao destino, perderá a consciência se não detectar algum sentido nas palavras. E se a ressaca se prolongar não responderá por si, por vezes torna-se violento, muito violento.

— Ajude-me, por favor. Peço-lhe!

Lupinho implora, quer palavras para dominar as convulsões. Conquistara o direito à recompensa e, como se sabe, um acto heróico justifica quaisquer exigências. Salvara o homem da fornalha, para quê? a vítima recusa-se a alimentar a vida do salvador. Não pode ser! Lupinho, esqueleto esfarrapado, grita, necessita de frases rápidas, juntinhas numa boa história, precisa de ouvir antes que os neurónios se revoltem, que a boca se torça... antes da grande revolta do estômago já prestes a rebentar.

— O meu corpo não ficará por aqui. Fale, por favor! Pare de murmurar.

Treme-lhe o queixo, a língua depressa lhe engolirá a voz fazendo-o soltar vocábulos sem sentido, os tremores percorrem-lhe o corpo, brandamente, por enquanto... estrangula-se-lhe o estômago, a privação

anuncia-se, respira à pressa, os suores frios não tardarão, e a dor... já sabe a pânico. Tudo se repetirá em conformidade, nada é original, dir-lhe-á o outro, mais tarde, muito depois de balbuciar um somatório de incongruências para desespero deste ouvinte.

- Pe-la-ve, pla, pla-pro-ve,

— Por favor, responda-me. Pelaprove o quê? Que quer dizer com isso? O que vem a seguir?

Seleccionara este passageiro entre tantos outros surpreendidos a dois passos do destino, encontrara-o desmaiado no meio do caos provocado pela queda da aeronave; salvara-o de uma agonia colectiva e o indivíduo nega-se a satisfazê-lo. Que ingratidão! Tropeçando, magoado, arrastando-se e ao outro, fugindo ao abrasamento, quatro vezes se detivera a esbofeteá-lo sem obter qualquer efeito, apenas aquele remurmurejar. Desconheceria o fulano ser o último desejo irrecusável, seja ao presidiário ou ao carcereiro? Todos sabem disso. E o desejo para Lupinho é sempre o último, sempre o mesmo: ouvir uma história, um episódio da vida alheia, um caso ao acaso. O fulaninho faz-se desentendido, é o que é. E o ouvinte necessita de uma história, de uma, para já.

Caramba!

A ressaca aperta-lhe as veias. Lupinho atira-se ao corpo, abana-o até se cansar, o outro estrebucha, atenção: este estrebuchar pode ser um sinal da consciência. Experimenta sentá-lo, tropeça e fere a testa nas pedras negras daquele chão de areias. Semi-erguido, zonzo, tenta acalmar-se, afinal conseguira safar-se do acidente e trazer alguém consigo, alguém pronto a mantê-lo vivo. O corpo ali estendido irá reanimar-se, Lupinho acredita mas não aguentará esperar muito mais.

— Pe-la-no... pê-pê... pro... ve...sto.. pê...

O outro vai silabando e ele bebe no sussurrar o alento. O inanimado balbucia incongruências? ora, repete-se, ainda não fizera outra coisa. Só Lupinho crê naquela descoberta do instinto, é um perito, sabe ler onde há uma história, um corpo assim contem várias histórias, não tem qualquer dúvida. E daquela boca sai um novo murmurejo, Lupinho bate palmas, entendera, agora entendera. Plano! Plano Prove? O homem fala em código, é isso! Saboreia

devagar a descoberta, repetindo alto as palavras-chave. Bendito quem salva alguém, o feito heróico implica uma recompensa, qualquer moribundo dá a vida em troca da salvação, idolatrando eternamente o salvador. O mundo é isto, mede-se às servências e Lupinho não degenerou completamente.

Nos movimentos do rosto semi-inconsciente, o magrizela revê a expressão que o levara a arrebatar aos destroços aquele, e só aquele, desconhecido. Reforçara-lhe a esperança a feição enigmática, os trejeitos de quem dorme entre a angústia e o prazer. Descobrira uma fonte, tinha a certeza de que aquele corpo bem tratado transportava segredos, histórias de encantar. E que plano seria aquele? (um plano é uma trama!) Negócios de escravatura? Render de raças? Limpezas? Lupinho sorvera inúmeras histórias dessas, onde a semelhança dizem ser pura coincidência. Tornara-se um perito, sabia detectar enredos, ou melhor, sabia onde habitavam.

Com o fim da tortura orgânica, trauteia uma canção infantil, sente-se a planar. A descida é rápida e a realidade confunde-se com a angústia... o homem calara-se e ei-lo, de novo, prestes a gritar a dor da abstinência. Já fizera sofrer gente por esta mesma razão, gente que prometia e se calava, gente que nunca recuperara. Lupinho gritava e as vítimas entupiam, ficavam-se sem concluir qualquer frase, ficavam-se num esgar perturbado, denunciador de uma morte pouco natural. A culpa dos colapsos? Declinava-a inteiramente. Culpa sua a existência de gente tão susceptível, demasiado assustadiça? O Crime de Morte nunca lhe fora imputado, tem no bolso da camisa os documentos: três vezes saiu ilibado da suspeita de Causa de Homicídio; também ajudava ser filho de quem era.

Ponto final!

Se pensar na paternidade o reconfortara, a antevisão da ressaca atormenta-o e não é por estar onde não sabe que se encontra, as ressacas são iguais em qualquer parte do mundo. Fora a ânsia quem consumira o pequeno prazer das palavras descortinadas, a abstinência durava há muitas horas, os murmurejos representavam a primeira dose desde que aceitara viajar rumo a uma clínica no deserto. Viajava por respeito à pretensão paternal de lhe matar a dependência, e se o método fosse avançado (asseguraram-lhe que sim)

poderia optar pelo tratamento substitutivo e escolher uma nova dependência ou mesmo diversas da lista das benignas.

Teria outras experiências, outra audição da comunidade... quase acreditara precisar de cura.

II

Mas interromperam-lhe a viagem.

Temos então que estes pais não conseguiram o objectivo e este filho raramente se arrepende. A vulgaridade predomina. Lupinho Santos de Baltazar, portanto historiodependente, terá de obrigar o parceiro a prolongar o monólogo senão ressacará. Precisa do homem vivo, acordado no próximo instante, ou não aguentará o impasse. Na verdade, já cede ao evoluir da privação: as mãos abanam-se, pouco tempo lhe resta para nem conseguir implorar. Necessita de outra dose, mesmo curta como a anterior, precisa de mais uma dose para se poder mexer, ganhar força, viver mais um pedaço, regressar à sua realidade.

Agora o fulaninho parece controlar as pálpebras, abre os olhos e leva as mãos ao peito procurando o coração para dar pancandinhas secas. Lupinho está sentado, agarrado aos joelhos numa tentativa de suavizar o sufoco do estômago. Chora. O homem irá despertar, o historiodependente não lhe dará muito tempo para se recompor — estava pronto a assaltá-lo ao mais ténue sinal de consciência e foi o que fez: ainda o outro tentava erguer-se e já o matraqueava com perguntas sobre o tal plano, suplicando-lhe revelações, implorando-lhe a salvação.

— Por favor! Pela tranquilidade das nossas almas!

O apelo funciona, o sujeito ergue-se sozinho. Lupinho clama que o silêncio o matará de dor. E ao morrer matarei, dizia gemendo. O homem

atordoado mantém-se de pé, silencioso, o historiodependente muda de táctica: levanta-se, ampara-se no companheiro e alicia-o a confiar-lhe algo de seu; diz-se seu amigo, afiança-lhe reconhecer-lhe a cara de uma ocasião especial; diz que são velhos amigos, afiança-lhe ser esta a segunda vez que ele, Lupinho Santos de Baltazar, o salva da irreversibilidade paradoxal. E tenta seduzi-lo, aproveitando a fraqueza, falando-lhe ao ouvido. Simão não se lembra de nada?

Por quem o toma este franzino? Simão Racional, sem mais apelidos (ele próprio fará questão de frisar), cumpriria o seu dever, apesar de estranhar as razões do companheiro de viagem, do passageiro privilegiado que o incomodara mal pusera o pé na sala de embarque. Difíceis de esquecer, aqueles olhos foscos que o escolheram entre uma multidão, olhando-o num desespero. Contrariamente às previsões, fora apanhado numa armadilha, ou estaria Lupinho a ser sincero, a assumir a sua historiodependência? Desfizera-se a irreversibilidade, compreendia: o salvador merecia obediência, mesmo correndo o risco do Seio descobrir a passagem de informação, eram essas as regras da casa, uma mão lava a outra, diz-se no seu Estado de origem. Racional toma fôlego e encara pela primeira vez o rosto transtornado. Simão está ainda muito confuso, tenta acalmar o outro, fala-lhe entoando gravemente os verbos.

— Tudo o que eu souber, eu dir-lhe-ei. Sentemo-nos!

Por que razão se comprometia? Aprendera a queimar pistas, estava proibido de falar sobre a sua origem; aprendera a nada dar, muito menos a quem quisesse usurpar significados. Esse dito Santos de Baltazar, Lupinho, apenas queria usá-lo, usar um caso, só que os deveres cumprem-se, é a outra face da questão. A única maneira de contentar o herói (sim, ele salvara-o!) seria comprometer o futuro de ambos, pois se no Seio se descobrisse que já silabara o que silabara...

E se o outro fosse um consubstanciado pantomineiro, o verdadeiro inimigo? E se o outro fosse um enviado do Seio para testar as suas capacidades, verificar as suas competências, para avaliar o ponto de cedência de um filho desobediente? No Seio também há valores dúbios. Desconfiaria deste homem bem treinado no capítulo da sobrevivência, desconfiaria até ao

fim, mas não ousaria quebrar o regulamento de conduta da organização. Quem nos salva fideliza-nos; a um salvador fidelidade até morrer.

Para morrer basta que nos matem, pensou Racional, saboreando a descoberta.

III

O magro agarra os ombros do outro, pede um reforço para combater os sintomas instalados no corpo.

— Uma dose completa, por favor. Não vê como tremo? Por favor!

Pedia sempre por favor, herdara da paternidade a diplomacia, nunca mostrava indelicadeza mesmo na sua versão mais violenta, quando muito tomava-se de frieza. Sabia pressionar, sabia onde tocar para os obrigar a abrir a boca, ouvira muitas histórias sobre este método, embora o tivesse treinado poucas vezes. Pressentindo um desfecho trágico na crescente pressão dos dedos sobre os seus ombros, Racional resolve dar-lhe alento, diz-se disposto a ajudá-lo e remata à bruta:

— Se pensa que justificarei as contradições, desengane-se!

Lupinho abre mão dos ombros do outro. As palavras do Racional são uma promessa de continuação, este já percebeu ser difícil de iludir aquele que sem assombro se intitula historiodependente. Simão compreende-o capaz de tudo; ciente dos seus limites como satisfará o legítimo pedido, talvez o último desejo daquele homem doente? Racional descobrirá a fórmula. No Estado de onde partiu, a retribuição a um gesto nobre é um dever. E Lupinho diz conhecê-lo, por duas vezes tê-lo salvo. Pode ser verdade, Simão de pouco consegue recordar-se, ainda não recuperou dos tombos; tomará por inofensiva a invenção da amizade de infância, mesmo adivinhando o oportunismo do

homem, todavia, se descobrisse ali um inimigo seria obrigado a violentar-se, isso estava escrito.

Lupinho ardia para confirmar os objectivos do Plano Prove. A escravatura nunca passara de moda, tinha quase a certeza de ser esse o segredo, mas adivinhava ir ouvir inovações. Há muito tempo que tão poucas frases o excitavam tanto, talvez em criança... que situação. Que esplendor! Não hostilizaria a vítima, convencê-la-ia da inversão dos papéis, comprovaria a certeza do seu instinto, sugaria a fonte até um deles baquear. Afinal, era ou não um perito?

O que dissera o Simão dito Racional? Dissera sem grandes explicações: feitos três, três produziram oito; um ficou pelo caminho quando ainda nada era; a mulher e o homem não gostaram do percalço, apesar de prevenidos para qualquer eventualidade; nove era a conta indispensável ao desenvolvimento do Plano Prove, um nado-morto significava um atraso a suprir, significava desperdício de tempo; o percalço motivou a primeira reunião alargada da Cópula. Falara ainda sobre o Seio... sobre o Plano nada dissera de concreto, transformara os escassos dados num mistério e Lupinho suava à beira da convulsão. Mas nada o impediria de concretizar os seus propósitos, o fulano mostrava rebeldia, recusava-se a alargar as respostas devolvendo-lhe as perguntas, utilizando uma técnica fora de moda, mas ele acabaria por persuadir quem afinal já se comprometera. Há anos que sobrevivia sugando recordações ao alheio.

A calma é a base da ciência, diz-se no Seio. Racional não tem quaisquer dúvidas donde sabe perfeitamente traçar a fronteira entre o Bem e o Mal, sabe-se um privilegiado, o problema é que apenas conhece conceitos e teorias... descobria agora essa imperfeição do cérebro. Lupinho salvara-lhe a vida e, se bem entendera, para o satisfazer precisava somente de roubar episódios à realidade ou, pior, arrancá-los à ficção. Como se safaria Racional, proibido de revelar a aposta de dois jovens num velho método laboratorial para derrubar a Nova Ordem? Essa é a sua vida, desconhece como contar outras histórias que possam satisfazer o historiodependente, e não faz a mínima ideia de como se processa o sistema da imaginação. Compreendia agora faltar-lhe esse poder que o Seio renegava à criação: fantasiar era considerado um empecilho e,

como qualquer empecilho, esse dom fora excluído do ensino básico. Como encobrir os criadores dos provetas que aprendiam, pela adolescência, a fabricar seres similares num regime determinado? Racional daria a honra pelo regresso ao Seio, lugar seguro cheio de irmãos.

Simão falara demais... que havia de fazer? sentado na terra, sujo, esfarrapado, dorido. Obrigado a viajar, voava quando o inesperado surgira provocando o pânico. Lembra-se dos gritos, de ser atirado contra a janela. Despertara longe, impedido de analisar o drama. Teria afectado o cérebro? logo que identificasse o sector afectado repararia a perturbação; num processo de reanimação, a demora na associação de registos é a garantia de que os Filhos do Prove nunca revelarão segredos em estado de inconsciência. Apenas sabendo onde acertar se lhes provoca a denúncia, somente uma pancada certeira na nuca originaria em Racional tamanho desfasamento. A verdade é que se sentia desamparado, não reconhecia nada à sua volta nem o acidentado terreno onde aterraram nem, sequer, o salvador de uma só vida... e se no passado, num só instante, tivesse mirado a cara deste ávido de emoções, registá-la-ia para sempre: carne seca, esverdeada, pele nervosa, nada de manchas nas orelhas...

Racional não estava a conseguir readaptar-se, condição imprescindível para enfrentar surpresas. Que diria o Seio se descobrisse a inabilidade deste seu filho? Provavelmente detectaram-lhe o problema, por isso, lhe falaram na avaria, pequena mas incomodativa; acabaram por lhe impor um tratamento no exterior, numa clínica do deserto. Nunca tivera a oportunidade de trocar impressões com um regressado do internamento, nunca soubera de algum, mas considerava a ordem bem intencionada. Porquê mandar interná-lo no melhor lugar do mundo, se não pensassem em recuperá-lo? Não desiludiria os criadores, aprendera a resistir, utilizaria todas as artimanhas para resistir mais uma vez. Eles queriam-no de volta, regressaria ao Seio, voltaria a adormecer no aconchego.

IV

Passara por muitos estados do mundo, convivera nas mais exóticas nações, acompanhando a carreira diplomática do pai. O Santos de Baltazar, experiente vagabundo, prosseguia aplicando a táctica da comoção; a insistência demonstrara-lhe ser o método apropriado a assuntos de extorsão passiva, por isso, insistia em falar naquela temporada, na idade-rapaz, ao largo do reduto das festanças monumentais, as melhores do mundo, pormenor que só testara mais tarde, viajando a seu belo prazer, muito depois da clausura comum.

— Não se lembra deste seu amigo?

Simão fora ao mencionado lugar (não o nomearia até o outro o fazer) durante o período de aprendizagem bilateral, uma deslocação extraordinária destinada a filhos promissores; não se lembra de ter conhecido alguém estranho ao plano, a preparação multifacetada foi ministrada num lugar completamente isolado. Era ali que vencedores e dominados, especialistas nas mais diversas áreas, se reuniam periodicamente para formar generalistas. Ao largo da cidade mais encantadora do planeta, aquela escola recebia grupos heterogéneos de três em três meses; qual a naturalidade dos alunos ou o objectivo da matrícula isso só os organizadores sabiam. Ninguém estranho ao serviço podia entrar nas instalações, ninguém conseguia escapar à realidade vigente. Lupinho teria lá estado? Que teria ido lá fazer? A escola seleccionava

capacidades, independentemente das intenções. Lupinho teria sido preparado para destrinçar realidades e, agora, obcecado, só reconhecia a sua? A escola proporcionava experiências diversificadas no campo físico e espiritual, fora arquitectada para preparar resistentes. O quotidiano exterior, fielmente recriado nas suas múltiplas facetas, preenchia as aulas práticas, e todas as capacidades se punham à prova. Simão regressara um perito, fora o melhor em Readaptação. Que aprendera Lupinho, se é que por lá passara?

— Conheceu a realidade mais próxima? Sabia que partiu do esforço comum o renascimento da maravilhosa e inigualável colónia de lazer? À imagem dos primórdios da Velha Actualidade, a cidade recuperou todo o encanto. Qual é a sua opinião?

— Aquilo que você vai buscar não é próprio de qualquer cidadão. Esplêndido!

Como aprendera Racional a entreter os ouvidores? Como todos os irmãos criados no Seio, Simão foi obrigado a memorizar A Grande Selectiva. Apesar da sua concepção cuidada e sóbria, a enciclopédia usada no ensino dos Prove dedica um capítulo aos entretenimentos, vulgo lazeres; neste capítulo são expostos modelos para explicitar as falhas da sua aplicação. Aquela cidade reeducada (Lupinho teria de provar saber o nome) fora parcialmente engolida pelo mar ainda Simão se resumia a um pensamento nublado. Naquele Estado, reduzindo a escola autorizada a um pequeno ponto negro, reina hoje o lazer estruturado para a pura satisfação dos desejos. A cidade com os seus morros verdes, depois de cerzida pela natureza, recuperara a irresistibilidade. Simão chegara a vê-la em voo raso, quando o transportavam para a escola; desejara tocar-lhe, jurar-lhe fidelidade; surpreendido pelas luzes e pela beleza dos corpos ao luar, esquecera a razão do seu nascimento e por pouco não falhara uma das perguntas de Observação. E enquanto o outro não descobrir a fraude, Simão limitar-se-á a relatar aquilo que a Grande Selectiva explica.

— Sabe, durante o processo algumas vidas se extinguiram para poupar muitas outras...

— Qual processo?

O processo aconteceu simplesmente — do mal, o menos — o preço é ubíquo, o cobrador omnipotente; o nosso mundo não evoluiu para albergar arbitrariamente todos os seres, escolhe quem tem de escolher. Os morros sopravam sortilégios Incontornáveis, Incontroláveis, Inaceitáveis; batalhando pela manutenção da tranquilidade já tinham surgido os TrêsIs, cidadãos de primeira água, urbanos devotos, unidos pela reconquista da paz a qualquer preço, e que pouco haviam conseguido. A força das águas comprovou a Teoria do Bem puindo o morro da mais odiada favela. Logo se dançou o Samba, com todo o respeito pelas exéquias! Empresários, devoristas, crentes de fés diversas, artistas e demais intelectuais deram à revolta oceânica o título Da Lembrança, reforçando-lhe a legitimidade, explorando o preconceito. Os TrêsIs persuadiram o futuro. Diziam: se Da Lembrança se retirasse outro significado que não o da revelação divina, a cidade (vítima da interminável guerrilha) teria sido poupada ao ranger do planeta? A cidade não teria sobrevivido à marginalidade maléfica, essa era uma ideia consensual, o pensamento da maioria, a vontade internacional.

— Que me recita?

— Apenas relato. Não é o que deseja?

Os citadinos aderiram à ideia de que há um Deus que castiga os maus. Violência urbana? Organizações criminosas? Pró desterro!, gritaram todos. Os justos já pagaram, que os pecadores liquidem a factura — gritou-se quando a catástrofe natural legitimou as brigadas antifavelados, formadas para terminar o serviço iniciado pelo Oceano. Doze meses de acção concertada e o extermínio nos morros concluiu-se legitimado por mais um imprevisto: no feriadão estadual, nos quatro dias comemorativos do primeiro aniversário Da Lembrança, deu-se o Enorme Arrastão — o último grito do desesperado banditismo, consagrado pela Global Organization o maior assalto mundial dos últimos dez anos em OVP (Objectivo, Violência e Pilhagem). As autoridades agiram sem piedade como o público pedia. Crime organizado e pobreza já não moram cá, apressou-se a informar o novo regime sufragado, comandado pelos Elitistas-abertos carinhosamente chamados de Elas. O mundo agitou-se, estava dado mais um contributo para sossegar os povos. E deu nisto, num

mundo de catástrofes naturais onde o argumento mais utilizado para as justificar é uma pergunta.

— E não foi sempre assim?

— É essa mesmo! Acertou!

A moribunda Global Organization reanimou-se após a visita à cidade, um convite dos Elas que ambicionavam legitimidade para exterminar os marginais. Regressados à Europa, os dirigentes da GO reuniram-se na sede desta pretensa liga de defesa planetária; permaneceram uma semana na Sicília, à porta fechada, ao que parece discutindo a oportunidade, pensando recuperar o poder perdido, contrariar o conceito da existência parasita, coroar cinquenta anos da GO a clamar pela reposição do poder da palavra. Os comunicólogos reapareceram a enaltecer o conceito de Honra; viu-se a GO em todo o planeta, agarrando Da Lembrança com a mestria da velha propaganda, dispensando a desesperança meio século extravertida. E assim se deliberou classificar o arrastão, apostar na divina lambidela — deliberaram os membros dirigentes da GO com vencimentos vitalícios, os dos cargos temporários já há muito se encontravam suspensos por ausências reincidentes.

Os comunicólogos espalharam apelos às nações, comprometendo líderes; a numerosa ala norte-americana da GO propôs o alargamento da União dos Estados, vendo na reabilitação um potencial mercado, e prometeu financiamentos generosos, isenções; prometeu milagres caso os outros estados da federação seguissem o exemplo daquele lugar eleito pelos desígnios da providência.

— Qual providência?

— Todo o mundo dançou! até o Estado Paternal surpreender o mundo.

— Poupa-me! Conheço a História. És bom actor, mas o teu teatro não me convence. Leituras...

Nunca lera A Grande Selectiva ou qualquer outro manual de sabedoria estilizada. Um historiodependente recusa leituras, a audição, essa sim, é essencial e garante um melhor aproveitamento da adrenalina. Era mesmo assim, Lupinho, temendo ficar agarrado à escrita, só lia mensagens para conservar as células. Raramente escrevia, praticava a escrita indispensável à sobrevivência, e quando o fazia evitava ler-se, por isso, endereçara à

paternidade aquele descabido desabafo, precipitadamente, numa crise de solidão, julgando pai e mãe longe do seu destino. Escaparam-se-lhe as palavras e nem notou no ecrã a consequência do comando de voz. Custou-lhe a inadvertência o compromisso da cura. Se não tivesse sentido aquele impulso, ter-se-ia perdido o lamento por uma linha qualquer e ainda agora paparia escaramuças e pecados originais, sem demasiado esforço, quietinho numa terra em derrocada. Não perdera tudo, a paternidade dizia: Abrir Portas Duplica o Gozo da Espreitadela. A prova mais recente encontrava-se à sua beira, teria apenas de trabalhá-la, este Racional constituída uma boa aposta. Deparara com um actor, esse aspecto satisfazia-o. Arrepender-se para quê? Reaprendia a entreter-se, a recompensa viria, sentia-se planar, acreditava na inesgotabilidade do êxtase, realizaria o sonho da década.

Nunca assistira a uma peça de teatro, conhecia a existência de actores, desconhecia o seu desempenho profissional; nunca lera aquilo que o seu cérebro classifica de romance, novela e conto. Desejaria o Santos de Baltazar ouvir literatura dramática? Racional conhecia teorias, não constava do seu programa a apreciação dessas aplicações. Fora-lhe repetido que os regulamentos cumprem-se. Pouco podia dizer, portanto, desobedeceria à ordem de um salvador. Poderia fazê-lo? Jamais! Tentaria projectar uma história, atento, evitando denunciar o Plano Prove, trocando as voltas ao ouvidor ganharia tempo. Lupinho falara em escravatura, também em apuramento de raça. Quereria este Lupinho... se ele soubesse imaginar... Simão cedia aos sintomas do homem das unhas roídas, do homem aparentemente jovem aparentemente velho que mais uma vez lhe abana a cabeça. Sente de novo a pressão dos dedos saltitantes, todo o cuidado é pouco - defendia-se na sua terra onde as frases já estão feitas e não perecem.

O desespero alheio altera-lhe o sistema nervoso, está provado.

V

Até Simão admitir que lhe passaria parte da sua vida, ali mesmo, ainda envoltos no fumo do último estoiro, Lupinho mantivera a serenidade; mal a vítima se sentara, sacudindo as mangas do casaco castanho, o historiodependente entrara em desespero.

— A salvação demorará, estamos no fim do mundo, tem de me contar uma história, preciso de algo de seu!

Então é isto o fim do mundo? Uma clareira entre montanhas? Um cenário de martírio? Dois homens? Por impulso, meio zonzo, Simão tentara recuar com o compromisso, o homem não merecia a sua devoção e sendo assim poderia libertar-se da exigência. Lupinho cobrava o salvamento, escolhera-o entre uma centena de seres, entre cadáveres a arder na aeronave abatida de surpresa. As contrapartidas completam os usos e costumes. Racional tem de recusar satisfazê-lo, aparentando vontade contrária. Como? Alimentar-lhe-ia a dúvida? Entreter-lhe-ia o desespero? Um novo impulso fá-lo repetir-se.

— Tudo o que eu souber, eu dir-lhe-ei. Todavia, se pensa que justificarei as contradições, desengane-se! Mas diga-me, estamos em guerra?

Lupinho aceita o estado de choque do passageiro que arrastara na luta pela sua sobrevivência, entende-lhe a lentidão, mas não dispõe da idade do mundo para escutá-lo: ele revelara-se a sua última esperança de sobreviver à

ressaca, ele tinha de satisfazer a sua necessidade. Em momentos de silêncio, toma-o o nervosismo, cresce-lhe a avidez. Que Plano Prove é esse? pergunta aos berros, sacudindo Simão. De cabeça a abanar, Racional esclarece que nada acrescentará sobre os rebeldes espontâneos que compraram um método fora de uso e se dedicaram à procriação partindo do número 3. Os Proves da sua geração desorientam-se ao detectar indecisão e o estado de pânico de Lupinho agrava-se quando o Racional retorque à décima insistência com a indefinição do pedido: pretendia Lupinho ficção ou realidade? queria algo sobre a evolução da humanidade ou pretendia uma intimidade individual? Evolução da humanidade?, berra Lupinho sussurrando-lhe:

- Vai deixar-me morrer de tédio?

E pior fica quando Simão, julgando poder contentá-lo, pergunta se pretende romance, novela ou conto. Lupinho toma o pragmatismo por ausência de emoções. Caramba! De onde teria surgido este ser que sobressaíra dos destroços? Despertara-lhe a atenção, embarcavam os Santos de Baltazar na aeronave e estes deveriam ter sido os três últimos passageiros a entrar, respeitando o protocolo diplomático de segurança. Aquele homem, dito Racional, conseguira embarcar a seguir à família, sem causar alarido.

De onde viria?

VI

Lupinho enquadrar-se-ia em algum grupo? Filho de itinerantes, historiodependente, Lupinho Santos de Baltazar salvava ou matava por um inédito. Viajava continuamente buscando o contento da permanência; detestava mentiras transparentes, só lhe interessavam bons enredos... à beira da ressaca tanto lhe fazia: se bons se maus, se verdades ou mentiras. À partida, tentava sacar verdades, acontecia, ainda sobravam diversas, e eram essas histórias contadas de boa-fé que lhe permitiam planar durante muito mais tempo. Facilmente amedrontava as vítimas mais renitentes, fazendo ranger o queixo quadrado, contorcendo a língua. Caçava-as! doses supremas, as verdades! Esquecendo alguns azares, ia concretizando os seus intentos sem quaisquer actos de violência. Abandonara à morte pai e mãe, para descobrir um outro ser, para saborear uma nova experiência, a paternidade deixara de surpreendê-lo. Avisara os pais do perigo que corriam viajando a seu lado, advertira-os, por dever de filho, que os trocaria em situação de abstinência. Logo entenderam curar-lhe a dependência insistindo nesta viagem conjunta.

Um amigo indicara à paternidade uma clínica especializada, em pleno deserto australiano, dispendiosa, sem dúvida, mas Carlos e Teresa nunca valorizaram poupanças. Incomodava-os a má consciência na formação da personalidade do filho — um verdadeiro fardo de sustentar, um fardo

financeiro, um fardo social. Pior se alguém lhes inventasse um defeito congénito, nestes casos a lei negava a possibilidade de Apelo à Justiça e seriam sujeitos a uma cirurgia de limpeza. Dois cérebros seriam desperdiçadas por um já fora de órbita; por intrigas menores outros cérebros foram limpos. Mais vale prevenir, disseram-lhes à boa maneira do novo regime.

A família Santos de Baltazar vivera os últimos anos cruzando a Terra, saltitando de continente em continente, de estado em estado até o eminente Carlos ser reclamado pela capital para representar o Ministério da Saúde e Cultura. Considerou o convite, não podia recusá-lo, fora endereçado pessoalmente pelo seu grande amigo governante dos governantes. E se nas recepções pelo mundo das embaixadas (elogie-se as tentativas para evitar o pior) Lupinho dera raia... Longe, no pequeno domínio das embaixadas, facilmente se impedia os segredinhos de chegarem ao Ministério; na capital, porém, todos quantos nada deveriam saber sabê-lo-iam no mesmo instante. E se Lupinho ficasse a viver com eles teria, com certeza, de tomar a Pastilha e qualquer acto considerado Exagero ficaria registado. Necessitavam de se livrar dessa dependência maldita que começara por encantar salões de festas para se transformar num assédio implacável, sim, internariam o filho.

E Simão Racional de onde vinha? Orientado na aquisição de conhecimentos, desconhecendo vida própria, Racional dificilmente imaginava, ignorava a engrenagem. Lera sobre a revitalização da química cerebral, mas não aprendera como provocar a reacção; essa experiência incompatível ao seu desígnio era desmistificada no Seio, sem instruções de fabrico. Dispensado de mentir, ensinado a readaptar questões, Racional combatia o adversário argumentando problemáticas de significado aparente; aprendera a calar-se e expusera abertamente a existência do Plano Prove porque se sabia um perito em omissões.

Simão recusava-se a admitir ter sido rotulado de impulsivo, os criadores também se enganam. Que diria amanhã? Amanhã? que dia é hoje? E se a impulsividade tivesse mesmo tomado conta dele? Seria um perigo para o Seio, para todos os Prove. Surpreendentemente, pelo desábito, aceitara o desafio do ouvidor profissional, sagaz, e quase que se prontificara a satisfazer o salvador que o salvara sem o salvar pois Racional não pedira socorro. Lupinho

arrancara-o aos ferros retorcidos e arrastara-o até longe da explosão, porquê? As razões pouco importam, o dever de contentar um herói não se discute, Simão cumpriria o desígnio até que a existência se desfizesse. E que perto estivera de acordar deste pesadelo, e pior: continua sem saber o que é morrer...

Simão via as gotas escorrerem pela testa do obcecado, assustam-no aqueles olhos em expectativa. Tentara levantar-se e Lupinho forçara-lhe os ombros. Possesso, o historiodependente tanto ordenava como implorava a satisfação do desejo enlouquecido. A vacilação perturba Racional, provoca-lhe emoções desconhecidas, emoções fora de controle. Lidava bem com o inesperado, porventura saíra defeituoso para lidar adversários indecisos, coisa que os seus inimigos Limpa-ruas nunca demonstravam ser. Quer mesmo algo pessoal? repetia, enquanto Lupinho se debatia com a indecisão. E aponta-lhe o dedo à ferida e aquele homem cheio de lágrimas verifica o sangue na testa sem ligar grande importância às manchas nos dedos. Numa tentativa de imposição técnica, Racional grita:

- Conta-me! Vá!

O historiodependente estremece. O parceiro enlouqueceu, imita exigências. O narrador estava escolhido, desde o princípio. Indignado, Lupinho retoma a autoridade:

- Conta-me tu Satanás! Tu és o narrador!

O parceiro não caíra na ratoeira. E agora, contaria o quê? como foram crescendo em escadinha, irmãos sem espírito de irmandade? de proveta em proveta com uma só finalidade. Seria a única saída possível, pelo menos até aprender com o outro a reinventar a sua história. Recrearia episódios, seguindo as regras escolhidas por Lupinho. Que regras? o impostor continuava sem definir se queria conto, novela ou romance, atrapalhando-o. Simão seria o narrador, subestimara a persistência alheia, mas o ouvidor podia colaborar. O parceiro está calado, há um sorriso nos seus lábios. Lupinho põe-se de cócoras. Racional vê-se forçado a arranjar um início para prender o ouvidor, transformá-lo num ouvinte atento evitando-lhe a ansiedade. Lupinho dispensava relatórios, desesperava por um qualquer género literário e dizia

apenas querer uma história. Simão olha o homem de ar esgazeado que uma vez mais lhe abana os ombros e suplica palavras.

A escassos metros, metade da aeronave ainda arde. Há braços pendurados nas janelas, mãos que ainda se mexem. Mas os dois olham e nada vêem: o historiodependente goza a dose vindoura, o proveta esforça-se por contentá-lo, é uma questão de sobrevivência. Labuta! Começar por encantá-lo? chocá-lo? por simplesmente entretê-lo? E o incipit, como concebê-lo? Diria Era Uma Vez? Enquanto se sentisse ignorante, embrulharia as informações preciosas em passados e presentes; embrulhá-las-ia noutras histórias, em delirantes verdades. In Media Res? Seguiria a epopeia, indo pelo meio dos acontecimentos, indo, enquanto saltitava, seleccionando episódios conforme o grau de atracção pública, conforme a técnica avisava. Bastaria aplicar a técnica. Com certeza facilitar-lhe-ia o arranque usar o Era Uma Vez, indo depois pelos géneros até descobrir o de agrado do ouvinte. O Plano Prove poderia ficar irremediavelmente comprometido, tinha disso consciência. Impedido de prever por quanto tempo se arrastaria a intricada situação, no fim de um mundo... Simão poderia ter ali um aliado ou um astuto Velador. Que fazer?

Era Uma Vez, ouviu-se dizer.

VII

Era Uma Vez um Estado onde todos se cumprimentavam com um beijo na testa. E ai de quem desobedecesse à norma do respeito máximo imposta pelas inovações político-sociais. Beijo na testa, rápido e seco, representa o cumprimento ideal. Quebrar tão simples norma significa prática de grave infracção, conforme o catálogo Rebeldia por Canalizar; pior, como se sabe, só a alteração congénita do sistema nervoso.

Noutros tempos, antes da eleição dos novos Príncipes da Ordem, outras normas regiam os habitantes desta velha nação. Após o período do beijo em privado, anterior aos primórdios da Velha Actualidade, começaram a dar dois beijos nas faces, passaram a um só na face direita e, finalmente, acataram o beijo na testa em sinal de Enorme Respeito.

Neste Era Uma Vez, há um público que acredita residir o futuro no passado disfarçado de presente. Vivem felizes os homens e mulheres contemplados! Tudo se readapta, eis uma verdade de créditos fáceis: canalizaram-se as energias para o desfrute individual dentro da comunidade; cumpriram-se as promessas de fácil concretização em períodos de mudança; fizeram-se sentir medidas ao agrado dos egos. Incutidos do dever de participar, os habitantes deste Estado assumem-se vassalos; deliberadamente acarinham os feudos, e bastou uma campanha de bajulação para sufocar eventuais discórdias.

Neste Estado, os governantes venceram gabando-se de nada impor, de apenas sugerir, e o povo acreditou no regresso à pacatez, no retorno ao aconchego maternal. Puro esquecimento, perdão... o público goza o quotidiano, o público aplaude! De estar sempre de acordo com as sugestões dos Príncipes, também o povo se gaba. Qualidade raramente se discute, é um bem a preservar, cede-se sempre a favor de melhor, mas nada de exageros. Os raros sacrifícios exigidos, respeitam a temporalidade, uma temporalidade sabiamente trabalhada, sabiamente apresentada. Seja qual for a exigência ditada, o sacrifício é levantado para descansar os cidadãos, nem que seja apenas por um curto período de tempo. Uma política fácil de entender, bastante aplaudida, aliás, há exemplos nos registos estatais.

A democracia está, finalmente, a ser aperfeiçoada.

VIII

Conta-se que, por altura do lançamento da Lotaria Espontânea (um brinde ao atino do público), foi solicitada uma cedência e exigido um desses sacrifícios temporais, imprescindíveis, paradoxalmente renegado e cumprido com prazer, como sempre sucedia. Esteve o segredo trancado o período necessário à especulação; ao ser lançado no domínio público obteve efeitos práticos instantâneos, precisamente os pretendidos: quando faltava um mês para o lançamento da Espontânea, um porta-dados dos governantes aliciou o apetite do público revelando o mistério em ebulição, fazendo constar pelas redes de comunicação (pelas vias personalizadas, inclusive) a chegada do Jogo do Século, a sofisticação de um antigo sorteio que transformou ao longo de anos pobres em milionários. Dias antes de postas à venda as cópias dos bilhetes de lotaria dos primórdios da actualidade, constara que a Nação iria reclamar todos os prémios individuais em prol do benefício comunitário. Houve um certo burburinho; durou poucas horas, pois logo os governantes se prontificaram a desfazer o boato, garantindo haver apenas a intenção de reclamar alguns dos prémios, ao acaso, na prossecução de um nobre objectivo: materializar as obras indispensáveis ao bem-estar de um povo e outras experiências de emergência observada. Quando a causa é a proximidade da descoberta, torna-se necessário reforçar os cofres do estado, disseram os cientistas, os príncipes da Nova Ordem, os príncipes da

Revitalização. E o público dispôs-se a participar, comprou os modernizados cartões de outrora, deliciando-se com o descarte de dinheiro fresco. Prazer na Hora, dizia a propaganda sobre este dinheiro cartonado, insólito, a descontar nos impostos de quem fosse premiado. Ninguém recusou comprar para dar. A probabilidade da recompensa — garantiam os especialistas acreditados em todas as redes — seria maior do que a probabilidade da reclamação estatal, além disso tratava-se de uma causa nobre, lá está.

E por que não acreditar em quem nunca mentira?

A transbordar de associados compreensivos, as associações de consumidores solicitaram a suspensão temporária dos casinos domiciliados, em sintonia com as justificações dos governantes que, interessados na canalização de atitudes, diziam ser um dever equilibrar os orçamentos familiares. E esgotaram-se os cartões entre o publicitar da ideia e o dia marcado para despontar o Jogo do Século. Carregada de espontaneidade, esta renovada lotaria só não daria prémios a azarentos. Prazer na Hora! É comprar!

No entremeio, os investigadores concluíram que se suspendesse, durante um pequeno período de tempo, a segunda maior fonte de rendimento da nação, ou seja, os casinos domiciliados, o Estado embolsaria um maior lucro, a curto e a longo prazo. As quantias estoiradas pelos jogadores caseiros, dia após dia, seriam canalizadas para a Espontânea e os prémios superariam o prejuízo que, à partida, qualquer paragem nas redes de apostas provocaria na economia geral. Jogo é jogo!

As apostas nos casinos, explorados livremente por patrões globais, são responsáveis por uma boa fatia do Orçamento Comum. Tanto os jogadores como os donos do jogo são taxados: os primeiros nem dão por isso, a taxa dilui-se nas três primeiras apostas do dia, quase sempre compensadas com uma aposta gratuita; quanto aos proprietários das redes, estes contribuem, salvo algumas declarações de Falência Imponderável, com um por cento do lucro que entregam aos serviços reguladores do Estado, de 13 em 13 dias, e não se toleram quaisquer falhas nos pagamentos, falhar representa incoerência na assunção das responsabilidades comunitárias, um crime à luz da lei, a sentença pode ir até à Falência Ponderada.

Neste estado, o entretenimento mais solicitado esteve suspenso três dias e quatro noites, compreensivelmente evitando desperdícios, e o povo canalizou os gastos em benefício da comunidade, endeusando a palavra Canalizar, colocando-a ao mesmo nível da conceituada Participação. Quando se decretou a suspensão dos casinos, reconheceu-se a soberania dos governantes, identificou-se a vontade do público. As multinacionais, empreendedoras, aproveitaram a paralisação e teceram ousados entretenimentos que viraram diversões gratuitas durante três meses. O público delirou! Os prémios da primeira Espontânea foram cedidos ao Estado sem quaisquer reclamações. A nação embolsou milhões. Os governantes cumpriram a promessa numa segunda grande jogada e, de forma aleatória, caçaram um número razoável de prémios, sem causar qualquer alarido.

— Ó Racional, espero que essa conversa mole seja apenas uma introdução...

— Tenha calma. É preciso começar por algum lado, a propósito...

IX

Ninguém vive eternamente, muito menos eternamente feliz. Muito menos neste país de reminiscências judaico-cristãs. Declarada improdutiva, a felicidade sofreu restrições, o gozo da liberdade está no ar condicionado.

— Novas considerações do inexperiente narrador ou temos história?

— As funções do narrador não se esgotam no acto de enunciação...

— Segue, segue!

O povo esperançado elegera os governantes, o público mentalmente regalado incentiva a mudança dos comportamentos. Pelas alamedas centrais bem cuidadas, cada vez mais despovoadas, entre conhecidos e familiares, pelas mais diversas habitações, raro escutar-se outra conversa que não acerca da fabulosa mudança política, os empresários cederam o poder aos cientistas. E assim a Revitalização da Ordem ia matando a incredibilidade. Todos se vangloriam do seu desempenho numa causa de grande nobreza. Enorme! Empenhados em participar de forma ordeira, acatam as leis dos criadores prolíficos que prometeram Um lugar para Cada Um. Mesmo a fé pregada pelos adeptos da seita da Desculpa pouco tempo se manteve, apesar desta religião ter nascido ao encontro de uma maioria de vontades, nasceu tarde. Satisfação sem contrapartida sofrida é uma benesse pontual quanto muito recebida por acumulação de sacrifícios. A fé está canalizada para a Revitalização, o povo acredita nos novos Príncipes, acredita piamente na nova ordem de factores. A

Ciência é a única e verdadeira Ciência. Os cientistas dominam todas as disciplinas, todas as cadeiras.

Os Revitalizadores convenceram tudo e todos, mostrando partilhar do que vai no íntimo do público. A turba congratula-se com o governo dos lúcidos, não só quando chamada a encorpar manifestações, congratula-se no dia-a-dia. Grandes novidades aplicadas pelos eleitos? Os valores encontram-se, basta baptizá-los. Os pecados também se revezam. Os Revitalizadores apenas aplicam uma ordem de ideias fornecendo aos pensamentos o sentido desejado.

Era uma vez? Que esperar de um desejo tão comum? Afeição cega razão!, gritaram os cientistas. Avante ditados e provérbios! Mobilizados os linguistas, obteve-se consenso e prática, estudos aprofundados, especialmente de literatura comparada, pesquisas rumo ao infinito que vão provocando alterações no vocabulário corrente. Manipular as palavras? impossível resistir como, aliás, responderam os filósofos e os comentadores encantados por poder dizer e desdizer sem consequências. Aos homens da Justiça, atraída a satisfação pessoal pela infindável feitura de códigos, coube também importante labor: tomar conta do presente-futuro do estado, legislar e contrariar; logo abastança, logo sessões lúdicas de ataque e contra-ataque, sessões de pura retórica. Criar e ludibriar? impossível resistir. Aos economistas encomendaram-se readaptações de modelos, missão que ainda hoje os entretém porque a economia é a base da riqueza segundo as palavras dos governantes que souberam tomar o poder a quem sempre os sustentara. E os engenheiros e arquitectos, desafiados a projectar ilusões que se pudessem expor em maqueta, dormem angustiados, todavia satisfeitos por se pensarem criadores. Também convidados a participar, psicólogos e demais analistas distraem-se experimentando ensinamentos, manipulando consciências. Tudo tão compreensível! Banidas as profissões consideradas desnecessárias, as restantes foram contempladas com um desempenho no chamado Filme das Operações, como prometido ao longo da sóbria campanha eleitoral.

Queremos o vosso empenhamento de bom grado, num projecto comum — Todos no Filme das Operações! Os Revitalizadores prometeram uma tarefa para cada cidadão, prometeram a distribuição de prazer, a qualidade de vida a

que todos têm direito, prometeram saúde e o caminho para a imortalidade. Para implantar o movimento, rodearam-se de homens do povo, daquele de que se haviam distanciado para investigar fenómenos e leis, na defesa da única Ciência que tudo descobre e cria. Tomaram-lhes os gostos, responderam satisfazendo-os. A ocasião faz o ladrão? Reza a história que houve quem tentasse resistir. Os discípulos, todavia, demorariam a aparecer, despontando no terreno da Revitalização, lentamente, entre os manchados de verde, alegres vítimas da Pastilha! Nestes terrenos vivia Teotónio Assis, o re...

— Pára! Não me contes isso assim!

Irritado, Lupinho interrompe Racional. Levanta-se, dando tabefes nas calças, fazendo soltar o pó vermelho e negro. Volta a sentar-se, fraquejam-lhe as pernas, senta-se ombro a ombro com Simão que tenta desperdiçar o tempo com questões genéricas.

— Então como quer que lhe conte?

— Era uma vez, era uma vez... ouvi tantos meu Deus!

Racional vê no desabafo uma nova oportunidade de extrair ao ouvidor a hipótese de cumprir o seu dever. Se o interlocutor apontasse o género literário, Simão respiraria fundo. E forneceu-lhe outras hipóteses, convencido de que o ouvidor compreendia a razão das suas dúvidas; acrescentou ao conto, novela e romance, a comédia e a tragédia, a epopeia... baixando o tom de voz, espetando no ar dois dedos, vendeu-lhe mais três géneros:

— Canção, biografia, autobiografia?

— Quero lá saber...

Lupinho apoiou a cabeça nos ombros e desatou a chorar, tinha acabado de salvar um transtornado, um perturbado dos piores, de uma frieza assassina.

Morreriam os dois.

X

As perguntas enfurecem Simão, as interrupções obrigam-no a refazer o raciocínio alertando as defesas contra quaisquer tentações; as interrupções abstraem-no... O outro parece não perceber quanto perde ao questioná-lo, quanto perde reagindo da forma menos aconselhável de enfrentar um filho do Seio criado para contrariar. Lupinho parece ter sido ultrapassado pela realidade, até os Limpa-ruas tinham abandonado o método do interrogatório e quando deparavam com renitentes não os metralhavam com prosa, faziam uma única pergunta de resposta obrigatória. Os Limpa-ruas gabavam-se da sua paciência, gabavam-se de não desperdiçar o dinheiro dos contribuintes em estágios no Oriente. Podiam esperar um dia inteiro até sair a confissão pretendida. Por isso, os Racionais foram armados com outras subtilezas, o Seio readaptava-se, aperfeiçoava-se. Sorte não ter sido da leva dos irmãos mais velhos, bastante mais imperfeitos, mal preparados para combater a paciência.

Até àquele dia fora dispensado de qualquer reajustamento, mas não conseguira domar as inúmeras tentações disponíveis e por elas cometera deslizes imperdoáveis. Denotas cansaço, avisaram-no. Gradualmente, tornara-se um impulsivo a necessitar de recuperação, e lá ia a caminho da melhor clínica do mundo, uma reputada casa de saúde de que ninguém conhece o nome; o sigilo é um dos grandes segredos desta clínica, portanto também

ninguém conhece exactamente a sua localização; diz-se ser algures no deserto australiano, diz-se que o lugar pode até revelar-se um oásis ou uma ilha dentro de outra. Ninguém sabe, ninguém que não pertença aos quadros superiores do elenco clínico. Qualquer pedido de tratamento desenvolve-se através de contactos indirectos, a resposta não tarda quando o caso é aceite e traduz-se na concessão das passagens para um destino periodicamente alterado a fim de se anular as indiscrições. Há quem diga que existem diversas dessas unidades de saúde especiais espalhadas pelo planeta, activadas conforme a procura. Os últimos desinternados acreditavam ter estado no deserto australiano, tinham adormecido à chegada e à partida, ficando impossibilitados de descortinar o percurso, dizia-se.

O Seio firmou um contrato de prestação de serviços com a Clínica, na área de reabilitação, de acordo com instruções a fornecer pelos Criadores conforme o caso enviado ao lugar ideal para qualquer espécie de recuperação se se quiser evitar o alarde. Racional não iria inaugurar a ala dos Prove, mas isso não lhe diminuía a preocupação. Confessando-se a Lupinho (cometendo essa imprudência), lamentou que quisessem retirar-lhe o gozo do seu próprio impulsivismo, precisamente quando acabara de descobrir em si essa capacidade que o Seio ensinava a fazer despertar nos inimigos. Em qualquer combate, o impulsivismo descontrolado mata, avisava a cartilha. Primeiro devemos surpreendê-los, acostumá-los aos ataques mansos, convencê-los da nossa inutilidade. Por ora, é imperioso evitar quebras na nossa multiplicação... devemos brandamente irritá-los, nunca desesperá-los.

— Vocês quem são?

— Não entende a história? Que quer que lhe diga mais? Um casal descobriu que os provetas podiam nascer com o sinal verde na orelha...

Lívido, paradoxalmente tranquilo, Lupinho alimenta-se dos detalhes, saboreia um a um, tentando adivinhar conclusões, todavia a narrativa suga-lhe o sangue e é sempre quando se mostra mais excitado que o outro lhe dá rebeldia. Tanta coisa ele quer saber, só para se confundir, confundir o real com o irreal, a verdade com a mentira, o humanismo e a Terra, e que lhe fornece Simão Racional? Fragmentos, apenas fragmentos. Recupera a firmeza da voz e reclama gritando:

— Calma! Há regras a cumprir!

Suavemente Lupinho limpa-lhe o ombro esquerdo e faz-lhe uma festa no pescoço relembrando-lhe a sua situação precária, a força da historiodependência. Simão refaz-se da ameaça e fala-lhe mansamente:

— Se quer um conto... termino já.

— Conto? Essa sua forma disparatada de ser...

XI

Esta fase é mesmo assim, Lupinho sente-se bem e quer mais. E os mecanismos de defesa do Racional estão alerta. Para saber deve-se inquirir, para não falar deve-se fazer falar, murmura Simão convencendo-se de que existirá sempre uma razão para utilizar o interrogatório. O historiodependente parece estar a embalar, enquanto falasse Simão ganharia tempo. E ele precisa de mais algum para entender a cabeça do outro, a mecânica do pensamento, a química da imaginação. Aplicará uma das perguntas-chave ensinadas no Seio. Para ganhar tempo num confronto verbal nada melhor do que causar admiração, diziam os educadores. Desconcertar!

— Que foi que disse? que idade tem?

— Nunca se tem a mesma idade.

— De onde vem?

— Venho de outro estado de espírito.

— Responda. Há quanto tempo anda em viagem?

Lupinho franze a testa, não sabe responder, deambula desde sempre, nem sabe ao certo quanto tempo passou desde que abandonara o seu estado de nascimento. A última permanência? Um dado importante para a história? Afinal Simão queria contar o quê? Está bem, poderia fazer um esforço para recordar partes da sua vida, mas desde já o avisava que sofria de falsidade retrospectiva.

Os pais tinham ido buscá-lo a outro Estado quando anunciara o suicídio naquela missiva enviada à paternidade em dia de desespero. Arrependeu-se no momento em que a registou e lhe deu rede. Para quê preocupar os ilustres parentes, ocupados no desempenho de um importante papel na Revitalização da Ordem? Estamos ocupados sem precedentes, disseram na última visita que lhes fizera. A última vez que visitara a paternidade? eis uma data pouco agradável, não se recorda bem, o cérebro esquiva-se a esse tipo de recordações. Revitalização, essa ficou-lhe, foi a palavra que mais ouviu. E Lupinho tão enjoado... Submisso pede a Simão que prossiga a sua história, que a desenrole de modo a deixá-lo adivinhar; pedia este favor a um semelhante indeciso entre a necessidade de reagir e o dever de desconfiar.

Revitalização, eis um termo familiar a este ser classe bê, da segunda série Prove. Simão desprezou o conceito, insistiu na pergunta tentando apurar quanta era a informação contida naquele corpo dependente, de idade indefinida. Sabendo, podia jogar com as emoções de que o outro dependia, podia provocá-las. E não percebia a razão que levava o seu salvador a evocar de novo a amizade de infância, tentando reforçar a sua gratidão. Inventava agora uma correria pela praia, por uma água límpida, fugindo com uns moleques salteadores; Simão não tinha registo de quaisquer treinos ao lado de um qualquer Santos de Baltazar, recordava-se de todas as caras dos seus parceiros. Como faria Lupinho para conseguir inventar? como manobraria o complexo mecanismo cerebral?

Racional, desprovido de dados, julga ter captado alguns sinais. Baralha-se ainda, por isso evita aplicá-los. Lá chegará. O desejo de Lupinho pendia a favor da realidade, por mais que o Prove Racional repetisse estar impedido de narrar. Por que não o ensinaram a imaginar? Poderia agora aplicar essa aprendizagem e evitaria o crescente complexo, a revelação de um segredo bem guardado. Diziam os criadores que se deve apostar tudo na educação...

Lupinho começa a espirrar, ou serão as convulsões? Pede a Simão que lhe ampare a testa e vomita. Entre um vómito e um espirro, roga a continuação da história, seja o que for, seja conto, romance ou novela. É tudo a mesma coisa, venha a história. Ficar-lhe-ia eternamente grato, repetia esperando convencê-lo. Tentando ganhar tempo, Racional insiste:

— Se tem muita pressa eu termino já. Ficará com um conto e depois não me peça que o transforme em romance ou noutra coisa qualquer. Ou que transforme outra coisa qualquer em...

Não o faria, Racional nem sequer pode garantir que, terminando este episódio, lhe escapem outros. Racional conhece a existência de narradores da ficção, desconhece como desempenhar esse papel. Precisa de exercitar-se, questionar Lupinho para conquistar tempo, porém este não demora a ordenar-lhe:

— Isso nem pensar! Salvei-o por instinto, não pode desiludir-me. Siga a história! Necessito de mais pormenores. Ardo pelo restante. Dê-lhe corpo!

O historiodependente queria saber pormenores sobre o Plano Prove. Intrigava-o esta disparatada maneira de ser do interlocutor. A conversa sobre relatórios e géneros literários, o estranho modo como este Racional lhe satisfazia o desejo, como se lesse na sua testa. Ligeiramente mais alto, fixava-lhe o olhar acima do seu e papagueava, papagueava... Interessante, mas insuficiente.

— E ela? Que lhe aconteceu?

— Ela? Já lhe falei nela?

XII

Ela continua dissecando o dilema. Permanece só na estreita e comprida sala, paradoxalmente cheia, só perante a ameaça — o paradoxo é uma banalidade na actual sequência diária. Os numerosos clientes, ontem seus parceiros de conspirações, negam conhecê-la. E ela nunca antes se permitira duvidar da sua sorte, preocupada em adolescentar pela vida fora mantinha uma fé inabalável. Estaria irremediavelmente comprometida?

— O pacotinho queimava-lhe os dedos, permita-me assim dizê-lo.

A corrida em passo lento esgota-a. Parada tomando fôlego, encara o futuro, jura ir ao combate. A iluminação intensifica-se, parece-lhe cada vez mais amarela e causa-lhe aquela impressão dolorosa nos olhos húmidos. Atormenta-a a memória do passado recente, deixara-se apanhar por um gesto, num ápice vira-se embrulhada naquele desconforto. Surpreende-se, começa a alargar ao futuro as preocupações até então exclusivas do presente. Encara o futuro, encara o balcão. O homem? tem uma vida à sua frente, espera-a ajeitando a gravata, tranquilamente, a transbordar paciência. Os Limpa-ruas são seres tranquilos, não fazem espalhafato.

— Estás a baralhar-me de propósito, Simão. Que tens tu a ver com o caso?

— Tudo se relaciona, neste caso duvidar pouco o beneficia.

— Quem é ela?

— Não estou a ser convincente? Não queria que prosseguisse do ponto onde parei?

— Mas, foi um truque...

— Quem fala agora sou eu. A calma é a base da Ciência, com certeza já ouviu dizer senão provar-lhe-ei a ideia refeita...

Ela nasceu quando ainda se nascia inocente, sem mancha verde, tornando-se inexistente para o regime da Revitalização da Ordem. A Tomada da Pastilha não surpreendeu a sua conturbada adolescência, estava longe, ter-lhe-á condicionado a consciência, porventura. Os pais negavam a educação ortodoxa, por essa razão ela habitara outros estados, conhecera outros povos. Frequentava paragens longínquas quando a alertaram para as novidades revitalizadoras. Regressara às origens, com grande entusiasmo, ainda o povo exigia tranquilidade, mas assistira desinteressadamente à prolífera feitura de leis para a satisfação das exigências populares. As lacunas nunca deixarão de existir, portanto, trata-se de uma preocupação desnecessária antever qualquer problema, há sempre uma maneira de fugir. O seu grupo também regressara de outras experiências com o mesmo ideal de vida: o ser humano necessita de se divertir, de recuperar a tradição dos povos brandos. Todos de acordo, adolescentes feitos pela experiência em estados de diversos níveis e que acreditavam ter encontrado o estado ideal. Ela entendera, neste estado de avanços e recuos, ser importante tomar conta do destino, sem nunca abandonar a ideia de perverter.

— Os Revitalizadores tinham prometido levantar o Estado da decadência. E estavam a reinventá-lo. É a primeira vez que ela se confronta com a realidade do regime. Simão não pode comprometer-se, antes falar dela que sempre é um símbolo da família e já faz parte da História. Empaturrá-lo-ia com pormenores.

XIII

(Por quê ficar adulta de rompante? Pedem-me para abandonar a rebeldia, não o farei. Estou disposta a acreditar. Honrarei pai e mãe!)

Rebelde por leviandade, abstraíra-se do teor das informações que ajudava a segredar, o importante era irritar o estado, os homens do estado. Desconhecia que as sentenças sumárias se multiplicaram, que facilmente se provava a culpa, bastava a convocatória da Justiça. A autoridade andava atenta e merecia toda a confiança, era aceite em qualquer lar. Os boatos continuavam a amedrontar o público satisfeito por nada deter a intriga; falava-se que, à noite, se abriam as portas dos retiros e os marginais reocupavam as ruas; dizia-se que somente os perigosos, doentes corroídos pela mania, fugiam dos poderosos edifícios envidraçados que todos julgavam seguros. O público, aquela turba de cretinos, foi levado a aceitar que à noite todos os gatos são pardos, portanto alguns tiros na noite são disparados por bem. Aparentemente, vive-se no estado de direito que antes a convencera. Esta reflexão lembra-lhe a primeira rebeldia por si segredada pela rede, mensagem suficientemente inócua para circular livremente: Vamos sempre a direito, mesmo quando for necessário curvar — os Revitalizadores gabam-se de ter propiciado o desenvolvimento deste conceito de estado: Vamos a direito, a economia é a base da riqueza! Cumpra-se a Lei! É o que todos queremos!

Caramba!

(O meu pai tinha razão. Se o tivesse ouvido tudo teria sido mais fácil. Que te custa a mancha verde? todos a temos, se for caso disso mesmo manchado se pode lutar, e com outras vantagens. Sem a mancha que podes fazer? nem sequer entras num transporte público... Fartei-me de ouvi-lo! Não nasci para aceitar ordens de criadores. Orgulho-me de adolescentar. E agora estou a ser capturada. Não quero!)

Recusava-se a ser vítima, não participara na Tomada da Pastilha, mas não se consegue escapar continuamente ao destino. Por vezes a imaginação esgota-se. O pai da Pastilha não imaginou, esqueceu-se do efeito colateral da sua magnífica descoberta cientificamente irrepreensível. Na fase experimental, o êxito entontecera: os operários da fábrica-piloto regozijaram-se com a retirada do relógio de ponto; deixaram de se preocupar com a justificação das faltas; deixaram de sentir no vencimento as classificações anuais, invariavelmente injustas, o esforço despendido nas tarefas era medido escrupulosamente e registado sem permitir quaisquer dúvidas. Foram detectados alguns espertalhaços, mas rapidamente se aperfeiçoou o mecanismo. Durante a experiência os trabalhadores desejavam trabalhar, fora da fábrica tudo se mostrava pouco evoluído, bastante inseguro; fora do lugar de trabalho, transformavam-se em anónimos portadores de cartões, perdiam a vida ditando dados, carregando em botões; sentiam-se controlados e mal pagos, ameaçados por marginais. Bastara tomar a Pastilha e a mudança surgira inesperadamente, sem defraudar as expectativas de quem já dificilmente acredita. E em qualquer língua se diz Quem Não Deve Não Teme, a grande frase de propaganda da Revitalização da Ordem que enche de orgulho um povo, carinhosamente chamado público.

(Se eu não acreditar que tu existes, não te vejo — isto dizia a minha mãe quando queria fazer-me entender a sua experiência. A solução está na descrença, atalhava o meu pai. Não sei porque este homem, um simples Limpa-ruas, me faz recordar os meus pais. Neste momento, talvez devesse

evocar um Deus ou mesmo um profeta barato. Os milagres são soluções inesperadas, bem-vindas apesar da ânsia)

Para se safar da inexistência precoce, deveria evocar o nome de um governante, de um poderoso amigo de família, mas a recente mutação do seu pensamento impedia-a de evocar nomes em sua defesa. Um dia, ao acordar decidira ser coerente, determinada, e prometera: se não gostasse de um copo por ele não beberia. Não tomara a Pastilha por simples rebeldia adolescente, decidiria ser coerente mais tarde, muito mais tarde quando este grupo de amigos a convenceu da vantagem de ser uma desmanchada: nunca seria possível detectar qualquer acção da sua parte, nada mediria a sua tendência para o Exagero, quando se não existe torna-se mais fácil escapar à própria existência. Não deixaria de correr riscos: os seus dados estavam nos Ficheiros Centrais de Identificação, onde estavam registadas as fugas à tomada da Pastilha. Quem não aderira não estava inocente, a maioria assim acreditava. A evidência dificilmente se contraria. Quem não deve não teme! Ver para crer!, berrou-se com toda a garra, repetindo as palavras ouvidas das bocas do governo, de bocas crentes na Ciência. É preciso expormo-nos se queremos ser vistos, é preciso dizer que se está inocente senão quem acreditará? A Revitalização da Ordem tornara-se essencial, desejada por quantos somos o público, recriava as nossas vidas.

Legitimada pela descrença, a Revo evoluía com a contribuição da turba. Os governantes geravam os problemas e mostravam saber resolvê-los.

XIV

— Que estilo de aventura é esta, meu rapaz?

— Relembro-lhe a imprudência da precipitação.

— Que riscos corre ela então? Como tem tempo de pensar isso tudo enquanto avança para o limpa-ruas?

— Relembro-lhe o despropósito das suas questões...

— Racional, a personagem compromete-o? Diga-me.

— Quero continuar. Tomei-lhe o gosto. Eles fizeram apenas uma pergunta: pela mancha ou contra a mancha?

Contra a mancha? é uma expressão demasiado extensa para merecer respeito. Pela mancha! Todos se solidarizaram com a medida, poucos se atreveram a contrariar a vontade da maioria absoluta, afinal bem intencionada e que deu o poder aos cientistas; e quando se soube do desaparecimento do primeiro grupo de atrevidos, evaporaram-se os eventuais opositores. A excepção Teotónio Assis — um homem considerado optimista, portanto dentro dos padrões acordados — evoluiria devagar, os óptimos resultados da Revitalização garantiriam a total anuência da turba ao longo de muitas décadas.

Pela Revo! Quem ameaça a sua ira gasta! Os governantes mostravam o lado da razão, e quem desacreditaria a mensagem dos homens de ciência que citavam o povo? Tanto outros especialistas tinham experimentado governar e

nunca conseguiram impedir a decadência, agora estes recolhiam os louros pela recuperação do estado. Recusar anuir complica a existência; a mancha, encarada friamente, não impedia ninguém de prosseguir o seu destino.

Deu-se a Tomada da Pastilha, respondeu-se ao apelo com convicção, acreditando no poder da mancha, dando fé à tranquilidade progressista. Evidentemente, todos recriminavam os poucos atrevidos que se negaram a responder à pergunta, e apoiavam qualquer acção contra esses atrevidos que queriam manter-se inexistentes. Havia, pois, que desencantar os silenciosos, revitalizar-lhes a existência. Todos se converteram. Haja sensatez, suplicava-se entre o povo. O mal alheio dá conselho, depois da tempestade vem a bonança!, alertaram os Revitalizadores.

A necessidade faz lei!, transmitiam os governantes nas mensagens audiovisuais, periodicamente relançadas, desvirtuando a linguagem. Os governantes falavam de papo. Toda a turba, e não em turba, aplaudiu a mudança, avalizando a adopção do novo nome do seu velho estado, orgulhosos do revitalizado Paternal. Respirou-se compreensão, deslumbramento. Retomou-se o sono profundo, o descanso nocturno antes sobressaltado por marginais; agarrou-se a plenitude do bem-estar comum. Os novos governantes criaram uma nova realidade, honra lhes seja feita. Honra e proveito não cabem num saco, é uma verdade se não se aplicar o ponto de equilíbrio conforme estabeleceram os venerados cientistas, obreiros do novo regime, nas constantes mensagens para reforçar a vassalagem. De início, as altas entidades revezavam-se: cada dia o responsável de um determinado departamento governamental transmitia a sua dose de palavreado; serviam-se de ditados populares atribuindo-lhes significados de acordo com os ideais da Revitalização da Ordem. Sem estafar a língua, convenceram uma pesada maioria, persistindo confiantes e eliminando gradualmente as interrogações neutralizaram os renitentes. A prazo, as mensagens suceder-se-iam pontualmente mas noutra constância. Dificilmente se conseguia evitar o consumo de uma dose mínima de mensagens revitalizantes, improvável não ser captado pelas transmissões Revo, a designação adoptada em todos os amplos meios de comunicação, inclusive nos das sociedades privadas que se

prontificaram imediatamente a participar na promissora Revitalização do Estado.

Aqueles crânios, mensageiros em rotatividade, eram os sábios conselheiros e apenas pediam a participação do público, uma participação indispensável a esta experiência orientada para a satisfação comum, para este novo Estado denominado Paternal. Participação?, a palavra aparecia seguida de um pequeno ponto de interrogação que cumpria o objectivo de comprometer a atenção do leitor; Participação? era uma palavra que aparecia logo a seguir ao genérico das transmissões Revo, depois ouvia-se uma voz exclamativa. Na boca dos governantes significava uma ordem, aos ouvidos do público soava como um natural apelo ao empenhamento voluntário numa nobre causa.

Dizia-se que o público suportava a repetição da palavra, porque também desconhecia como fugir-lhe. O povo nem queria saber... a vida corria-lhe bem.

XV

O controlo das audiências ia apertando, os estudiosos baseavam-se na análise de dados, faziam-no a pedido da sociedade, respondendo à fomentada avidez pela ponderação. A vontade será sempre a da maioria.

Foi instalado um sistema amplo, o audiómetro media o tempo de utilização das redes de informação e de comunicação por cada indivíduo. Sabendo o que a maioria gosta, rapidamente se pode satisfazê-la, não deixando de atender às especificidades de cada um. O audiómetro abrange todos os domicílios, foi autorizado no âmbito do Dever de Participar e em contrapartida, além do aperfeiçoamento da satisfação dos utilizadores, eram dados benefícios imediatos, tipo brindes surpresa sorteados conforme a subida do Grau de Dedicação. O audiómetro regista detalhes, regista a dedicação do utilizador a determinada emissão e, quando a dedicação se apresenta abaixo dos níveis previstos, os Serviços Centrais de Contabilidade notificam os prevaricadores. Ninguém gosta de receber esse tipo de notificações, até porque são tornadas públicas. Uma série completa de mensagens revitalizantes, quatro num mês, é o mínimo a ser escutado. Quanto mais tempo se dispensasse a determinadas emissões consideradas fora do sistema interno, mais hipóteses se tinha de ser chamado a dar explicações sobre essa excessiva disponibilidade, sobre o que se lera e o que se ouvira. Revelar intimidades representa um acto patriótico, a bem do estado Paternal. Por quê

desperdiçar tanto tempo com leituras impróprias, quando devemos ter outras preocupações? outras preocupações para com o nosso estado, para com os orientadores que nada fazem sem evocar o povo, que tudo fazem para facilitar a existência da turba? Para isso foram eleitos uma vez, o aval interno que representou a aceitação da Tomada da Pastilha dispensou o futuro de mais eleições e resolveu-se o problema da abstenção, um papão dos actos eleitorais.

O sistema de medição foi-se implantando, não foi imposto, afirmar o contrário seria desvalorizar as técnicas desse departamento governamental, ninguém era obrigado, mas depois não se queixasse das decisões do Governo. Quem não participa não tem o Direito de Reclamar. Foi impossível resistir às campanhas de lançamento do audiómetro revitalizado e até o consumidor frígido, registado nos Serviços Centrais como o mais difícil de satisfazer, deixou-se convencer. Foi assim que muita coisa surgiu à medida das vontades maioritárias. O que é que custava dar um contributo para rumar ao futuro, impor de novo um Estado perdido na confusão de anos tristonhos? O lucro estava na apregoada qualidade de vida...

Seria injusto esquecer nesta página a existência de alguns cidadãos que, aplaudindo parcialmente a Revitalização da Ordem, por defenderem outra noção de Exagero, pensaram ser fácil desfazer-se da pastilha e foram a correr tomá-la, convencidos de que na digestão seguinte expeliriam o sistema inibidor. Isso já acontecera na fábrica, durante a experiência piloto a manigância facilmente se detectou porque os espertalhões tentavam sempre retomar o posto de trabalho, esbarravam logo à entrada: a porta não se abria por ausência de entendimento de sons, a sua existência não era reconhecida e imediatamente os seguranças do Projecto Past detinham o infractor. O processo foi reanalisado pelo investigador e uma equipa do estado. Concluíram os investigadores que alguns organismos poderiam eliminar a substância orgânica que colava o mecanismo às paredes do estômago; o invólucro do chip foi repensado, o sistema limado: nunca mais ninguém expeliu a Pastilha e todos os operários apresentavam um funcionamento regular de intestinos. Claro que, na preparação da Tomada da Pastilha, alguns membros do governo manifestaram as suas dúvidas quanto à eficácia do produto, se já acontecera

uma vez era preciso estar alerta, talvez fosse de adiar a tomada e aperfeiçoar a peça. Pouco tempo depois, tornando desnecessário o adiamento, um cientista anónimo da equipa do estado a trabalhar com o inventor Rigoberto Pastor sugeriu que toda a peça fosse de matéria orgânica, que se dissolveria tal como uma pastilha. Claro que os governantes não publicitaram desde logo essa qualidade de dissolução e houve quem caísse direitinho: a todos quantos pensaram enganar o sistema, fingindo uma adesão incondicional, os laxantes causaram danos notórios.

XVI

Mas foi com a implantação do audiómetro que o sistema gerou o primeiro rebelde do estado Paternal. Teotónio Assis começou por recusar a instalação do controlo de audiências em sua casa, entendia, na onda da maioria, que a participação podia ser um dever e até um direito, mas nunca deixaria que fosse controlada por qualquer aparelhómetro que não a Pastilha. Diz-se que, em todas as épocas, nasce um grande opositor, pelo menos um, e vem de onde menos se espera. Foi antes, pouco antes, da Tomada da Pastilha.

Teotónio nascera tarde, nascera de nove meses. Durante os primeiros anos, os seus pais vigiaram-no angustiados: os médicos garantiam tratar-se de uma criança saudável, no máximo poderia levar mais tempo a aprender do que uma criança nascida em tempo normal, porém, essa situação podia ser remediada se a aprendizagem lhe fosse ministrada em horas extra. A mãe pediu suspensão do serviço para educar a criança, as Encomendas Postais aceitaram a validade da justificação, também um colaborador a menos não provoca qualquer perturbação neste serviço público destinado a manter viva a tradição do papel; o pai tivera igualmente licença de horas e nunca a desperdiçou, brilhando como educador, chegando a director do Departamento de Estatística.

O rapaz, educado a preceito, enfrentou os anos escolares sem quaisquer dificuldades, nem as sentiu nos biscates que fazia para engordar a

mesada paterna. Perfez os vinte anos enriquecendo com a virtualização de Fátima. Rico com o seu Descubra o Segredo, lembrou-se de criar a Associação dos Nascidos de 9 Meses e começou a procurá-los. Financiou a divulgação de Virtualizar Por Aí!, uma música que levou a sua banda privativa à ribalta, permitindo-lhe aumentar o volume dos investimentos paralelos.

— Lá estás tu a insistir. O nome dele não me é estranho, mas a história cheira-me a esturro. Eu quero é saber dela. Não vês que estou de novo a suar?

— Ela permanece na dúvida. Lembre-se que ninguém pode garantir o que fará numa situação extrema. Só os privilegiados e mesmo esses...

Simão retoma o seu ar compenetrado. Falar-lhe-ia dela, daquele momento passado que lhe mudaria a existência. Houve quem classificasse o acaso como uma tomada de consciência, o filho do peixe é obrigado a saber nadar. Nadar e Tomar são palavras polissêmicas.

— Mas eu digo-lhe que ela continuava a pensar, parada no Corredor, mergulhada em retrospectivas sem saber como escapar ao Limpa-ruas, ali plantado ao balcão, dominando a porta de saída do bar.

XVII

(Salvar-me, como? Negarei os meus princípios?)

Que princípios?, perguntara o namorado no momento exacto em que surgira o rapazola balbuciando qualquer coisa. O namorado zangado porque ela faltara ao compromisso de passar mensagens; ela, despreocupada, desdramatizara o incumprimento: simplesmente adormecera no sofá do Corredor, a culpa é da insistência do namorado quanto à pontualidade; se importava espalhar mensagens, qualquer ocasião deveria ser boa para fazê-lo; ele argumentara ser uma questão de princípio, gritando estar farto da sua irresponsabilidade; ela respondera que nunca se deve partir de princípios, simplesmente o corpo não aguentara pela hora combinada. Que mal fizera ao mundo? Por causa desta discussão, nem ligou aos movimentos do rapazola da classe dos Moleques de Boné que possuíam o dom de se evaporar tão surpreendentemente como surgiam quando era preciso comprometer alguém. São figuras sinistras, temidas entre quem nunca as viu, porque quem as vê raramente reaparece. A ela, pôs-lhe a mão no bolso, largando algo comprometedor.

(*Princípios? Não sou das que nasceram para sofrer. Todos eles me conhecem. Já cumpri arriscadas demandas, em lugar dos voluntários do dia,*

ponho sempre ao dispor do grupo a vantagem de ser incontrolável; inúmeras vezes me propus substituir os portadores da pastilha que facilmente podem ser detectados e quase ninguém recusou. Só a denúncia pode matar-me, dizia eu, pensando gozar de um privilégio. Acreditei no grupo)

A vida não é feita de sacrifícios, esta razão tinha unido aqueles sete amadores, desadaptados do estado de naturalidade. A subversão começou por brincadeira e não para levar a peito, e ela assim entendia o entretenimento de bombardear redes com palavras. Aquele grupo ressuscitador das extintas tertúlias, começara a conspirar para se entreter, seis meses depois do primeiro encontro neste bar suspeito de alimentar jovens atrevidos, oriundos das alamedas novas, de domicílios respeitáveis. Juntavam-se todas as noites no Corredor, sentindo-se protegidos neste espaço citadino abrangido pela Lei da Tolerância. Os revitalizadores respeitam o espírito de iniciativa, especialmente se familiar... e convêm-lhes alguns exemplos a negar as restrições. Ao Corredor todos são livres de ir, se é ponto de encontro de atrevidos, melhor, facilita a prevenção. A heterogeneidade dos períodos em que anda na moda neutraliza a fauna, distraindo-a. Convictos, os governantes ordenaram aos Limpa-ruas que cumprissem a sua missão, dobrando a cautela: controlem a fauna, vulgo clientela, mas sem causar perturbações no interior, pelo menos enquanto durar a moda do lazer no Corredor.

(Garantiram-me segurança. Aqui, dizem que eles evitam entrar, desde que não se exceda a margem do Exagero. A discussão exaltou-me, mas eu pertenço à classe dos inexistentes... Disseram-me: no Corredor todos são iguais e o comportamento é livre, somos protegidos pela Lei da Tolerância. Fora daqui, sim, podem surgir problemas. Desvalorizei as conversas. Quase tudo o que se diz pela calada é para mim ficção. Nunca tinha visto um Limpa-ruas e dizem que eles não se escondem, andam na rua, há quem os veja... Agora estou a vê-lo, reconheço-lhe a gravata da farda e morro de medo graças a um pacotinho depositado no meu bolso. Intuo que o seu desejo é fazer vítimas. Passo a acreditar nesta realidade...)

Qualquer um pode ser capturado em qualquer lugar, poupa-se o espaço excluindo a fauna, ouvira da boca de um conhecido assessor que ali se embebedava de borla, todas as sextas-feiras, dado o seu contributo para a despenalização do Corredor. O Corredor, negócio de uma só família, sobrevivera a diversas intempéries, progredindo de pai para filho, aumentando a fama, quando, por razões de descendência, o negócio foi tomado pelos três primos e estes souberam impor a imagem do lazer alternativa ao aconchego do lar. Café matinal e copo nocturno, sempre prontos a serem servidos, mesmo durante a recessão, por ventura os governantes negariam esse esforço quando eram os primeiros a enaltecer o lazer? Muitos pais responsáveis percorrem o Corredor e a sua influência chegaria para desacreditar o sistema de limpeza, caso presenciassem a captura de alguém conhecido; mesmo os revitalizadores praticantes não perdoariam se assistissem a qualquer atentado aos direitos dos cidadãos num lugar abrangido pela Lei da Tolerância. A classificação Espaço de Lazer tem de ser respeitada. Cumpra-se a Lei!

(Não sei se evocarei alguém, algum nome em meu proveito, esse seria o caminho da sobrevivência. Mas, neste preciso momento, nem sei se estou preparada para o futuro, habituei-me a viver e não a sobreviver. Recuso que a minha existência se apague assim, sem glória. É certo que apenas quero continuar a viver e, por isso, qualquer manigância é justa, aceito até amadurecer, abandonar a adolescência. Claro que me esquivarei a denunciar o grupo...)

O grupo, devoto dos tempos livres, cultivava a aventura, gostava de aproveitar a adrenalina, sem grande estafa, doseando as noites evita-se provocar Exagero, a tal coisa que só os governantes sabem medir. Nas noites decisivas, bolado o plano, o grupo delirava apesar de só um dos membros ficar incumbido da demanda. Pouco a pouco, as noites decisivas foram aumentando, o sabor do perigo tornou-os ávidos e a experiência ajudou-os a multiplicar a prática. Habitualmente, desenvolviam a subversão através das redes informativas, porque podiam gozar a inevitável consequência sem serem descobertos; satisfaziam-se pontualmente, deliravam ao saber que os seus

actos eram considerados brincadeiras inofensivas e não subvertimentos. Adeptos da discrição, amantes da metáfora, normalmente optavam pela prática da mensagem em detrimento da perturbação dos circuitos, demasiado arriscada e de gozo limitado ao momento da operação: não era fácil despistar o sistema de segurança, excitava-os as tentativas, porém, raramente concretizavam o objectivo destruir, preferiam perverter os lugares que atacavam. O grupo gostava mesmo era de minar, difundindo os seus Alertas, parágrafos aparentemente inócuos que se multiplicavam por todos os sítios da rede como um vírus lapa mas inofensivo.

(Garanto que os Alertas são puro divertimento. Poucos entendem essas mensagens como alertas e só nós os sete acreditamos serem mensagens subversivas... Divertimo-nos, aproveitando as vantagens do regime revitalizador, nunca fiz mal a ninguém nem sequer conjuro verdadeiramente... mesmo em criança nunca pensei o que queria ser quando fosse grande. Agora sinto-me completamente abandonada a mim própria. Desiludi os meus amigos, despertei a atenção do estado. Estou pronta a aprender com esses erros... Vai-te embora Limpa-ruas!)

Na noite anterior, comprometera-se a decorar a mensagem e a difundi-la na melhor hora, antes do Despertar Solar. Até ontem esquivara-se à prática da escrita, compensava essa falta de voluntarismo prontificando-se para desempenhar subversões imediatas tipo entrar num sítio utilizando um terminal de um serviço da Nação, mas ontem, chegado o Momento do Voluntário ninguém gritou EU!, todos olharam para ela e foi-lhe impossível escapar. Por motivos de segurança, não poderia programar a demanda; não fora essa precaução excessiva e ela teria cumprido a missão. Quando o bar fechou a porta, o namorado fez-lhe companhia durante um bom bocado, mantendo-a acordada, mas a tarefa pertencia-lhe e ele precisava de descansar para poder cumprir a sua incumbência: analisar, cedo, logo pela manhã, o resultado da difusão. A ideia era continuar a bombardear as redes com parágrafos, ao longo do dia, e tendo em conta as reacções à mensagem optar-se-ia ou não por outra perturbação de circuitos. Ela deitou-se no sofá do Corredor, quinze

minutos antes da hora marcada correria a um terminal de rua e subverteria o sistema fazendo de conta que buscava qualquer informação. Programara todos os passos a dar e, pronto, adormecera. Acordada pelo empregado da manhã, percebeu ser tarde, já muito tarde... na rua tomou o caminho de casa, iria dormir, cumpriria a incumbência na madrugada seguinte. O mundo não desapareceria. Mas o namorado detestava acordar cedo e pior ficou quando se apercebeu de que ele próprio se levantara em vão.

(Neste momento sim, corro o risco do inevitável. E nem o dito meu amor me socorreu. Evaporou-se, mais o moleque que me comprometeu... Provavelmente, fiz algo de muito grave. Repararei este erro de conduta, sem qualquer ajuda. O parvo desiludiu-me tanto como a realidade do regime.)

O pai dela simpatizava pouco com o referido namorado, classificando-o de hilariante improcedente e, afinal, o rapaz zangara-se em defesa de uma questão de princípio. Ninguém jurara fidelidade ao grupo, é certo, mas para o rapaz dos subúrbios a fidelidade estava implícita: as incumbências assumiam-se voluntariamente, portanto não se justificavam atropelos aos planos; portanto ele, impoluto, acusava-a de desmazelo e discernimento retardado. Tinha bastado ir lá abaixo à rua, dobrar duas esquinas, e induzir o circuito para o parágrafo atingir os destinatários. Difícil? Discernimento retardado? realmente, sentira-se ofendida... até sentir a maldição do pacotinho no seu bolso e compreender ser tarde, demasiado tarde... Ele, seu companheiro de luta e namorado, zarpara. Ele? que estranha maneira de retribuir, que falta de princípios, afinal. Nada se faz se um de nós nada fizer, berrou-lhe antes de virar costas. O grupo dos sete considerava todas as tarefas imprescindíveis, pela primeira vez alguém desperdiçara uma oportunidade, tomando a única atitude proibida, o desperdício do tempo. Haviam combinado divertir-se ao perceberem que, na realidade, não era permitido; brincar até poder, haviam acordado naquele mesmo café-bar, onde se juntaram os sete desambientados, curiosos, quando recém-chegados ao Estado revitalizado. Inebriados pelos dizeres, acreditavam no falhanço das alternativas, paradoxalmente acreditaram

no Direito de Opção. Em breve, ela cresceria... Realmente, como poderia ter adormecido numa situação tão próxima do desespero?

(Do desespero estou eu agora a um passo. Que fazer, a dois passos do Limpa-ruas? Nada! Pode ser que o pacotinho nada signifique, nada tenha, nada seja. Pode ser que acorde...)

O limpa-ruas já não a fixa nos olhos, tem o olhar no bolso onde a mão trémula se agita. O seu sorriso irrita-a. O inimigo irá agir como um conselheiro, dizendo ser preferível confessar a culpabilidade: será mais vantajoso, para si, para mim e para o Estado; pôr-lhe-á a mão no ombro, apertará a gravata vermelha e, de sorriso mais estreito, aconselhará a aceitação do destino. A resistência será amansada com pressões no ombro, dolorosas pressões de dedos rijos, tecnicamente ministradas. Não haverá nada a fazer, ninguém se aproximará; ninguém protege outrem, cada um tem o seu próprio destino, uma vida que se sabe impar. Um engravatado no Corredor? Amanhã haverá notícia desta mini-acção de limpeza justificada pela desobediência ao Estado de Direito, como todas as capturas feitas em nome da Revitalização da Ordem. Aparentemente distraída, muita gente observa o Limpa-ruas. A fauna estava admirada, pensava que só um Exagero extremamente grave (não tinham dado por nada) faria entrar no Corredor um Limpa-ruas, mas todos faziam de conta que não o viam.

(Quem não deve não teme! dizem eles. Quem não arrisca aprisca, também é válido. Ver para crer, dizia a minha mãe defendendo um ideal mal entendido. Não me reterão por muito tempo. Juro não me converter!)

O limpa-ruas permanece tranquilo, é a sua captura da noite, grão a grão enche a galinha o papo, dizia a turba. O medo cresceu entre o público informado sobre o aumento das vítimas de criminosos; satisfeita pela regressão, a turba regozija-se com o número das limpezas justificadas. Quem não deve não teme! o povo elogiará a eficácia dos Limpa-ruas no desempenho da missão que lhes foi confiada, vaticinaram os governantes, quando ainda

candidatos, desfazendo a desconfiança nas forças policiais. Sem dúvida que quem não deve não teme, pensou o povo revoltado, orgulhoso da sua própria impotência. E, valorizando a prevenção, foi em massa registar intimidades mal o Estado as solicitou. Contaram-se lavagens de dentes, coceiras, beijos e carícias... nomes de quem se supunha ser devedor. Os refugiados no silêncio mereciam consideração? Respeita-se quem se dá ao respeito, abaixo os empecilhos, desligue-se os insignificantes.

Quem não deve não teme! A realidade revitalizada venceu.

XVIII

A consolidação do regime deu-se com a Tomada da Pastilha. Grande dia! Não se pode negar, não há registo de uma anuência popular como esta, até a Grande Selectiva lhe dedica dois capítulos. Está escrito que todos acreditaram genuinamente nesta pílula da felicidade e naquele dia encheram a capital aderindo ao movimento. Empresários, devoristas, crentes de fés diversas, artistas e demais intelectuais correram a engolir a pastilha. Há muito que não se via uma multidão assim, circulando pelas ruas sem provocar qualquer desordem, dominada pela ideia de uma nova qualidade de vida, pronta a consagrar definitivamente a Revitalização da Ordem.

Desde os primeiros testes que os governantes endrominavam uma maneira de mostrar ao público a invenção que o Estado aperfeiçoara. Rigoberto Pastor era o homem do momento, mas sem o apoio do Governo o pequeno chip seria um artigo de entretenimento familiar. Os governantes sabiam dos rumores e dúvidas que circulavam entre a populaça sobre a anunciada colocação da Segunda Pedra para a Felicidade Humana. Os cientistas sabiam ter gerado uma grande expectativa com as informações que puseram a circular sobre o fim da burocracia, o fim de um sistema aparentemente organizado, sobre o início de uma nova era, a Era da Prosperidade Adequada. E um simples e inofensivo mecanismo seria o protagonista desta revolução, depois do povo aceitar de bom grado engolir o invento.

A apresentação e a tomada far-se-ão no mesmo dia, tornando-se a data feriado nacional, decretou o governo para gáudio da turba. Além do mais, qualquer cidadão Paternal podia tomar a sua pastilha em qualquer cidade do Estado, fosse ou não residente na área. A capital foi a cidade mais procurada e as filas nos locais de distribuição começaram a formar-se ainda de madrugada, engrossando ao longo do dia. Essas vinte e quatro horas na verdade foram trinta e oito para que todos, ou quase todos, respondessem à chamada do poder e beneficiassem daquele rasgo de luz científica, aquelas vinte e quatro horas, dizia, ficaram registadas e, volta não volta, passavam nos Visionários para que se desse valor à mudança, para jamais ser possível esquecer a Era da Burocracia; só a recordação permite dar valor ao futuro, apregoaram o governo e todos os seus agentes.

Os agentes do governo eram o braço do poder em todo o Estado, talvez uma espécie de fiscais, embora não se possa confundir aquilo a que uns e outros se dedicavam, e até nem eram mal tolerados estes olhos e ouvidos da Nova Ordem, dada a sua vocação didáctica e a facilidade com que se integravam na comunidade. Graças à actuação de um destes orientadores da política vigente, o chip tinha sofrido um aperfeiçoamento técnico elevado
e assim, entre outras inovações, a deglutição passara a provocar o aparecimento de uma mancha verde na orelha, a fim de facilitar a detecção de fugas à ordem, uma consequência explicada pelo governo dois dias depois (dois dias para dar a ideia de que o problema os surpreendeu e teve de ser analisado) dos engolidores descobrirem: trata-se de um mero acaso, desconhecíamos esse efeito secundário, mas desde já garantimos que nada significa em termos de direitos perante o Estado, é do conhecimento público que não obrigámos ninguém a tomar a Pastilha, e que diferença faz uma cor (provavelmente com o tempo desaparecerá) se quem não deve não teme?

Vivia-se uma época de transparência, por isso, no dia feriado, na consagração máxima à Tomada da Pastilha, abriram-se as portas dos Ficheiros Centrais de Identificação e os retiros de homens de fato cinzento e gravata vermelha, a centenas de visitantes, para que ficasse clara a clareza do regime. Centenas de curiosos confirmaram estar tudo montado a pensar no bem-estar do povo: nos Ficheiros Centrais apenas se registavam os nomes dos cidadãos

numerados por idades e só para o Estado ter uma referência das Pastilhas em utilização; nos retiros, dois ou três pela cidade, estavam homens a zelar pelo equilíbrio social e se alguém necessitasse da sua atenção partiriam de urgência em socorro da comunidade. Tudo explicado, ao contrário dos impostos, o ritmo de quem se empenha tem subido, não há tempo para mais pormenores. No Seio, as coisas eram apreciadas segundo outra perspectiva, estranhava-se que o chip medisse o Exagero quando nenhum dos seus portadores, com excepção dos governantes principais, conhecia essa medida-pico que fazia tocar o alarme nos retiros dos Limpa-ruas. O que será exagerar?

— Mas a Pastilha foi, continua a ser, um invento fenomenal. Desde a concepção à produção, dá para ver que estes cientistas não estão mal rodeados. Não há-de o povo atingir a felicidade se paga menos impostos e não tem de andar sempre a identificar-se? Não está de acordo?

— Roda, roda! Estás a encher-me de lugares comuns...

— Que quer que faça? Desconheço outros. Não fui preparado para responder à sua exigência, ou necessidade, como queira. E você ainda complica, recusando entender o meu drama, deixando o essencial ao meu critério...

— Apostei em si, nas indicações que você próprio transmitiu sem saber que estava a observá-lo. No seu comportamento...

— Que raio de garantia...

— Eu apenas quero que dê voz a um monólogo e você fala-me de química...

— Para mim seria importante saber como despertar essa química e assim despertar em mim outros caminhos.

— Caramba! Basta-me a sua história: fale-me dos Proves, conte-me tudo sobre essa mulher comprometida por um pacotinho no bolso. Um pacotinho... Desculpe tê-lo interrompido. Você sabe inventar.

— Quem me dera saber. Gostaria de satisfazê-lo, acredite, você merece. Agradeço ter-me salvado, apesar de nada lhe ter pedido. Apreciei o seu acto heróico e entendo os seus motivos egoístas, estando em causa a sobrevivência. Estou a esforçar-me, mesmo incumbido de guardar este

segredo. Comprometi-me. Tudo o que eu fizer se saberá, nem que esteja no fim do mundo. E você também está comprometido. Se eles descobrirem...

— Lá chegaremos. Invente. Sus!

— Para mim é uma tarefa ciclópica...

— O que tu precisas é de um cicloscópio... és tão rotativo. Ninguém nos descobrirá, acredita. Avança, quem não deve não teme. Não é?

— Ri-se? E você? teme? deve? Há coisas com as quais não se brinca.

A tirada surpreendeu Lupinho, apanhou-o desprevenido, espera a continuação da narrativa... Já não sua, esfria-se-lhe o corpo; perplexo, abre os olhos ensanguentados, inclina a cabeça, candidamente, e sorri. Precisa de muito mais para saciar a apetência, ao princípio era menos exigente esta historiodependência. E ri, achando piada à rima do pensamento. Ri porque teme que o narrador se cale. Salvou um homem experiente e teimoso, muito teimoso, espertalhão encapotado, um homem que dava, baralhava e tornava a dar. E logo tinham que estar no fim do mundo, sem alternativa. Preferia a guerra. Planara grandemente no leste, alimentando a sua vida com o sabor de outras. Apanhou a região numa das temporadas de bonança, tão prolongada que quando a guerra se reactivou a comunidade internacional pensou estar em presença de um novo conflito.

XIX

Um paraíso era o que era aquela região semi-destruída: tantas histórias, tantas doses à mão de semear. Os lestistas dispensavam quaisquer exigências para começar a desbobinar. Na pele de um animal de arena, pouca coisa surpreendia os veteranos deste estado de tensão, já nem as visitas dos curiosos, a que antes chamavam turistas, os admiravam. Durante um ano, o primeiro desta guerra civil, admirou-os a coragem dos visitantes que lhes aliviavam o quotidiano, distraindo-os da destruição fratricida; a presença dos estrangeiros fazia-os acreditar que a vida continua mesmo em tempo de guerra; quando a guerrilha foi considerada incontrolável, os aventureiros pacíficos começaram a rarear e os lestistas resignaram-se à tensão do espírito, vendo nos observadores encartados meros curiosos sem qualquer graça.

A guerra entrou na normalidade, e então surgiram as visitas organizadas e grupos excursionistas de diversas origens invadiam aqueles estados, vivendo aventuras programadas. Os locais sentiram-se despeitados e o despeito cresceu quando leram os folhetos das agências de turismo propondo férias excitantes na região da Europa, onde as batalhas se mantinham para pura diversão e comércio. Entenderam que quando os folhetos falavam em habitantes da Reserva era a eles que se referiam, a Federação Europeia considerava-os habitantes da sua reserva, uma pouca vergonha, o bom senso morrera. O mundo agitou-se. Os lestistas revoltaram-se, apelaram a outros

estados em guerra, obtendo o apoio verbal de africanos e orientais. A Federação Europeia apressou-se a informar o mundo quanto à sua inocência e, mostrando indignação perante tal calúnia (era evidente que a responsabilidade não era da FE, mas sim de alguma campanha orquestrada para minar as relações entre os Estados), anunciou a proibição da Propaganda Inconcebível, ressalvando a impossibilidade de atentar contra os direitos vigentes nos regimes democráticos.

Ao fim de três meses de conversações, a Organização Global deu crédito à Federação, seguindo-lhe os passos na condenação da calúnia, pedindo publicamente o agravamento da sanção. A experiência dos lestistas fê-los duvidar de tanta solidariedade e, aproveitando o cessar-fogo, lembraram ao mundo a quantidade de falsas promessas anunciadas pela GO, desde o primeiro dia da guerra. A tardia indignação da Organização Global, disseram, confirma as nossas suspeitas: no terreno, a resposta da chamada comunidade internacional aos apelos de ajuda mostrou uma ineficácia confrangedora, a comunidade internacional desculpa-se afirmando-se impotente, na verdade, age de forma a manter este importante mercado. Os lestistas acusaram os americanos de terem aconselhado os europeus a capitalizar a situação. Sejam racionais, não desperdicem a oportunidade, Gentlemen, Business is Business!, terá aconselhado a União dos Estados Americanos. Os lestistas responderam à letra: Evil Communications Corrupt Good Manners!

O conflito diplomático resumiu-se à prolífera troca de comunicações e tudo voltou à normalidade. As agências turísticas multiplicaram-se, a procura enlouqueceu, as agências alargaram o raio de acção oferecendo circuitos em outros continentes, vendendo férias para outras guerras e guerrilhas. Desliguem os visionários, a interactividade está no terreno, reviva a guerra — aliciava a propaganda. E as aventuras nas Reservas de Conquista suplantaram rapidamente as Emoções Programadas que levavam grupos a presenciar catástrofes naturais, uma oferta turística que já não motivava a procura.

As vendas para as Reservas subiram em flecha, os destinos super desenvolvidos levaram um rombo nas receitas. Raros aqueles que continuavam a optar por programas que nada prometiam de inesperado, onde cada segundo estava previsto, ficando a emoção pela promessa. Já se

vendiam férias controladas (o dobro da aventura, mas em segurança) para as Reservas de Conquista europeias. E que bem se vendiam, talvez ainda em menor quantidade do que as aventuras em solo desértico, recheado de movimentos imprevisíveis, mas os números desmentiam os mais cépticos que, afinal, ainda acreditavam estar na razão humana a explicação de todos os fenómenos. Estes destinos tornaram-se os paradoxos das férias. A mudança do significado da palavra paradoxo não era exclusiva do nosso Estado Paternal, os novos dicionários enciclopédicos internacionais davam conta da evolução. Paradoxo é hoje, por força da linguagem oral, um sentimento comum, deixando de ser a coisa contrária à opinião; paradoxo é, neste século iluminado, um dos vocábulos de maior uso, e foi exactamente por essa razão que se readaptou o seu significado, porque as línguas, quando vivas, evoluem...

Chegado à cidade, numa boleia humanitária, Lupinho demorou um dia a vencer a desconfiança reinante; a sua habilidade nas abordagens, o seu aspecto alterado, aparentemente inofensivo, convenceram aquelas gentes de que também era um simples ser dependente e não mais um observador a soldo da GO ou de uma qualquer organização dita não governamental, dizia estar entre iguais, entre dependentes da guerra. Lupinho nem sabe quantos dias esteve sentado na esplanada desgastada, onde parava gente a condizer; ali sorveu vivências, tormentos, ideologias, estranhas fés; mesmo quando escasseava a companhia, o dono do espaço servia-lhe doses bem contadas que dizia ter escutado a vozes espontâneas.

Nunca a dependência o abalou enquanto sentado na cadeira manca, rodeado de escombros, sobrevivendo gratuitamente. E dizia a malta que a ressuscitação da intelectualidade acontecia em França, ele sabia do que falava, passara uma temporada na renovada cidade-luz. Quando o Estado de origem o desiludiu, foram os pais que lhe indicaram aquele destino, e que, pensando no seu bem, pagaram a viagem e as despesas inerentes. Convenceram-no, lendo-lhe notícias quotidianas, aliciando-o sob o ponto de vista material. Entendes a vantagem da possibilidade de gozares dos financiamentos imediatos? Viverás connosco, como se estivéssemos a teu lado, mas longe, a milhares de quilómetros de distância, como se estivesses

em casa; se a mesada desaparecer antes de terminar o mês, bastará digitares o código e terás o necessário à tua subsistência. Não precisou de reflectir, instalou-se à grande e à francesa, onde a paternidade podia controlar-lhe os movimentos. Durante ano e meio delirou, a sua situação financeira alimentava uma corte, atraía personagens incríveis merecedoras do sustento; depois foi destronado por outros mecenas aos quais disputara protegidos recorrendo constantemente ao financiamento imediato, e tantas vezes digitou o código monetário que os pais ameaçaram fazê-lo regressar se persistisse na imoderação. Que bem que eles falam quando detêm o poder, resignou-se Lupinho com este pensamento, frustrado pela invalidade do seu melhor argumento. Apelou à responsabilidade filial dos financiadores, em vão. Eles tinham criado um historiodependente, reconheceram-no, mas recusaram-se a alargar o crédito. Durante seis meses sobreviveu à bolina, pela província. Desiludido pela normalidade, aconselhado por um colega
vagabundo, no ano passado, findo o Inverno, rumou a Leste.

De boleia em boleia, despistou a paternidade, que sobressaltara à partida com aquele descabido desabafo, explícito pedido de socorro lançado num momento de desespero. Aquilo que mais desejava já não lhe davam, e se se dispunham a satisfazê-lo enchiam-no de plágios, provocando-lhe o choro convulsivo. Ao fim de três anos, resolveu partir; deixou a França e vagueou um mês pela Itália, passando a fronteira para a guerra misturado numa comitiva de emissários. Rumo a Leste, largou uma boa parte do desespero, enganou a dependência sonhando com a riqueza do próximo destino. No Leste sentiu-se tranquilo, livre com a sua historiodependência; em França, deixara ficar a máscara do homem saudável, exilado pela intolerância, desterrado por governantes que tinham a seu favor o desenvolvimento do Estado. Aceite por ser filho de quem era, respeitado pela irreverência, muitos lhe alimentaram o vício julgando enriquecer-lhe a experiência.

Foi isso que a paternidade leu nas entrelinhas do relatório final dos investigadores que contratara para descobrir Lupinho, custasse o que custasse.

XX

A guerra rebentara pela quinquagésima quarta vez nesse ano.

Uma tarde, esperando nova dose, Lupinho sobressaltou-se. Aprendera línguas ouvindo os mestres nas embaixadas, pensara tê-la esquecido... há treze meses que não ouvia falar a sua Língua, por isso sobressaltou-se quando o outro o cumprimentou na Língua-mãe. Aguiar da Cunha Ferro disse ser amigo de seu pai e o historiodependente estremeceu olhando esse inimigo, provavelmente com a incumbência de o recambiar. Nada de original na atitude, não seria a primeira vez que mandavam alguém à sua procura. O emissário, na maioria das vezes, acompanhava-o durante alguns dias e partia recomendando compostura. Nessa tarde, ficaria a saber que a paternidade o procurava pretendendo fazer-lhe uma proposta; saberia que os próprios viriam em breve propor-lhe um tratamento. Não tinha como fugir, embora o Cunha Ferro se intitulasse um mero portador de conveniência, nada mais. No vaivém dos ataques, escutara esse velho amigo do pai. Aguiar abandonara a diplomacia para se dedicar à organização de aventuras nas Reservas da Conquista. Sentados à única mesa da esplanada central, Aguiar entretivera-o falando sobre a sua agência, pormenorizando a actividade; satisfê-lo descrevendo cada programa, arrastando Lupinho na viagem. Quase o convencera a comprar um lugar no circuito-refém. Ficar-lhe-ia de borla por ser filho de quem era.

Eles vêm aí, disse Lupinho, você veio primeiro para me entreter. Aguiar gargalhou. Sou um mero portador de conveniência, acredite, disse-lhe Aguiar que não partia de princípios e jamais jurava fidelidade a alguém; estando ali, aproveitava a oportunidade para fazer um cliente. Porque razão Lupinho não aproveita a oferta? Vale a pena, jamais esquecerá a experiência, garantira-lhe ao ouvido. Salvo raríssimas excepções (sincero, lembrou-lhe aquela vez em que uma das partes envolvidas acordou zangada e liquidou dois reféns para obrigar os inimigos a recomeçar a guerra), os participantes no circuito-refém regressam salvos e mais ou menos sãos ao fim de vinte dias, no máximo (ressalvou: depende da resistência orgânica, à partida são sujeitos a um teste, assim, quanto às oscilações da saúde a
agência não se responsabiliza). Aguiar nunca tivera problemas, talvez uma ou outra reclamação, uma reclamação, apenas, por tudo se ter resolvido em dois dias. Sim, só uma vez tivera de efectuar reembolsos, atendendo à curta duração do cativeiro, de resto a venda dos programas nunca parara de subir. Consagrada pelo serviço, a agência respondeu à crescente procura organizando circuitos destinados a curas de emagrecimento, e outras curas, começando agora a ganhar vantagem as marcações para as curas da depressão. E o destino era sempre o mesmo.

Aguiar da Cunha Ferro afirmava-se um homem prático, adaptado à actualidade, percebendo que a diplomacia estagnava, preferiu dedicar-se a uma animação mais honesta. Fundou a agência Corra Riscos no momento certo e hoje não quer outra vida. Dotado de uma certa mestria, consegue ser o melhor do mundo na organização dos circuitos-reféns. Com diálogo, dinheiro e armas, tudo é possível, ditou-lhe a experiência. Garante vender os melhores cativeiros e afirma-se titular das negociações mais credíveis. Diz-se que até negoceia bombardeamentos com os norte-americanos para tornar os programas mais excitantes. E quando é a União dos Estados Americanos a tomar iniciativa, ele é dos primeiros a saber.

Aguiar, armando-se em confidente, segredara a Lupinho: verdadeira aventura, com todos os desejados ingredientes de risco, vive-se hoje no Estado onde ambos nascemos. Naquele fim de tarde, entre explosões e gritos,

Lupinho riu-se da patranha. Os pais nunca lhe falaram em qualquer mudança radical. Estivera lá e pouco ouvira.

— Isso dá que pensar...

Disse Racional, dando-lhe corda. Enquanto o outro falasse aprenderia.

XXI

Malandrinhos, os pais, com uma história ali tão perto... se lhe têm dado um lamiré, tê-los-ia arrastado para fora da aeronave, tê-los-ia salvo e escutado como um filho, e se eles se admirassem da dedicação repentina diria que sempre fora orelhas para quem lhe enriquecia a memória. Por diversas vezes a paternidade se mostrara vazia... os pais morreram culpados, cheios de histórias e sem as quererem partilhar. A promessa bastaria, bastaria terem-lhe dado um lamiré sobre aquilo que ele ignorara na estada em Paternal e o filho teria dispensado o passageiro paradoxalmente discreto, Simão, de apelido Racional. Teria? E a mãe, bela contadora de histórias, mulher insinuante também paradoxalmente discreta, viverá ainda? Lupinho volta-se, demora a observar os destroços, embaciam-se-lhe os olhos, a penumbra fá-lo desistir. Paciência! O companheiro do momento é um armazém de doses, este Racional parece entender a manha do vício e sabe qualquer coisa sobre a outra face da paternidade, sabe muitas coisas. Simão Racional excita-o. E conseguira livrar-se do compromisso da cura. Continuava dependente, e então? Ele até só tinha uma dependência...

Aquela tendência para a narração dava jeito e os Santos de Baltazar preferiram ignorar os efeitos secundários; não demorou muito a tornarem-se cúmplices mas, a páginas tantas, necessitaram de limpar a má consciência dos anos que passaram a injectar-lhe narrativas. Mãe e pai resolveram enfrentar a

dependência e logo radicalizaram as atitudes, negando qualquer acto em satisfação do vício; a cura revelava-se a única saída e Lupinho concordou em experimentar o tratamento no deserto, concordara porque a recusa levaria a paternidade a cortar-lhe o sustento.

Lupinho ainda tropeçava nas palavras e já se recusava a adormecer sem ouvir quatro histórias; quando contrariado chorava tanto que a mãe, esgotadas as recordações, temendo o sufoco do filho, não hesitava e acabou por ler em voz alta todos os livros disponíveis. A criança saturou-se de tanta repetição e o pai contratou mestres narradores, enchendo o menino de histórias, fazendo o adolescente viajar pelo Universo num tapete voador. E o filho mostrava-se cada vez mais exigente, Lupinho pretendia novas histórias, inéditas de preferência. Aos dezanove anos, ou talvez ainda aos dezassete, a mãe em desespero com a insaciedade do filho tentou seduzi-lo: já não há mais, esgotaram-se, não há quem escreva histórias, meu filho, por que não as escreves tu? a tua memória armazena tantas que é um crime não nos dares umas colectâneas ou, mesmo, umas boas miscelâneas. O jovem partiu a mobília do quarto e ameaçou fazer o mesmo ao resto do palacete se insistissem em contrariá-lo. A reacção de Lupinho evidenciava o progresso da dependência, Teresa ficou confusa: ouvira contar casos de dependentes sem hipótese de recuperação e de outros que vivem em conformidade, de dependência em dependência; lera bastante sobre os mais diversos tipos de obsessões, mas custava-lhe a acreditar que o seu filho, o seu Lupinho, sofresse daquela maleita paradoxal e logo de uma historiodependência. Mas o rapaz ainda adolescentava e a benevolência de Carlos adiaria de novo a resolução do problema. Pediu transferência para um lugar exótico no continente africano, um ninho de histórias que acalmaria o filho. A dependência fez-se ouvir ao fim de poucas semanas, a mudança não conseguira debelá-la: a família já morara na pequena nação quando esta sobrevivia ao desgaste dos combates, agora a nação refazia a História, Lupinho sentiu-se ultrajado ao ouvir o terceiro plágio, e fugiu... roubou obras de arte e em troca de conversa fiada esbanjou o património da embaixada na feira local dos desperdícios. Pela segunda vez, Lupinho roubava para satisfazer o capricho. Foi encontrado moribundo, Carlos e Teresa recolheram-no, perdoando-lhe o sucedido. Mãe e

pai reanalisaram o episódio e trataram de evitar reincidências desagradáveis, financiando as viagens para manter longe a loucura que os comprometia. Tornara-se difícil esconder do meio diplomático a obcecada maneira de ser deste filho dos diplomatas que não conceberam outros mais, escapando às orientações do Estado para assegurar a juventude de Paternal; e se a algum convidado dos embaixadores cheirasse a razão da dependência, cedo os Serviços Centrais do Estado tomariam conta do assunto, rapidamente o Governo saberia daquele Santos de Baltazar, um desrespeitador dos limites do Exagero. Os pais debateram a questão, noite atrás de noite se interrogaram sobre o destino a dar ao historiodependente. A discussão azedou-se; foram-se dispensando as gentilezas e no auge da zanga, sem gritarias, o pai acusou a mãe de facilitar demasiado e a mãe culpou o pai pelo seu alheamento; Carlos acusou a mulher de alimentar a historiodependência sem qualquer tipo de escrúpulos, e Teresa acusou o marido de cobardia, de fugir ao seu dever de pai. Então, à beira do grito, o casal acordou interromper temporariamente a comunicação.

A ausência de comunicação, exceptuando os monossílabos necessários ao desempenho das funções sociais, durou dois dias e duas noites. Carlos rompeu a combinação na terceira manhã, durante a cerimónia do hastear da bandeira. A mulher fora longe de mais: negar a sua presença na cama, obrigando-o a suportar a insónia, sozinho entre lençóis quando apenas tinham acordado não falar? Isso não se faz a um marido. Teresa criara uma situação insustentável entre adultos habituados a separar as águas, a sua esposa exagerara. Teresa contrariou a tese, dizendo-se despeitada pelo vocabulário machista do marido: Carlos revelara o machismo de moto próprio, dispensara os argumentos para resolver a questão à boa maneira do macho, sim-sim utilizara vocabulário e atitudes machistas, não de marialva como se desculpara mais tarde. Teresa acedeu a falar-lhe ao fim dos dois dias, mas manteve por mais treze a firmeza contra a partilha do leito. Ao décimo-quinto dia de conflito, assistiu a uma cena entre a criada e o motorista que a fez mudar de ideias.

A criada, fumando um cigarro na porta das traseiras, comentava com Alah que o embaixador andava desnorteado. Debruçado sobre Fátima, tentando evitar o fumo, o sedutor confessava-lhe desconhecer qualquer

perturbação no comportamento dos patrões. Perturbado estava ele... entre fumaças, a ladina de olhos rasgados que desde a adolescência acompanhava os senhores dava-lhe pormenores sobre a sua desconfiança; largando risadinhas, esquivando-se ao beijo, Fátima dizia compreender o homem que vai buscar à rua o consolo que falta em casa própria.

A embaixadora tinha ido à cozinha deixar as ordens diárias, ao ouvir a criadagem escondera-se entre os dois louceiros, atenta ao desenrolar do episódio, escutando o segredar de inconfidências. Mas a Alah interessava-lhe, sobretudo, o corpo da moça e começara a beber as palavras na fonte secando a conversa. Ao observar o comportamento do motorista seu preferido, afinal um reles mulherengo, Teresa ficou danada. A conversa de Fátima apenas a irritara, se Carlos mais uma vez o fazia também ela já o fizera, zangara-se ao reconhecer nos gestos de Alah as intenções do seu amante. Ainda atrás do louceiro, apressou-se a ordenar à criada que apagasse o cigarro e acorresse aos afazeres do quotidiano; mais calma, aproximou-se e reforçou a sentença num olhar furioso, paralisando o par: a Alah recomendou compostura e à criada ordenou que preparasse o quarto de casal. A correr! Esta noite os embaixadores voltam ao leito comum, disse abandonando a cozinha, satisfeita com a sua representação de dama ferida.

Adorava representar, porém, a paternidade decidira canalizar-lhe o talento, ao querer dar-lhe um futuro na diplomacia contrariara-lhe a opção, e a adolescente vingara-se casando por amor. Caramba! Que necessidade tinha o marido de provocá-la dispensando argumentos? Um acordo unia-os muito além do matrimónio declarado aos Serviços Centrais do Estado. Estava escrito: Carlos e Teresa Santos de Baltazar comprometem-se a amar-se e a seguir os seus caminhos profissionais, usando as armas que julguem necessárias, contudo, jamais tentarão resolver um problema monologando, assumido que está o entendimento quanto à defesa do objectivo comum de singrar a dois. E ambos assinaram. Imperativo, portanto, anular quaisquer obstáculos - isso estava implícito no contracto renovável de dois em dois anos. E o casal assumiu o acordo. Com certeza. Teresa faria Carlos vergar à importância dos argumentos — uma questão de cama, na cama se resolve. Mas não se deve facilitar quando a situação exige clareza e à décima-quinta noite, depois da

declaração de mea-culpa proposta pelo marido, Teresa aceitou a sua quota parte na criação de um filho dependente. Mas em que teriam errado? - pensaram ao atingir o orgasmo.

Lupinho revelara-se um incidente nas suas vidas, fora um nascimento planeado mas a sua precocidade provocara algum embaraço logo a partir dos primeiros meses de idade. Aproveitando o primeiro aniversário do filho, seguindo o hábito do diálogo, Carlos e Teresa conferenciaram sobre a educação a ministrar à criança. Impunha-se a definição de um percurso. Em escassas horas, concluíram que a tarefa seria facilitada se aproveitassem a vocação revelada nos primeiros doze meses; decidiram criar um artista e empenharam-se no aperfeiçoamento da tendência. Ambos sabiam provir o talento da instabilidade emocional e desde que contrariassem os distúrbios da razão obteriam um resultado positivo, assim ditavam os estudos, e quanto mais se experimenta mais se contribui para a comunidade, e os cientistas agradecem. Limitados no tempo, falhariam na modelação do desequilíbrio, transformariam o filho num sacador de histórias talentoso, num encantador de salões, mas sem qualquer noção de Exagero, conceito que se tornara precioso no estado de origem. Todos elogiavam os serões dos Santos de Baltazar, grandes momentos de convívio, momentos de uma corrente de ilusionismo verbal difícil de encontrar. O filho alucinava e as histórias que ouvira contar ganhavam vida, as palavras enchiam o salão, encantavam convidados, neutralizavam desconfianças. Fora das civilizações de tradição oral, há muito que não aparecia um contador desta natureza. Até quando iriam conseguir controlar as alucinações, iludir os convidados?

Durou dois anos o encantamento, Lupinho galgaria a fase brilhante e desafiaria a paternidade, exigindo continuamente. As suas actuações enchiam-no de orgulho, em pouco tempo assumiria a vocação revelando-se insaciável: para continuar a actuar necessitava de ouvir, ouvir muito... e não queria mais da vida, nascera para ser um ouvidor e apenas isso seria. Talvez um dia voltasse à narração, por ora iria parar, disse Lupinho convencendo os pais quanto à gravidade do assunto. Como suportar o vício do filho sem quaisquer contrapartidas? Foi nessa altura que a paternidade analisou a situação e recomeçou a pagar passagens e estadas prolongadas em lugares onde as

histórias andam de boca em boca. Os Santos Batazar evitaram a má-língua, pensando fazer o melhor, por isso, Lupinho passara uma temporada em Paternal e zarpara incentivado pelos pais. Mas andava a exagerar, provavelmente morreria no meio de uma guerra qualquer ou de uma maleita terciária. Os diplomatas estavam desesperados, sem qualquer esperança. Passado algum tempo, seguindo o conselho do único amigo com quem podiam falar sobre o assunto, resolveram assumir a preocupação e tomar outras medidas, perante aquilo que o outro lhes contara sobre o encontro com Lupinho não lhes restava alternativa. Esgotaram as viagens a que tinham direito num ano, foram buscá-lo ao caos. Os pais recompensá-lo-iam pela façanha de abandonar a dependência, ao filho ainda lhe restava algum orgulho, anuiria. Na viagem, eles nada adiantaram sobre o futuro do filho quando este saísse da clínica; o casal guardava as novidades para o início do internamento e para o último dia da dependência, uma espécie de gratificação, o encorajamento merecido por quem se dispusera a segui-los de bom grado, estava tudo planeado, disseram.

Há já uns anos que encenavam tentativas para recuperar o filho, especialmente desde que se radicaram na capital, onde Lupinho se cansou dos relatos e desatinou com o sossego, retomando, ao fim de um ano, o hábito de viajar. E quando o jovem partiu, o repouso cativou o casal de diplomatas de regresso ao estado de origem, no auge da carreira. Carlos, assoberbado pelos afazeres no Ministério da Saúde, Desporto e Cultura (pouco antes do filho partir, ganhara a pasta do desporto) chegara a dar-lhe a deixa - interrompia a agitação das conversas entre mãe e filho, e largava saudades, falando nas permanências da família pelo planeta, nas histórias por ouvir, nos inéditos que andam por aí perdidos. Mais uma vez, Lupinho partiria para outro estado. E os pais, mais uma vez, o foram buscar, só que desta feita aplicaram-se com outra firmeza, comprometendo-o com a cura.

A recordação provoca-lhe os nervos, Lupinho reclama a voz do narrador, pára de falar, berra e chora. E se este Racional recusasse ceder ao choro? Teria de ameaçá-lo para lhe desbloquear o pensamento, acreditava que o homem ainda estivesse confuso; nunca se arrependeria de tê-lo salvo. Àquela hora (que horas seriam?), ninguém restaria, na carcaça da aeronave o braseiro

apagava-se. Seguira o instinto, o homem que o olhava silencioso não o desiludiria. Mas há que sorver histórias, rapidamente, e a esquivança do outro excita-o, porque é que este não conta uma história do princípio ao fim? Se o enigmático Prove queria contar a sua história aos bochechos, que contasse... mas que a contasse mesmo, começasse já-já.

Há muito que Lupinho não falava tanto...

XXII

Se é importante saber, Simão e Lupinho dialogam sentados. Se pudessem vê-los, vê-los-iam de pernas cruzadas, em cima de pedras, como se estas fossem almofadas. Olaré! Desconhecem o lugar onde se encontram, mas estão a conhecer-se.

Racional é perito em prolongar diálogos, especialista em desperdiçar horas, Lupinho é um adversário de respeito, embora roa as unhas até ao sabugo; o proveta, se se concentrar nas palavras e na magia da química, honrará o Seio e a sua classe ganhará um herói. Estando a glória tão próxima, todos os meios são legítimos. Homem perdido a tudo se agarra? Não, nada disso, o Seio apoiaria o investimento, reconheceria a razão do herói. O que lhe estará a passar pela cabeça?

— Nós os Prove, quando prometemos, somos obrigados a cumprir. Cumprirei o que lhe prometi nem que tenha de gastar a vida. Mas como?

— Como agradar ao salvador? Satisfazendo-o, simplesmente.

— Aprendo uma nova modalidade mental, partilhemos esta ventura.

— Não entendo... partilhar venturas? Fala, partilha.

— Você subestima-se. Se precisa de mim, eu posso ajudá-lo, dê tempo ao tempo. Deixe-me aprender, partilhe comigo a sua experiência, não desperdice essas capacidades ouvindo apenas.

— Até que aprende depressa ou temos aqui um perito em manobras de diversão?

— De que vale enchermo-nos de conhecimentos se não os transmitirmos a outrem... que posso eu, um limitado, contar a um ouvidor sagaz?

— Tudo!

— Que quer saber do limitado teórico, o homem prático que se afigura superior?

— Tudo!

— Que posso eu dizer que o salvador já não tenha experimentado? que não saiba melhor do que este pateta sem imaginação...

— Atormentas-me... Colaborarei, serei recíproco. Mas agora é a tua vez. Chacun son métier.

— E fala línguas de minorias! A sua experiência é incomparavelmente superior à minha, só agora me apercebo ser escassa... entre nós, eu devo ser o ouvidor. Se alguém aqui tem de aprender...

— Com que então, tentas endrominar um ímpio.

- Ímpio? Deixe ver... quer-se dizer ateu ou cruel?

— Léria! Avance, homem! É a sua vez.

— Durante todos estes anos (e são alguns), cresci a coberto do Seio, sou apenas o Educando-66. É a segunda vez que passo a fronteira do estado Paternal...

— Léria!

— Engano-me quando detecto na sua voz a felicidade de quem finalmente se faz ouvir?

— Só falo para puxar histórias. Não me contrarie. Aviso-te, posso tornar-me violento.

— Tranquilize-se. Estou a esforçar-me, levei anos a papar regras (papar, como tu gostas de dizer), mesmo assim já falei demais, o segredo dos Prove só pode ser revelado na altura própria. Mesmo para si é vital desconhecê-lo. Tenho tentado satisfazer essa sua dependência...

— Quer ouvir-me chorar?

— Longe de mim tal intenção! A calma é a base da Ciência. Com certeza que não sou o primeiro a impingir-lhe estas ideias...

— Impingir-me? Começo a gostar de ti. Tens uma lata! Passei a vida a abordar estados, a abandonar estados...

— Conseguiste abandonar o estado de Paternal? Que lata a tua...

Abandonar Paternal? Irá por aí. Racional espicaça o ouvidor, enerva-o, quer estar nesse lugar, quer estudar as reacções do imaginador, usar os reagentes; e regressará satisfeito escondendo ao Seio o seu segredo. Fantasiar não consta do Plano Prove, os criadores não proíbem, desprezam a fantasia ocultando o processo do devaneio; guardavam as suas razões para restringir o conceito do acto de sonhar, o seu objectivo é linear: para um racionalista, racionalista e meio, nada de distracções, dormir é quanto basta, a imaginação é o entretenimento do sono, sonhar acordado pode custar a vida; a imaginação é uma arma perigosa, nunca se sabe quando o tiro sai pela culatra, é preferível prevenir.

Credo!

Os sonhos são quimeras e as quimeras criações absurdas — os criadores vivem a realidade da revitalização, fabricam paralelismos, praticam a psicofisiologia e, como os seus inimigos e odiados revitalizadores, embora dando outra significação, apregoam: grande nau grande tormenta, onde entra o beber sai o saber, de dois males escolhe o menor... E justificam-se fazendo crer que a realidade estabelecida pelo anterior regime mudou completamente.

Credo!

A dúvida assalta-o. A única interpretação correcta do Estado Paternal é a ministrada no Seio, o resto são quimeras, mas Lupinho faz Racional duvidar da razão. Será o Seio um ninho de limitados? A imaginação deste homem deslumbra-o, agora que a descobriu quer tê-la, usá-la a seu belo prazer. Desafia os regulamentos implícitos, que aventura! Este homem habita outra realidade, espanta Simão entremeando verosimilhanças e factos comprovados; perante isto, o Seio é um lugar primário. Lupinho sabe praticar a ficção, de moto próprio, a seu belo prazer; nele o significado de ficcionar ultrapassa as teorias registadas na Grande Selectiva. Afinal pode-se perverter as narrativas. Quando soa soa, quando se sente sente-se.

Imaginar não é uma ficção nem exige qualquer controlo, o orgulhoso combatente interpretara mal o companheiro. O historiodependente foge à

verdade, mas talvez não seja mentiroso, talvez não cometa qualquer erro quando encarna o narrador, talvez aquele seja mesmo o referido benjamim dos Baltazar, o referido adepto de uma única dependência. É a primeira vez que Racional se sente assim, sem quaisquer certezas quanto à realidade e à ficção. É Simão quem vacila. Nem tudo está perdido, Racional falará até esgotar a sabedoria, cumprirá os compromissos, obrigará o habilidoso a inventar vivências até perceber como as inventar. Aplicará o método Puxar pela Língua que os Prove aprendem para poder contrariar a trupe dos Limpa-ruas. Claro que evitaria aplicar a violência verbal em que descambava esse método, conduziria o homem seduzindo-o, já provara a sua habilidade neste campo; no Seio valoriza-se a capacidade de seduzir, ensinam-se todos os procriados a enfrentar a sedução para poupança do sistema nervoso. Ele fora um bom aluno. A confiança característica dos Prove reside ainda neste Racional que pretende domesticar o outro domando-lhe a determinação. Eis uma boa oportunidade de elevar o nível da aprendizagem, de justificar a imodéstia. Racional reage, ele é um Prove e disso apenas se deve orgulhar. Pega nas palavras alheias, numa segunda tentativa. Abandonar Paternal, não foi o que o outro dissera?

— Vou relembrá-lo...

— É um erro da tua parte.

— É uma forma de dizer. Vou contar pormenores que desconhece, certamente.

— Estás a safar-te... O que vem a ser isso de abandonar Paternal?

Só habilidosamente se abandona este estado, ninguém está proibido de caminhar além fronteiras, há apenas uma directiva a aconselhar a permanência. Na realidade em vigor, atendendo a que se deseja que nada se esconda, as directivas fazem lei, não se limitam a aconselhar como querem fazer crer os legisladores: partir é uma afronta grave à Revitalização da Ordem e quem deseja abandonar o Estado deve reflectir sobre o que o espera no regresso. A verdade é que o simples desejo de passar por outros estados provoca a indignação do vizinho; é quase sempre o público quem reclama as directivas e quando não é parece, porque o povo acredita na necessidade de consciencializar e evitar fugas ao dever de cidadão. Todos somam poucos

perante o grandioso ideal da Revitalização, uma ida fora, por curta que seja, sobrecarrega quem fica a laborar; aquele que abandonar o estado de Paternal sofrerá a pena dessa irresponsabilidade, partir é uma atitude egoísta do tipo daquelas que não se podem tolerar, quem o faz desrespeita o próximo. Mas podia fazê-lo se fosse bem acompanhado ou decidido a não voltar. E podia acontecer muita coisa ruim, lá fora, muitos acidentes, muitos atentados, doenças... Os governantes apelaram às consciências, a turba nem sequer se interrogou, fez seus os apelos de cima aclamando a directiva, estigmatizando os viajantes. O público andava satisfeito, muito satisfeito.

— E então?

— Calma! Estou a apanhar o jeito.

Ninguém está impedido de abandonar o estado, portanto, muitos se sujeitaram à fama da deserção e escolheram outras paragens; com o andar do tempo, poucos são aqueles que decidem enfrentar a maledicência dos vizinhos, sendo raro alguém pedir para ultrapassar os limites do estado. A realidade é que, durante os escassos períodos de descanso, todos têm o direito de participar nas excursões programadas, o meio mais seguro de viajar. As datas e os itinerários são sugeridos pelo Departamento das Entidades, de acordo com o Decreto Tempos Livres que revolucionou a laboração, tornando-a menos conflituosa e mais produtiva; o DTL teve ainda outro mérito, está lá nos considerandos que as normas iam ao encontro das exigências dos representantes dos trabalhadores que aceitaram de bom grado a publicação da lei: considerando que os representantes apenas duvidaram de uma cláusula, no presente ligeiramente alterada; considerando que, por estas razões, se prova ter o decreto surgido do consenso...

As folgas dos paternalistas, as oficiais, passaram a ser duas de nove em nove dias e gozadas ao longo da semana, saltando pelos dias, de modo a não interromper a produção — são as regras do funcionamento ininterrupto a contribuir para a Revitalização, o segredo está no desencontro, veja-se o trânsito. Cumpridos os nove dias, os súbditos descansam aproveitando a benesse. Nem os crentes católicos questionaram a eliminação do Dia do Senhor, congratularam-se, até, pela itinerância do dia consagrado a Jesus. Todos os dias são Dias do Senhor pregaram os dessa igreja, adaptando-se ao

novo esquema de folgas, pensando nas contrapartidas, para não falar nas missas contínuas. Mas duas outras seitas não gostaram da mudança uma consagrava as segundas, as quartas e as sextas-feiras, a outra consagrava as segundas, as terças e as quintas-feiras, e pediram explicações aos governantes, argumentando que se continuava a favorecer os católicos, mais: se isso se confirmasse, apelariam ao descanso nos Dias do Senhor. E os ministros tiveram que legislar sobre o significado da expressão Dia do Senhor, receando que a ideia dos Objectores da Consciência Integrada e a vontade dos Devotos do Descanso do Corpo É a Paz da Alma alastrasse. O sistema da produção arruinar-se-ia e o lazer mal orientado daria cabo da Ordem. Agradar a gregos e a troianos é um ditado orientador, mas, pelo sim pelo não, havia que extinguir algumas seitas, convencer a população de que é na Ciência que se deve ter fé.

Não se trata de proibir, mas de seleccionar. A natureza é a primeira a fazê-lo.

XXIII

Lupinho não reage, os significados fundem-se. Quem será este homem? Um louco? Simão lê-lhe nos olhos o desespero e agarra outra ideia.

— Já lhe falei na Tomada da Pastilha? Fique a saber que as primeiras notícias sobre a Tomada da Pastilha intrigaram apenas meia dúzia de curiosos.

Já poucas notícias abalam o mundo, a necessidade de servir os meios, a obrigatoriedade de preencher o espaço informativo a qualquer preço impuseram o descritério e tanto se dá noticia do cão que mordeu um homem como do homem que resolveu morder num cão. Ao principio, a euforia informativa contagiou o povo, e o público foi exigindo cada vez mais quantidade, marginalizando os desinformados, denunciando-os em notícias consecutivas. Conta-se (e parece que não foi caso impar) que a falta de informação enlouqueceu um casal de atinadinhos.

— Essa eu não conheço. Avança, Simão!

— Carlos e Teresa, ou Teresa e Carlos, tanto faz, levaram a infância a devorar jogos solitários, dedicaram a adolescência a devorar tudo o que se apresentasse com o rótulo de Informação.

— Carlos e Teresa? Venha essa história, sem reticências! Já a respiro.

Carlos e Teresa conheceram-se ainda crianças, no campeonato que juntava no terraço as crianças do prédio. A miudagem levava os doze meses a preparar-se para o confronto entre os melhores Jogadores da Realidade

Virtual. Uma vez por ano, todos os prédios organizavam o seu campeonato e, na falta de um terraço, as crianças armavam a tenda na rua, nesse dia só para elas. Os jogadores treinavam de manhã e adormeciam a pensar na conquista do título de Campeão Real que lhes proporcionaria defrontar os campeões de outros prédios; os pais ficavam satisfeitos por reunir os filhos ao ar livre e desgostosos se o vencedor fosse filho de outros. Estes campeonatos tinham o rótulo de Saudáveis e eram subsidiados por fomentarem o contacto humano.

No dia em que faziam seis anos de idade, Carlos e Teresa sagraram-se campeões. Exuberantes, as duas famílias resolveram festejar em conjunto os feitos dos filhos. Estas famílias, separadas por dez andares e que já uma vez o destino as fizera cruzar-se no elevador, tornaram-se grandes amigas durante a festa em que os campeões juraram fidelidade eterna. Os casais passaram a visitar-se à noite: os adultos ouviam e discutiam as notícias do mundo até à exaltação e as duas crianças, fechadas no quarto, jogavam silenciosamente. Ao fim de duas horas, a anfitriã batia à porta do quarto e os miúdos despediam-se com um abraço. Carlos e Teresa foram campeões do prédio durante seis anos consecutivos, até atingirem o limite de idade dos campeonatos ao ar livre e começarem a despedir-se um do outro roçando os lábios; entre os doze e os quinze anos conquistaram duas vezes o título de Campeão Distrital Júnior e aos dezasseis abandonaram as competições. Passaram a dedicar-se à informação, dormindo juntos para melhor aproveitar o tempo que faz dinheiro. Os pais apoiavam os filhos incentivando o consumo de notícias; nas noites de segunda e sexta-feira juntavam-se os seis na sala e os pais testavam a preparação dos filhos. Carlos e Teresa sabiam todas as notícias do dia, fosse uma explosão ali ao lado ou uma discussão de antípodas.

Casaram-se no dia do vigésimo aniversário, instalando-se num dos dez domicílios do oitavo andar do prédio dos pais, por sorte, no apartamento contíguo morava o casal Aguiar que também gostava de se manter informado. Os vizinhos eram menos exigentes, todavia a amizade reforçou-se e já não se cumpria uma semana sem que os casais passassem duas noites à conversa nos apartamentos de um e doutro. Os Aguiar tinham decidido abdicar dos filhos para se dedicarem um ao outro. Hoje, quarentões, não se arrependem de nada e congratulam-se por ser quadros superiores do Estado. Carlos e Teresa

trabalhavam por conta própria e também dispensavam empecilhos. Mas os pais insistiram tanto que o jovem casal resolveu dar-lhes o neto desejado.

Primeiro nasceu a menina e com ela alguns problemas. Teresa começou a sentir dificuldade em acompanhar as conversas com o casal Aguiar, nas duas horas de serão, a miúda chorava três ou quatro vezes. Seria uma mãe feliz até àquele momento, quando se apercebeu de que estava a sair da realidade do meio envolvente. Nessa noite, quando preparava a bebé para irem de visita aos Aguiar, o marido, bem intencionado, aconselhou-a:

— Tens de fazer um esforço para te actualizares, qualquer dia ninguém consegue falar contigo.

— Ah sim! Quem é que te disse isso?

— Foi o teu pai.

As boas intenções de Carlos melindraram a mulher. Teresa indignou-se, chamou tonto ao pai, parvo ao marido e esteve quase para ficar em casa naquela noite em que os Aguiar os esperavam; se era má companhia... Mais valia não ter resistido às falinhas mansas do marido. O serão começou a correr mal logo no tema de abertura: Teresa nada sabia, ficara sem poder dar algo em troca, desconhecia pormenores sobre as notícias escaldantes da noite e, à saída, ia morrendo ao ouvir da boca do Aguiar o mesmo conselho do marido mas dito em tom de gozo. Nessa noite não dormiu, abriu o caminho à depressão e passou a semana a matutar sobre a vida e a morte, sobre os defeitos do quotidiano; e matutando na falta de informação que a afastava do marido, dos amigos e mesmo dos pais, deu razão ao Aguiar. Teresa encheu-se de brio e resolveu rendibilizar as visitas dos pais e dos sogros, indo ao encontro do desejo das avós; mal a criança choramingava pedia-lhes esse favor e lá iam as duas, prazenteiras, cuidar da netinha enquanto a mãe papava informação através dos avôs. Teresa recuperou o equilíbrio emocional e passou a aceitar com humor as bocas dos amigos Aguiar; se o gozo inicial sobre a sua ignorância a pôs à beira da depressão, reconhecia-lhe também o mérito de tê-la obrigado a reagir.

Depois, em escadinha, nasceram os dois rapazes. Teresa não queria o terceiro, nem já o segundo fora do seu agrado, os filhos gastavam-lhe o tempo: se o segundo (como temia) contaminou de angústia o quotidiano, tendo mais

um correria o risco de se desactualizar irremediavelmente, de perder o marido, a família, os amigos... De novo pais e sogros fizeram pressão, mas foi aquela notícia sobre a mãe africana que a convenceu. Carlos prometeu mantê-la actualizada e trabalharia pela mulher que estava a contribuir para a juventude do Estado. De boas intenções está o mundo cheio, dissera-lhe a vizinha Aguiar.

Ganhar a vida passou a ser uma tarefa exclusiva do marido. Teresa não podia acompanhá-lo aos concursos de informação, nos mais diversos cenários reinventados pelos audiovisuais na luta pelas preferências. E para colmatar a perda do ordenado da mulher, Carlos desdobrava-se em participações conseguindo manter o rendimento a que o casal se habituara e os três miúdos exigiam. Ele bem tenta recuperar a forma e o dinheiro que considera perder quando não vence. Tem dias de participar em cinco e seis concursos para aumentar as probabilidades de ganhar, o homem anda estafado, queixa-se, as provas correm de mal a pior e as derrotas reflectem-se no orçamento. De regresso a casa, encontra uma mulher ansiosa, cada vez mais desfasada da sua realidade. As participações nos concursos impediam-no de se actualizar e a mulher também não ajudava. Milagres só para quem tem propensão. Teresa deixara de assistir pelos visionários às figuras tristes que o marido fazia quando coçava a nuca sem saber o que responder, sujeitando-se em directo ao gozo dos apresentadores. A mulher tinha de compreender, Carlos não podia fazer tudo e se alguém se sacrificava era ele próprio. Quem mais poderia sustentar a família?

Naquela madrugada, a mulher esperou o marido na sala. As crianças tranquilas dormiam há horas. Teresa não prega olho há três noites, hoje a situação resolver-se-á seja qual for a solução. Carlos tenta esquivar-se à pergunta, desculpando-se com a audição das notícias, se calhar nem dormiria para entrar a horas no estúdio. Será que ela pode adiar a discussão e preparar-lhe qualquer coisa para comer? Ainda o ovo estrelava e já discutiam berrando. Teresa acusa o marido de abandono intencional, Carlos chama-lhe desinformada criatura, péssima cozinheira. Feita a acareação, resolveram calar-se durante alguns dias, para não estragar o sono das crianças, mas acabara de suceder: o pequenino chorava no berço, os outros dois soluçavam de mão dada, descalços no chão da cozinha, agarrados à mãe.

Na semana seguinte, praticamente não se cruzaram: de manhã cedo, Carlos saía e ela preparava-se para tratar dos filhos, de madrugada ele regressava estafado e Teresa dormia. O quotidiano recompunha-se quando os avós visitavam os netos, Teresa já nem os interrogava sobre a actualidade, mantinha-se silenciosa fingindo ouvi-los e esquivava-se às perguntas inventando afazeres repentinos. Numa dessas tardes entre pais e sogros, Teresa rebentou: que sabiam eles, arrogantes sexagenários, das dificuldades da vida? tanta pergunta! que direito tinham de a vexar se desconheciam o martírio? Pais de um só filho... Ela não estava a par, e depois? Os quatro tomaram-se de ofensas e saíram zangados com ameaças de não voltar. Teresa fechou as crianças no quarto, sentou-se na sala e ali ficou a olhar sem nada ver, esperando o marido. Sensivelmente à mesma hora, Carlos também sofre, lê desesperado o ecrã e a resposta não lhe ocorre, dão-lhe a segunda oportunidade de acertar e ele falha, o adversário grita de satisfação: venha lá essa fortuna, ela é minha! Carlos nem quer acreditar que depois de tanta luta, tanto esforço, perca na recta final aquele balúrdio que iria proporcionar doze meses de descanso e talvez mesmo refazer o casamento. Carlos desmaia em directo e é socorrido pela equipa de especialistas em concursos de elevada tensão. Foi a fraqueza, dormira mal, nada comera... estava bem, sorridente, deu os parabéns ao vencedor e aceitou uma boleia para casa.

O homem entra em casa num pranto, a mulher tenta prestar atenção ao marido, saber a razão do desespero, esboça um gesto para acalmá-lo, mas as crianças também choram, recusam a sopa, atiram as colheres ao chão; Teresa tenta obrigar os filhos a jantar, diz a Carlos que se vá deitar, ameaça as crianças que desligará os visionários, a meio da história, se deixarem comida nos pratos. No quarto, o casal consola-se, parece entender-se. Ao nascer do Sol erguem-se decididos: os bons pais poupam os filhos. Teresa ferve o chá preparado de antevéspera, os dois sentam-se a beber, golinho a golinho, falando com os olhos, e antes que o veneno os liquidasse correram ao quarto das crianças; suavemente, para não perturbar o sono, retiraram-lhes as almofadas e, de olhos fechados, sufocaram os três filhos.

Os vizinhos Aguiar ganharam uma fortuna contando a história ao mundo. Ao estranharem a prolongada ausência do vizinho nos concursos informativos -

até há um mês atrás Carlos não falhava um desafio -, bateram duas vezes à porta e nada, ninguém respondera, puseram os ouvidos à escuta e nada, nem um ruído no interior da casa dos amigos nem o barulho das crianças - foi então que resolveram procurar os pais do Carlos e participar-lhes a desconfiança. Alguma coisa acontecera, o casal seu amigo não tinha o hábito de hibernar para reforçar relações. Dois dias depois ficaram chocados com a descoberta. A porta foi arrombada e logo selada, ninguém poderia entrar até à acetificação do apartamento.

— Confesso que são muitas as versões que já papei dessa classificada tragédia, Simãozinho.

— Comecei por dizer conta-se por aí e resumi a história no incipt... ninguém me mandou parar.

— Tranquiliza-te, não te saíste mal. Surpreendeste-me de inicio. Ouvi até ao fim, tiveste o mérito de me confundir. Lançaste-me a dúvida, mas já ouvi milhares de histórias que acabavam assim. Voltemos ao que interessa.

— É para lá que me dirijo. Tento apenas inserir-te no contexto, explicar-te primeiro porque tudo acontece. Deixa-me falar na euforia que não se limitou a tomar conta de um só estado.

A euforia generalizada banalizou o Acontecimento, desprezou os destinatários e estes desiludiram-se. Já são poucos os cidadãos que acreditam ou têm paciência para a Informação, só os chamados solitários se fecham nos domicílios e não dormem temendo ficar desactualizados; enquanto conseguem dominar a dependência, trabalham como consultores, a pedido de governos, empresas, associações ou de singulares interessados em acompanhar minimamente a vida dos outros; estes peritos navegadores de redes seleccionam informação, o serviço rende fortunas, a triagem exige dedicação exclusiva, os informadores qualificados vasculham tudo, gastam horas lendo notícias que apenas interessam ao vizinho do autor, nada lhes escapa e nunca desperdiçam o tempo dos clientes. O informador profissional é um homem que investiu anos na sua formação, na imagem de idoneidade e profissionalismo, para se tornar classificador de noticiário. Foi o que aconteceu a...

— A quem? a quem?

XXIV

Simão vacila, Lupinho levanta a sobrancelha.

— Calma, estou a meio. Retomando o fio à meada, lembro-me de que as primeiras notícias sobre a Tomada da Pastilha intrigaram apenas meia dúzia de curiosos, por terem escapado à selecção dos caçadores profissionais.

Com o rótulo de Informação Prioritária, o inventor da Pastilha escreveu ele próprio a notícia e sem ser especialista encontrou um título: Desafio Qualquer Investigador a Provar o Contrário, a Suplantar o Meu Invento. E seguia-se uma declaração: Eu, Rigoberto Pastor, cientista condecorado, criei em laboratório uma nova tecnologia que revolucionará o mundo; no estado Paternal, já se deu a Tomada da Pastilha, neste estado ninguém se opôs e tenho a certeza de que todos os povos a desejarão. Os cidadãos nunca viveram, neste estado, tão tranquilos e felizes, o nível da qualidade de vida subiu tanto que o povo, reconhecido, apoia qualquer medida governamental. Eu, Rigoberto Pastor, orgulhoso concretizador de uma das maiores ambições do ser humano, desafio os eruditos do mundo inteiro a aderir à Pastilha ou a provar que estou enganado. E terminava com três fórmulas químicas destinadas a bons entendedores. Nada escapava à Pastilha.

Só oito dias depois, aquelas linhas assinadas pelo cientista Pastor despertaram estudiosos em estados diversos. No mês seguinte à Tomada da Pastilha, os governantes paternalistas começaram a autorizar os pedidos de

observação e o estado Revitalizado viu-se a braços com a afluência dos observadores estrangeiros. O Departamento dos Curiosos registou a proveniência e a identidade de centenas de enviados que podiam circular sem qualquer restrição, aparentemente; o Departamento de Observação viu-se a braços com as redes e perdeu o controlo das trocas de informação. Rigoberto Pastor foi convidado a expor a outros mundos esta sua invenção — os governantes, profissionais da Ciência, preocupam-se com tudo aquilo que pode suceder aos súbditos, pouco interessam aqueles que deixam o estado para não voltar, mas toda a cautela é pouca perante o conhecimento adquirido fora de portas; as redes proporcionam a teoria, dão-nos a experiência de outras vidas, mas não substituem a prática e os governantes têm a legitimidade de contrariar qualquer tendência; os cientistas, fundadores da Revitalização da Ordem, consideram que as experiências devem ser controladas senão perder-se-à o controlo do desenvolvimento e isso significa grande desperdício.

— Eles não conseguem controlar o Seio, por desconhecerem a sua existência física.

— Que dizes tu, Racional? Que dizes tu, com esse entusiasmo?

— Digo que, por tudo isto, Rigoberto Pastor caiu em desgraça.

Pouco depois da condecoração, o progenitor do Projecto Past perdeu o prestígio entre o público, de um momento para o outro, os elogios viraram recriminações e a turba assimilou-as tirando do nada mais uma verdade indiscutível: Rigoberto Pastor traíra todos os paternalistas, quisera brilhar a sós. A descoberta da Pastilha e o reconhecimento da classe internacional, insistindo em convidá-lo a expor as suas teorias, inebriaram o cientista e este nem percebeu o segundo sentido do esclarecimento público feito pelo ministro, sobre um eventual prolongamento da sua estada fora da nação que o vira nascer. O mesmo público que tinha enaltecido os dotes do cientista, louvado a invenção e sugerido uma colecta pública para imortalizar em pedra aquele que pacificaria o mundo, a mesma turba ficaria de bem com o estado se desaparecesse o homem satisfeito em demasia, demasiado orgulhoso do seu contributo para o bem da humanidade, o homem que revelara um segredo de Estado ao propor a difusão da Pastilha na Terra.

As mais diversas reacções de apoio encantaram o idealista cheio de disponibilidade para levar ao mundo a mensagem de Paternal. Ele era o inventor da Pastilha, ninguém conhecia melhor o sistema e a filosofia subjacente, Rigoberto dispunha-se a abandonar o laboratório, a família e o estado, para revelar à humanidade a experiência dos paternalistas e convencer governantes em outros estados a seguir o exemplo. A digressão, explicara o ilustre descobridor, responderia também às solicitações vindas de fora. O cientista não negociaria a adopção da Pastilha, serviria apenas para abrir caminho a contratos internacionais. Os revitalizadores fizeram contas ao lucro e até prometeram uma redução nos impostos, a partir do dia da assinatura do primeiro contrato de venda e manutenção do sistema, mas a euforia durou pouco, os cientistas revitalizadores não tardaram em perceber que a partilha poderia significar perda de poder e ainda era cedo para o venderem, valia mais como moeda de troca. Os governantes paternalistas incentivaram-no a partir, lá fora tudo se resolveria. E não mais voltou. De vez em quando aparecia alguém a dizer que o homem tinha sido visto, aqui e ali, movendo-se na sombra, e Rigoberto Pastor passou a ser um fantasma com o dom da omnipresença, com a fama de desrespeitador, de desviado da Revitalização. A realidade convenceu o público, o homem fora-se e, por alguma razão, não mais pudera voltar.

Podemos retirar conclusões se soubermos como concluir, explicaram os governantes ao povo compreensivo, cansado das experiências falhadas pelos amadores que cavalgaram o poder anos a fio até chegar a Nova Ordem, quando o público votou contra os deslumbrados e os defensores de utopias. Os cientistas souberam manipular o público, este gosta do respeito estipulado. Os cientistas, com uma vintena de argumentos, arrumaram as dúvidas quanto ao significado do Respeito Revitalizador e à posição de Rigoberto face ao seu estado de origem, ao qual deveria estar agradecido por lhe ter dado a grande oportunidade de fazer uma descoberta.

Desnudemo-nos, fora uma das palavras de ordem que levara os cientistas à vitória nas eleições. É imperativo desnudar quando necessitamos de entendimento, se queremos construir o futuro dos nossos filhos, os nossos homens do amanhã, admitamos os erros. Facilmente se corrigiram os textos

históricos. Não havia o público de entender a correcção que satisfazia desejos íntimos? Recusaria um moribundo o remédio milagroso? Os governantes convenceram o público manifestando apreço pela existência humana e prometeram prosseguir os estudos sobre a recriação, revelando progressos assinaláveis, curando as revoltas dos organismos. E o Estado de Paternal conseguiu mais uma vez evitar infiltrações, abalos no poder...

— Deixa-te de considerações!

— Considerações? que sabes tu?

Racional, sem saber que dizer, recorre aos manuais, mas a espicaçadela falha, o outro calou-se. Simão quer ouvi-lo para poder calar-se, incentiva-se, recorda os jogos no Seio: obterá três pontos se o outro responder, um por ganhar tempo, dois pela acumulação de conhecimentos. Que significado dará aos vocábulos este historiodependente?

— Diz-me lá: o que é isso de considerações? Apreço ou apreciação? Meros considerandos ou provas de respeito?

— Não interessa. Muito provavelmente errei na aplicação do vocábulo, paciência. Aquilo que tu, ser por mim salvo, tens para narrar é que interessa.

— Falo do estado das coisas, das coisas de estado. Do que perdeste, da sorte que tens...

O estado de Lupinho exigia doses sucessivas, intervalos de curta duração, ou então uma dose generosa que o pusesse de rastos. Lupinho precisa de ouvir.

— Conta-me de onde vem esse ódio ao estado de Paternal.

Ódio? Simão lembra-se do episódio com aquele Limpa-ruas que quase o caçara. Não faria mal contar que arrumara um Gravata-vermelha com argumentos de nexo aparente, o outro perdera a paciência e começara a ameaçá-lo aos berros, dizendo-lhe Estás a Esticar a Corda, Estás a Esticar a Corda. Racional percebeu que tinha de mudar de táctica e, lançando um Eu?, fugiu.

Simão entende ser preferível não esticar a corda com este Lupinho. Dele será difícil fugir. Falará daquilo que sabe. Guardará aquela história do Limpa-ruas para quando não se lembrar de outra.

XXV

— Que cara é essa? Não me diga... Não me diga que não conhece a história de Rigoberto Pastor, daquele que por três vezes foi laureado, o grande inventor da Pastilha? Uma leve ideia? Que bom, para si e para mim. Está tudo nos livros.

Embalado pelas descobertas do novo regime, Rigoberto Pastor passou os últimos anos a investigar por conta própria. Todos os dias se fechava no laboratório que montara em casa ainda a expensas do antigo regime. A expensas porque aproveitou o estatuto de assalariado do estado e a onda do Trabalhe em Casa para obter os subsídios, de resto ia sustentando a família com consultorias aqui e acolá e o vencimento da mulher.

Rigoberto Pastor era um cérebro com hábitos de homem simples, cheio de boas intenções, juntava a ambição de concretizar um feito, de ser um herói, à vontade de defender os direitos humanos, por isso fechava-se a investigar a favor da comunidade. Acreditava que tudo se podia transformar e que as experiências tinham uma eternidade de justificações. Ele era um perito em readaptações de descobertas, ou melhor: especializara-se em adaptar as chamadas descobertas do acaso, aquelas que surgiam no meio de um trabalho a favor de outro objectivo e que os investigadores deixavam para outra ocasião. Este homem da classe dos cientistas pegava nesses acidentes de percurso e dava-lhes aplicações práticas, nunca deixando de trabalhar para

fazer a sua própria descoberta. Fazia experiências e mais experiências, testes seguidos de testes, na tentativa de descobrir algo de seu no meio do caminho. E estava a dois passos de concretizar o sonho da sua vida. Descobrindo se descobre, dizia tentando convencer a família. Os dois filhos nunca se sentiram tão controlados como naquela altura em que o pai experimentava a Pastilha. As horas de sono, as horas de estudo, as horas de lazer, nada escapava à medição e o pior era aquele maldito apito constantemente a avisar que alguém cometera um Exagero.

Rigoberto queria descobrir algo que facilitasse aos humanos a existência nesta sociedade em constante evolução. E para mais, neste momento, tinha mesmo de inventar algo muito bom para justificar o trabalho por conta própria, todas as horas despendidas sem justificativo registado. Mais tarde ou mais cedo, o estado perguntar-lhe-ia o motivo que o levava a adiar a inscrição nos Serviços Comunitários e ele teria de arranjar os melhores argumentos para continuar a esquivar-se ao trabalho nas Experiências Controladas. E sentia a pressão da família, as exigências de outra qualidade de vida no lar, sobretudo mais atenção. Até ter descoberto o caminho para o aperfeiçoamento da sua obra, Rigoberto encontrava-se com a mulher e os filhos às horas das refeições e mesmo assim tinham de o chamar várias vezes; na fase seguinte já nem dormia com a mulher, absorvia-o tanto aquela busca da felicidade que acabava por adormecer encostado a um canto; noutras noites vagueava pela casa, em silêncio, amadurecendo as ideias, revendo todos os passos a dar.

Esta noite iria jantar com a família. E foi uma surpresa. Lurdes não o poupou a algumas bocas. Quem é o senhor?, perguntou ela mal Rigoberto abriu a porta do laboratório que dava para a sala, e continuou a brincadeira virando-se para os filhos, questionando-os sobre a origem daquele homem que surgira do nada. Seria virtual? Alguma criação dos meninos e dos feixes tridimensionais? Ou era dia de teste? Mas a satisfação de Rigoberto, aquele brilho sinónimo de descoberta convenceu-os a todos, algo se passava, saber-se-ia à refeição.

Antes de se sentar à mesa, saltitando pela sala, chamou o Rigo, anda cá meu feixe de luz tridimensional, fez-lhe umas festas e comentou com os filhos já não entender os grunhidos do bicho que ajudara a criar. Sentaram-se, os

filhos nem ligaram os visionários, Rigoberto ainda perguntou porque é que não aplicavam ao Rigo o programa da linguagem e eles ainda responderam que preferiam um virtual de estimação que não falasse, já se sujeitavam a tantas falas... Mas não aguentou mais e gritou Eureka! A família acompanhou-o no grito ainda sem acreditar que finalmente deixaria de ser cobaia de uma invenção testada até às últimas consequências. Lurdes, Rá e Rânis queriam ouvir tudo. Qual tinha sido a solução? Era implantada ou colada à pele? Dissolvia-se? Qual a memória? Quanto aos efeitos já os conheciam das experiências em família, quando o pai tentava afinar o microchip. Na última fase, foi horrível ouvir aquela campainha, repetidamente, cada vez que alguém saltava, gritava ou beijava como aconteceu na visita da tia.

E isso não era perigoso?, perguntou Lurdes. Não, nada mesmo, o estado poderia dispensar a burocracia, os cidadãos iam ficar delirantes, mesmo os mais cépticos se aperceberiam do fim desta maldita era que inibia até o melhor criador, artista ou afim. Apostava que todos iam ficar contentes com a sua Pastilha, um chip que se alojava no estômago e continha todos os dados relativos ao seu portador, desde o nome à ficha clínica, e tudo o mais que lhe dissesse respeito. Um duplo descanso para os portadores, todas as tarefas ficariam facilitadas e, ao mesmo tempo, controlar-se-ia a violência. No trabalho, haveria mais justiça na apreciação do desempenho. Queriam melhor? Há quantos anos se tentava descobrir a solução? A família já conhecia as intenções, neste momento queria saber pormenores, de que material a fizera, se estava afinada ao ponto de não despertar por tudo e por nada. Durante as experiências, sofreram com a falta de noção de Exagero, mas ao jantar riram-se da tia Suzete, quando saiu lá de casa meia assustada com a campainha a tocar sem parar e ela sem perceber o porquê de um alarme num terreno pacificado como a grande capital.

Lurdes ainda não estava convencida de que a invenção, de facto uma grande invenção, não seria mal aproveitada. Rigoberto, já em privado, explicara-lhe que a diferença se situava entre o amor continuo e o sexo temporário. Passado algum tempo, como em tudo, dá-se mais valor ao orgasmo, a sensação torna-se indefinível tão perto que se está do Céu. Uma coisa de cada vez, melhor, o último fora bom mas aquele... fazer sexo todos os

dias acaba por banalizar as sensações (que coisa!), é uma verdade embora não explique porque sabe bem ter essa sensação todos os dias, só que, quando se privado dela, o momento de a ter é o delírio...

— Que coisa estranha...

Mas era assim, disse-lhe Rigoberto, daqui a algum tempo a Pastilha tornar-se-ia uma coisa sem importância, tão imprescindível que já nem se podia imaginar a vida sem ela, mas pouco importante porque existia, simplesmente; neste momento, todavia, ia ser o grande orgasmo da Nação, ia ter-se aquilo que sobre sempre se dissertara mas que nunca se conseguira obter. E Rigoberto era o pai.

O prazer é a coisa mais antiga do mundo, murmura Rigoberto ao ouvido da mulher. Que pensamentos estranhos para um cientista, brinca ela com ternura. Já esquecera todos os nomes com que brindara o marido nos últimos nove meses, a fase final do apuramento da Pastilha, a fase mais difícil do casamento. Durante todo esse tempo, mais do que é preciso para a gestação de um humano, viram-se tão pouco que ela já nem se lembrava como sabia bem aquele abraço. Não era bem assim, lembrar lembrava-se, mas há quanto tempo não dormiam juntos, ele e Lurdes, marido e mulher? Ao tempo suficiente para sentirem na pele o lançamento da Pastilha. Que coisa louca! E Teresa perguntou-lhe, perdão, e Lurdes perguntou-lhe se ele tinha consciência de que a dita Pastilha tudo media, ao que Rigoberto respondeu sim. Então, deves saber quantas vezes fizemos amor desde que testas a tua invenção, disse-lhe Teresa, perdão, disse-lhe Lurdes...

— Estou a avariar. Que dizia eu?

— Essa invenção eu já conheço, Rigoberto pode ser um bacano mas é banal.

— Um bacano? Baca...

- Não interessa, venha outra. Outra história, outra invenção. A génese dos Proves...

— Pede demais para um tipo que se satisfaz com meros episódios de guerra ou de outra coisa qualquer se a ressaca o ameaça.

— Não comeces, não me provoques. Alguma coisa poderás contar e eu tenho a certeza de que nunca ouvi.

— Não se enerve, talvez possa contar alguma coisa, sim. Mas não me olhe com esses olhos de pavor senão quem se enerva sou eu e nada feito. Se pensa que justificarei as contradições, desengane-se...

— Chega!

XXVI

— A mulher e o homem compraram tubos de ensaio no mercado paralelo. Nos primórdios da Actualidade chamava-se mercado negro, após a campanha de sensibilização a opinião pública concordou em banir a antiga designação, carregada de conotações xenófobas...

- Dispenso anotações.

- Refugiados nos subterrâneos, os dois criadores do Prove constituíram a Cópula e dedicaram-se à procriação, adoptando múltiplos de três. Já lho disse?

Foi assim. O primeiro trabalho fizeram-no sentados no domicílio do homem a quem chamavam mestre. Inventando objectivos inocentes, contactaram historiadores desligados do Serviço Comunitário e deitaram-se a investigar seguindo as indicações dos reformados. Cheios de entusiasmo pesquisaram redes de comunicação públicas e privadas, estudaram comportamentos, importaram experiências. Leram e releram, e definiram as Premissas-Prove. Nos subterrâneos desactivados, os rebeldes descobriram o seio que procuravam. Fiéis às premissas estabelecidas, confiantes no futuro, conquistaram o espaço propício à revolta; montaram nos corredores equipamento sofisticado e esmeraram-se também no reaproveitamento das galerias abandonadas por outras gerações de rebeldes; isolaram-se tranquilos dispondo-se a povoar o Seio. Trabalharam de pé, descobertos os antídotos

saudáveis contra o cansaço, dedicaram-se ao Prove sem temer quaisquer interferências exteriores ou orgânicas. A segurança foi transferida para o rol das preocupações secundárias, mal se comprovou a primeira premissa: A evidência é o refúgio do homem e a tecnologia ultrapassa-se a si própria.

Com a Revitalização da Ordem, a evidência perdera a clareza, passara a ser uma noção técnica de significado dúbio. A difusão do artifício inibiu as reacções naturais — ser humano implica comunicar, ser Paternal implica o domínio das impulsões. A necessidade não tem lei, mas faz lei, proclamaram os revitalizadores. Graças à divulgação progressiva das técnicas dos comunicadores, a turba estafou os preceitos do disfarce da hipocrisia; o comportamento dos paternalistas, ou dos revitalizadores como preferem intitular-se, contribui para a reformulação das teorias consagradas pela prática. No estado de Paternal, coçar o nariz é o gesto premeditado de quem pretende manifestar dúvidas sem o compromisso da fala. Ninguém vê neste acto uma simples comichão; levar a mão ao nariz nunca é um acto reflexo, mas sim uma intenção clara de evidência dúbia; lendo o regulamento da gesticulação descobre-se o poder da experiência. O público conhece a técnica, adora aplicá-la. Se apenas se pretende atacar a coceira esfrega-se o nariz usando a palma da mão, espetando os dedos, expondo a sensação, porém, recentemente, observadores do comportamento humano anunciaram terem aparecido alguns casos de evidência no gesto da comichão; prometendo divulgar, num prazo curto, as conclusões do estudo, avisaram: as pessoas começam a utilizar esse gesto para ganhar tempo, tudo indica que esse gesto poderá começar a ter duas interpretações; descobrimos, por acaso, este abuso da evidência que, lembramos, é punível pela Lei do Exagero.

No Seio, a evidência é uma noção clara, o resultado lógico da observação. A Cópula retomou os velhos significados e criou o seu próprio código, dificultando aos exteriores o entendimento das premissas. A evidência protege os audazes, estabeleceram os criadores. E não é que ninguém se lembrou de procurar conspiradores no lugar apropriado... Os prove multiplicaram-se, mas não assim do pé para a mão. A pesquisa nas Leituras Reservadas demorou e os pesquisadores sabiam das grandes dificuldades a enfrentar, também a decifração do sistema de acesso à zona reservada aos

eleitos deu o dobro do trabalho previsível e adiou seis meses (juntando as horas aplicadas na selecção dos dados e na aprendizagem) o arranque da segunda fase do plano.

O mestre, que tinha o dom de aparecer quando era desejado, acompanhou os dois jovens nesses meses, matando a perturbação à nascença. O mestre, com a experiência de um século, orientava os discípulos respeitando o direito à experimentação, doseava o aconselhamento de maneira a não os privar da liberdade da prática. O mestre, homem certamente sobrenatural, ensinou-lhes que um acaso nunca vem só. Espero que tenham entendido a mecânica casual, doravante não desperdicem a ambição ao acaso, disse entregando-os a si próprios. O casal amadureceu mantendo a juvenilidade indispensável à rebeldia e, pacientemente, foi descobrindo a força da vontade. Os constituintes alargaram a Cópula, votaram, elegeram dois proves da primeira geração. Os quatro concluíram só haver uma maneira de vencer a Revitalização da Ordem: lutar contra ela. Adequando os meios aperfeiçoariam a velha técnica da infiltração e atacariam em segredo, apurando a eficácia. Orgulhosos do equilíbrio obtido, lutarão contra a eternidade. O Seio alimentará gerações, a morte seleccionará os heróis, os governantes mentem quando afirmam que a morte a todos iguala e por isso são legítimos os transplantes revitalizadores em nome do direito à diferença.

No Seio da revolta, são os Lemas Cautelares que diferenciam os grupos de procriados; o princípio é o mesmo, quanto ao primeiro objectivo porque as gerações, essas, são criadas com fins diversos. Defender até Poder. Observar!, foi o lema da primeira geração e a penúltima é Defender até Poder. Atacar! Os grupos respondem sem reticências, conforme os ditames da Cópula, conforme o ensino ministrado. O grupo dos Dês nasceu para atacar em caso de necessidade, Simão orgulha-se de ser o sessenta-e-seis-dê...

- Desde o início deste ano que vigora o lema Defender até Poder... Violentar!

XXX

- É preciso fechar esta torneira.

É preciso fechar esta torneira, pensou Racional ouvindo admirado a sua voz reproduzir a gíria do pensamento. Por acaso o outro não percebeu, interrogava-se sobre aquela imprecisão da letra da classe Racional (ele não tinha dito que era um Dê?), senão teria protestado quando o narrador o enganou, fingindo repetir a frase.

- Pode parecer mas não é brincadeira, disse eu.

Simão aproveitou bem o acaso, apesar da aflição, não se encontra tão mal como pensava. A narrativa está a prejudicar o narrador, e o destinatário, sobretudo porque é extemporânea. Ainda estão por criar os Prove com autorização para revelar, parcialmente claro, o segredo do Plano, da Cópula, do Seio... Os Efes, destinados a violentar, anteciparam de certo modo a revelação do enigma; de certo modo porque a pontualidade dos atentados violentos levou a autoridade estadual a admitir publicamente a existência de contras organizados, abrindo caminho à investigação. Durante um longo período, até à largada dos Efes, os governantes riram-se das sabotagens considerando-as manifestações humorísticas; troçaram dosrelatórios dos Limpa-redes sobre um perigo iminente: andam aí uns fulalinhos bem-humorados, atrevidos, mas com elevado grau de inocência, tendo em conta que, a maioria das vezes, as suas Pastilhas não fazem despertar o alarme. Os

atrevimentos estavam a ser alvo dos estudiosos, enquanto não se registassem excessivos exageros, os atrevimentos esporádicos enriqueciam a experiência deste novo estado das coisas, estado Revitalizador de ideias feitas, científico e paternalista. Os governantes diziam tudo isto mas as acções dos rebeldes andavam a irritá-los, entre si, lamentavam-se de não ter posto cobro à brincadeira, logo de início, lamentavam ter cedido às ideias de alguns colegas investigadores do comportamento. É sabido que os humanos não são lineares. Tinha chegado a altura de agir, atentados violentos não podiam ser tolerados.

Prevendo as consequências (ainda os Efes não estavam aptos a operar no exterior), a Cópula fechou-se três dias na Galeria-mãe. A reunião foi frutífera, quando os Efes fizeram o primeiro atentado a geração seguinte estava pronta a defender a retaguarda e deu-se a mudança do lema: Violentar para Defender, ao Mínimo Sinal de Alarme. Desta geração antecipada, nasceram os atiradores, os Guês; entrementes Simão fora posto à prova, como os restantes irmãos da sua ninhada, como sucedia de geração em geração, e baqueara.

Para que haja rigor na narração desta história, diga-se que os governantes entraram na nervosidade quando o Seio educava os Dês. Os Dês tiveram a sua importância. Racional podia orgulhar-se de algumas vitórias. Simão adora recordar o assalto aos armários dos limpa-ruas, foi um êxito. Ele e dois irmãos roubaram centenas de gravatas vermelhas e conseguiram desnortear os limpa-ruas.

Dormia e sonhava que dormia a sono solto: acorda, sentindo pancadas no corpo, é surpreendido por uma chuvada de gravatas; entra em pânico, as gravatas são vermelhas e caem às toneladas, enchem o quarto e ameaçam sufocá-lo. Acorda sobressaltado, pede luz, acalma-se constatando não haver ali quaisquer gravatas. E foi quando, já tranquilo, se dispunha a pegar no sono que lhe surgiu aquela ideia do assalto. Incapaz de dominar o frenesim, levantou-se fora de horas empenhado na tarefa de convencer o educador de zelo a aprovar aquela proposta de perturbar o exterior. À saída do quarto, deparara com dois educadores, mas não podia interrompê-los enquanto conversassem. Racional deu provas da sua persistência, ao aguentar sem qualquer gesto os quinze minutos mais longos da sua vida. Os dois zeladores

nocturnos falavam sobre o modelo ocidental das Câmaras e Afins, um defendia e o outro atacava, Simão Racional teria que esperar pelo costumeiro intervalo. Esperou novecentos segundos para fazer a sua exposição e valeu a pena o sacrifício. A meio do almoço chamaram-no, o Seio admirara a pretensão e aprovara-a sem demora: podia mobilizar dois irmãos. Simão, Pedro e Fausto... o trio Racional de apelido largou o Seio de manhãzinha. Ele e os irmãos roubaram centenas de gravatas vermelhas. Conseguiram ludibriar a segurança e penetraram no armazém do fardamento renovado sem despertar o alarme; meia hora depois, em terreno seguro, incendiaram os preciosos apêndices da autoridade. Um transtorno sem paternidade, consideraram os governantes fazendo crer que arquivariam o processo.

Noutra noite, endrominou dois limpa-ruas. Disse-lhes, de caras, ser um rebelde, um ilustre combatente que adorava sabotar discursos, e os engravatados desdenharam a verdade, disseram-lhe que tivesse juízo, desta vez passava, fosse para casa que a família deveria estar preocupada.

É preciso fechar a torneira, pensou Racional calando-se. Não pode continuar, o historiodependente transtorna-o. Urge inventar, chegou a hora do teste ao conhecimento adquirido, jogará pelo seguro puxando conversa, passará a mão antes de gastar os trunfos. Deveria aplicar o que lhe ensinaram, mas esta personagem não se enquadra nos padrões estudados. Racional não quer admitir a falta de preparação, apesar de o terem obrigado a provar a mágoa, continua a acreditar na infalibilidade do Plano Prove e na reciclagem permanente que fundamenta a fé.

— Vocês vivem isolados?!

— Isolados? Ninguém vive isolado. Nós temos o nosso gueto, em Paternal cada um tem o seu gueto. Vivemos bem.

— Vive-se bem no estado Paternal? E o vosso papel, qual é?

Vive-se bem em Paternal. O público tem tudo à mão, a escolha foi ajudada a focalizar-se - a diversidade provoca indecisão e qualquer empecilho na engrenagem provoca interrupções desnecessárias ao funcionamento da Revitalização. As concentrações empresariais, fabricantes de mercados, facilitam as condutas e o governo tece o consenso. Vive-se bem, as preocupações partilham-se, os momentos de lazer estão ocupados, o trabalho

tem um valor difícil de calcular, o pessoal habituou-se aos cálculos vigentes. A Pastilha é uma grande companheira e, depois, claro, existimos nós, uma sociedade tem de ter várias componentes para se equilibrar, isso é sabido, este estado precisa de um grupo de contras para justificar algumas operações. Nós, enquanto não apreendermos tudo, usaremos os meios ao nosso alcance, guardando o segredo para a geração destinada a desvendá-lo.

A paciência é a base da ciência.

XXXI

E se isso vos mata de curiosidade, eles permanecem sentados, obcecados um pelo outro: Lupinho ressaca, Racional aplica-se na conquista do tempo; um está enroscado em si próprio, no chão, o outro dá dois passos para lá, dois passos para cá e esfrega o nariz.

— Na noite dos tempos, nada existia...

— Nada de quê, Racional?

— Do que hoje é o mundo...

— Dá-me exemplos, fala-me disso. Conta-me histórias.

— Só sei aquela que vem nos livros e dessa já te fartaste.

— Da História? Da Grande História? já me contaram as mais diversas versões. Aborrecem-me, preciso de coisas frescas. Quero a tua história. Não vês que estou faminto?

— Tantas histórias ouviu... Não foi o que disse? Onde é que as guarda?

— Vá, chama-me cábula!

— Você é um falso viajante.

— O problema (não lhe contei isso?) é que as esqueço e só volto a lembrar-me delas quando me repetem o início.

— Caramba!

— É a realidade. Ando assim há um tempo...

— Por que mente?

— Minto? Não me digas que és daqueles que só acreditam numa realidade. Não estou a mentir, estou a tentar convencer-te.

— Verdade? não faça essa carinha de desespero. Admiro a sua frontalidade, já lhe disse que gostava de recompensá-lo, mas nada poderei fazer se não me ensinar. Posso prosseguir sem qualquer orientação, sem qualquer intenção de o enganar...

— Vezes me tentaram enganar, muitos me forneceram um princípio remodelado como se fosse uma história fresca. Mesmo bem embrulhadas descubro-as...

— Verdades e mentiras?

— A conversa já vai longa e não é de dialogar que eu preciso. Como sabes (diz-se no nosso estado de origem) um homem enervado é pior do que uma mulher inebriada, portanto, recomeça, antes que seja tarde!

— Uma mulher quê?

— Inebriada. Sabes o que é uma mulher?

— Uma mulher? pode até criar um exército...

— Essa mulher de quem falas, diz-me, é inebriante? Criou um exército?

Simão cora, o corpo de Lupinho dá uns solavancos, o historiodependente gargalha. Terá tocado no ponto vital? Simão mira-o intrigado, confundem-no as incongruências deste homem chamado Lupinho. Lupinho de Lupínu? Lupínu de lobo ou de ervas de lobo? Interessará saber? No Seio diz-se que devemos interessar-nos por saber tudo, mas este homem é uma trabalheira, tanto dá provas de sabedoria como se revela um armazém onde tudo se encontra e nada se acha, e é lá que guarda a fórmula, a fórmula da imaginação. Nem tudo é filho dos genes, pensou. E sente de novo no corpo os fluidos que o atacaram ao ceder as primeiras confidências, pouco depois de acordar do acidente, quando o outro lhe arrancou a palavra-chave... os fluidos são apenas semelhantes, os presentes não querem provocar pequenas explosões internas, querem rebentar de vez com o corpo. É outra sensação estranha a apoderar-se deste Racional, uma espécie de tensão interna, as têmporas começam a latejar, as veias engrossam, o organismo rebela-se. E ele, que jamais se irritara, começa a urrar. A sensaboria do ouvidor irrita-o, que engraçado: um historiodependente chamado Lupinho irrita-o. E ri-se.

Terá sido por falar de mulheres? conhecera muitas nos corredores do Seio, faziam a maioria, e só uma endeusava, mas esse era um assunto seu. Sentia falta? que tinha o outro a ver com isso? O tipo passara-lhe uma rasteira, descarado! Provocara-o, tecnicamente provoca-o! Será este indígena um limpa-ruas? E como se comporta ele, Racional, homem treinado a preceito? Por muito menos alguns irmãos foram desligados do serviço. Simão admite estar confuso... Caramba, batera com a cabeça, o corpo andara aos tombos nos domínios da aeronave e a cabeça não fora poupada, qualquer pessoa sujeita ao mesmo tratamento ainda se apresentaria em estado de choque. Ele não era assim tão diferente das restantes pessoas, apenas o cérebro tinha outra vocação, se calhar nem isso, talvez tivesse apenas outro nível de processamento. E se, no regresso, lhe descobrirem a recaída? se o interpelarem dirá que se lembra de algumas cores, uns clarões, pouco mais, talvez um crepitar, nada além de incertezas. É compreensível: uma pancada na cabeça só por si pouco interfere, mas se apanhar o sítio certo... a verdade é que não me lembro de nada, não me lembro desse Lupinho, diria em tom de confissão. E, neste instante? diria a este ganancioso o nome da deusa? Se não lho perguntasse...

— Vou-lhe falar dela, digamos, vou continuar a falar dela.

— Ah! Temos novidades! A mulher que cria exércitos é a do café-bar!?

— Você desilude-me.

Simão cruza os braços e olha Lupinho nos olhos. Ensinaram-lhe a odiar a ganância e mais uma vez um homem queria engolir o mundo. Não pode ser! Simão inspira pelo nariz, o seu âmago começava a reagir, sente o sangue a correr, o corpo dilata-se - estes fluidos, ele sabe o que significam, significam orgulho, lembram-lhe as frases que ecoavam no Seio: Em Companhia de Governantes, Engasgar, Evitar Responder! A voz faz-se soar no seu cérebro, ouve-a nitidamente; dantes lembrava-se dela, ou melhor, dos ensinamentos, mas no seu próprio tom de voz não no da deusa, neste momento ela está dentro de si, autónoma, dando o timbre. Simão vacila, enche-se de perplexidade, é do excesso de emoções em tão pouco tempo. Simão é um ser normal, quando pensa ouve a sua própria voz só que está a ouvir uma outra, feminina... soa-lhe bem: Evitar Responder! Ludibriar Qualquer Experiência!

Atacar!... Atacar? Simão estica o braço e passa a mão pelo cabelo, ora, obedecera sempre, tomara uma ou duas iniciativas e não deixara de ser empurrado para uma aeronave, ao som de falinhas mansas: tu estás é cansado, vais e voltas quando recuperares do cansaço; far-te-à bem descansares uma temporada, no local próprio; uma limpeza restabelece o circuito mais emperrado, voltarás apto a retomar a missão. Voltaria? Mas como voltar sem saber de onde partir?

Apertando o queixo, Lupinho evita que o ranger de dentes perturbe Simão, Racional de apelido, Prove 66D. Se não o interrompesse deslindaria os casos Paternal e Plano Prove, garantia-lhe o instinto e o seu instinto tem-se revelado ao longo dos anos senão já teria abandonado todos os estados terrenos, não teria fracassado nas tentativas. Simão vai falando, parece encaminhá-lo para o êxtase. É o momento, é de aproveitá-lo, haja o que houver, o historiodependente não arredará pé.

O narrador cala-se, Lupinho suspeita da sorte. Um desenlace repentino? faltava-lhe ouvir tanta coisa... Lupinho não quer o silêncio, o corpo deseja o descanso, mas não o terá. O outro fazia apenas uma pausa, falso alarme, portanto. Lupinho enche o peito, Simão desabafa como nunca se ouvira a si próprio desabafar, saboreia as palavras, suspira de alívio; nunca antes sentira desgosto... mágoa, tivera ao sentar-se na aeronave, ao memorizar as últimas palavras ditas por quem sempre o orientara. Ao sentir-se fechado, rumo ao deserto, congeminou atitudes para interromper a viagem, mas não precisou de tomar a iniciativa. Quanto à mágoa, esta fora esmorecendo ao longo do voo, no olhar de uma mulher. Apreciara-a à entrada do transporte, procurara-a no interior e ela ali mesmo ao lado e ele a observá-la discretamente, sem despertar os acompanhantes, um deles o homem que o perseguira na sala de embarque e haveria de salvá-lo. Sentados na aeronave, aquele não o largou com os olhos e Racional disfarçava, ora voltando-se para trás ora concentrando-se no ecrã onde a mulher pousara a vista. Recorda-se bem da cara da mulher que o encantou e de quem noutra ocasião se teria limitado a desconfiar: mancha verde, risinhos, estadista profissional, possibilidade de confronto... como lhe era familiar aquele rosto feminino de idade madura. Levantou-se e despiu ocasaco. O historiodependente viu Simão correr de

braços abertos para a aeronave, loucamente, e a meio virar as costas aos destroços, voltando a sentar-se junto de si, com desalento.

— Não vale a pena lá voltares, todos se foram. Ou perdeste alguma coisa?

— Não. Ganhei uma miragem. A tua mãe... julguei reconhecê-la.

— Salvei-te e tu falas-me da minha mãe!? A minha mãe morreu há instantes...

— Peço desculpa. Só respondi à pergunta. Compreendo o seu desespero. Lamento.

Simão Racional compreendia o parceiro, apenas na generalidade (como diria qualquer paternalista em defesa da Revitalização) porque, no caso, os pormenores escapavam-lhe. Nunca enfrentara a doença que o outro exigia acalmar com aquilo que não lhe podia fornecer. Paternal encontrava-se no nível dos estados descontaminados; no caminho para a eternidade, raramente uma doença evoluía em larga escala, como faziam não se sabe bem, mas de vez em quando lá havia notícia de mais um êxito que salvara uma existência, e pouco mais. Os antepassados diziam: quando se não vê não se acredita, aquilo de que não se fala não tem existência. Talvez assim seja. Talvez!, mais uma palavra que lhe agradava pronunciar, especialmente neste momento em que apurava outras emoções. Talvez não fosse uma doença, talvez. Racional começou a tossir, engasgar a torneira, tinha de reorganizar o pensamento.

— Este ar puro intoxica-me...

— Que tem este ar, agora?

O desespero toma o comando, uma mini-dose para acalmar soube bem, mas venha outra mais consistente senão a fúria espilrará. Racional esconde um bem precioso à sobrevivência de qualquer historiodependente e isso começa a enfurecê-lo, embora esteja consciente de que só com paciência obterá um efeito prolongado, atingirá o bem-estar. É precisa alguma calma para encarar este beco sem saída.

— Este ar engasga-me... Caro Lupinho, diga-me, a sua ânsia de sobrevivência não lhe provoca uma vontade enorme de sair daqui?

— Sair daqui?

Lupinho ri-se. Sair dali? Tinha ali tudo aquilo de que necessitava. Sair dali? só quando esgotasse as doses e a privação apertasse. E mesmo assim... aquilo ali era o fim do mundo, só com ajuda abandonariam aquele lugar e essa ajuda não passa de uma miragem. Interessa-lhe, sim, saber dela. A rapariga livrar-se-ia do limpa-ruas, do maldito pacotinho que todos sabiam o que continha menos ela? se é que esta Ela era a outra Ela que Lupinho ansiava conhecer. Precisa de obrigá-lo a falar. O parceiro não estava preparado para mentir, valia-se da omissão, as suas palavras podem ser tomadas por realidades. A Ela criara um exército...

— Fala-me dela. Eu sei que isso te agrada. O teu rosto serena e adquire outra vida. É uma história que te agradaria contar e eu adorava ouvi-la.

— Agrada-me contar? Posso fazê-lo, é um conto da nossa história, a história dela.

XXXII

(Vou parar aqui. O homem sorri. Não sei se coloca o sorriso quando o miro se o mantém em permanência. Disseram-me que os limpa-ruas nunca se riem, ostentam o sorriso dos cínicos. Sorrirei também, mesmo não sendo caso disso, só que não tenho essa vontade... quero retorquir-lhe a ameaça e falta-me a experiência. Apetece-me gritar)

Os nervos sorriem por ela. Irá o engravatado julgar que os trejeitos labiais são puro gozo? Irá acusá-la? Ainda será assim? Gozarmos connosco é gozar com os outros? Rir sozinho é um problema? Uns afirmavam que sim, outros afirmavam que não. Neste estado, deve-se partilhar o prazer no sentido de comungar, contrariando o egoísmo; admite-se o gozo individual desde que esteja ao alcance dos demais. Como? No estado dos paternalistas, o prazer pode ser infinito, desde que não se descontrole o organismo; as liberdades e garantias encontram-se salvaguardadas, o gozo da vida é um dever. Os Revitalizadores da Ordem, ainda candidatos, lançaram alertas contra o riso, denunciaram, com toda a subtileza, um dos culpados pela decadência do Estado: o riso fácil. E condenaram as gargalhadas desmedidas que diziam transformar problemas sérios em ninharias, acusaram os galhofeiros de irresponsabilidade perante o esforço da nação, convenceram os eleitores de que rir em exagero banaliza a desgraça. E, claro (outra coisa não seria de

esperar), o público concordou: se dominar o riso era a única maneira de viver num estado de respeito mútuo, sério, respeitado no exterior, a turba estava disposta a evitar o riso. E votou. Nos três primeiros anos do novo regime, o povo, de modo próprio, quase conseguiu banir dos recintos públicos esses risonhos que não sabiam distinguir a graça da desgraça.

Não haverá decretos para normalizar o riso nem sequer uma directiva para dar alguma seriedade ao acto, embora seja aconselhável torná-lo num acto sério, alertaram os governantes quando declararam não pretender desperdiçar as energias do estado na fiscalização de comportamentos inofensivos. Os cientistas chamaram ao sorriso a máscara dos cínicos, transformaram-se em exemplos e quando se apresentavam publicamente mantinham-se sérios, nada de trejeitos. Não se tratava de qualquer antipatia, sim de manter a coerência, sopravam os comunicadores por todos os meios. A técnica estava ultrapassada, os sorrisos plastificados já não enganam, deve-se rir quando a situação o justifica, há que colaborar para se vencer a hipocrisia. E o público votou em mais uma demonstração de coerência e passou a acreditar que uma nação pode morrer de riso.

(O limpa-ruas sorri. Querendo ou não, eu respondo da mesma maneira. Ganho tempo parando aqui, junto a estes quatro indivíduos que dantes me chamavam pelo diminutivo e agora viram-me as costas. Apesar de nos conhecermos daqui, do Corredor, já fizemos algumas coisas juntos. Nunca a experiência me ensinou tanto em tão pouco tempo. Os nervos provocam-me o riso, vem lá uma gargalhada... Não posso ser penalizada por isso. É demais!)

Nunca se fizeram decretos nem directivas no sentido de limitar as risadas, mas em doze meses a seriedade contaminou o público e este manteve-se sério durante alguns anos, com as excepções indispensáveis à manutenção da coerência, geridas sabiamente; com facilidade se espalhou a ideia RPPM, a sigla que facilitava o conceito Rir em Público Parece Mal. A seriedade nas feições alastrou a olhos vistos e os atrevidos cansaram-se das recriminações na via pública, nos empregos, nos restaurantes, até no próprio lar. Parece mal andar por aí a dar risadas, parece que estamos a gozar com a

vizinhança, parece que a desgraça alheia nos diverte, ouvia-se dizer. Rir dessa maneira é feio! Se não se sabe comportar fique em casa!, eram as frases mais usadas nos ataques aos galhofeiros. Mas cedo os governantes perceberam o perigo da generalização da macambuzice; a experiência mostrava ser difícil reinar num estado macambúzio, o riso revelava-se um importante tubo de escape; a experiência demonstrou que, ao fim de algum tempo, a adopção de um rosto carrancudo se tornava involuntária, se entranhava na personalidade. E todos se tornariam mais vulneráveis ao vírus da depressão. Lentamente, a macambuzice contaminaria toda a população, e os cientistas sabiam que mais facilmente se convence o risonho do que o taciturno, pessimista por natureza. Era preciso actuar, antes que a ferida precisasse de uma geração para se sanar. Os governantes apareceram ao público, de sorriso franco, manifestando estranheza face ao comportamento dos cidadãos, dizendo que alguém os alertara de que os espaços públicos estavam cheios de macambúzios. Rir na Rua Parece Mal? que disparate monstruoso! A seriedade de Paternal já fora recuperada, uma boa gargalhada não abalará este estado. Até parecia que o público andava aborrecido, descontente com a Revitalização...

(Porque é que sempre recusei encarar esta realidade? Falaram-me tanto ao ouvido e eu nunca quis acreditar... não quis e agora sou obrigada. Não é por eu não acreditar que eles deixam de existir, mas também devo ter ouvido numerosas versões. Em quantas realidades eu vivo? Para mim a vida era um gozo. Os governantes... mas o que é isto da Revitalização da Ordem?)

Os governantes comandam a vida, fazem, desfazem, e o público aplaude. Muito riso, pouco siso? Não é bem assim, siso também significa ponderação e ponderação em demasia impede o progresso. O riso é um acto saudável, desde que não ultrapasse os limites do Exagero. A experiência chegara ao fim, satisfeitos, os cientistas resolveram ajudar a inverter a situação da macambuzice gerada por si próprios e, numa comunicação pública, com toda a pompa e circunstância, prontificaram-se a reparar os estragos. Reapareceram como salvadores da pátria, afirmaram que só agora a situação chegara ao seu conhecimento e o Governo, ao saber de tamanha depressão,

jamais podia permanecer indiferente; o povo sabia que os governantes estavam onde estavam para o servir, para impor o bem-estar comum; e foi lançado o programa de Reabilitação de Feições, enchendo-se as ruas de telas com gente a rir à gargalhada e a contar anedotas, com mensagens positivas aconselhando as pessoas a treinar em casa. E quem, nos treinos caseiros, não conseguisse retomar a boa disposição, podia solicitar as injecções de serotonina, destinadas a casos agudos de depressão, distribuídas gratuitamente nos Postos de Saúde. Aproveitando a sua própria serotonina ou injectando a substância para obter um efeito em três tempos, surpreendendo os cientistas, o povo alegrou-se, reequilibrou o humor, e a produção aumentou.

(Suplício adiado. Agora sim, rio com vontade. É Trancredo quem se me dirige. Não o via há anos, já me tinha esquecido de que ele aparece sempre nas situações de desespero. Tenho estado a dormitar nesta vida, sonhado demais. Estou salva, seu limpa-ruas de meia-tijela, estou salva! O mestre está aqui!)

Tem dormitado, naturalmente, num estado que desconhece a sua existência legal. Trancredo Otomano aproxima-se para lhe dizer isso mesmo. Trancredo, o discreto maduro que orientava o grupo dos vindouros, o homem a quem chamavam mestre... este homem pacífico nos actos, agressivo na leitura, talvez um dia venha a ser reconhecido como o primeiro crítico activo da Revitalização, como o ideólogo da revolta. Ninguém sabia há quantos anos vivia e fazia reviver conhecimentos de antanho, logo na aparência se adivinhava a existência do sábio, pela conversa vinha a certeza de um passado cheio de experiências bem digeridas. Se se dedicasse algum tempo à soma dos episódios relatados na primeira pessoa, facilmente se duvidaria deste homem que apesar de velho jamais poderia ter vivido tal número. Só os espíritos cegos fazem contas de cabeça, as visões de Trancredo encantavam os jovens seguidores. É a fé da rebeldia.

(Entendo agora alguns conselhos. Vou-lhe dizer, vou prendê-lo à minha existência. Sou sua discípula, bastante desatenta, reconheço, mas sua discípula!)

Ela ainda tem a pele dos anos verdes, é linda. Há muitos hologramas da sua cara espalhados pelos corredores do Seio. O estado tardou a reconhecer-lhe a existência, quis o destino que ela e Teotónio Assis se encontrassem. Foi uma paixão e um amor à causa...

XXXIII

— Mas que tipo de mulher é essa de quem me falas? Os teus olhinhos saltam quando falas nela.

— Há outras coisas para contar... Por que faz um ar malandreco ao parlapear de mulheres?

— Eu? Santos Baltazar? Lupinho?

— Vejo no seu rosto um prazer diferente, gosta do tema. Explique-me porquê, esclareça estes momentos, experimente partilhar.

— Ora, ora... dói-me o pescoço...

— Fale! Os dotes do meu amigo deslumbrariam o mais fiel ao Seio.

— A mim, você... você arrasa-me!

— De novo a tentar endrominar-me. Você é realmente um dotado.

— Dotado eu? Não sirvo para outra coisa senão para observar e ouvir... Serei um especialista?

— É um especialista não praticante.

— Talvez tenha razão quando me chama egoísta, talvez a minha vida seja predatória, e a palavra é sua...

— Eu mencionei predatória noutro contexto...

— Pouco importa aonde se coloca a palavra. Pouco importa, quando se percebe o que se ouve.

— Tenho um entendimento diferente desse seu entendimento. Conheço as regras, conheço os substantivos, os advérbios, os adjectivos... Posso dizer-lhe onde devem ficar uns e outros, definir o significado do verbo, corrigir orações... e de que me serve toda essa teoria? Só sei o que todos sabem.

Você não, embora diga que pouco importa. A ti, Lupinho, a ti o conhecimento não te inibe. Como te invejo essa liberdade.

— Tenho ouvido muito, falado pouco. É verdade...

— A compreensão...

— Não percebes, eu gosto de ouvir música, a música das palavrinhas. Observo, ganho a prática, mas detesto praticar, prefiro ouvir, simplesmente ouvir.

— Digo-lhe eu, sem ofensa, que você é um desperdício. Há quanto tempo sorve doses nessa sofreguice? Que gozo lhe sobra? Não gozava muito mais quando partilhava o que ouvia? E será correcto, esse quotidiano de caçador de existências?

— Caçador de existências? Como assim? Quer apanhar-me? Nunca matei ninguém, não há provas contra mim. Aqueles que à minha frente morreram, morreram de moto próprio, foram-se de medo. Foram-se em silêncio, nada tenho que seja deles, a maioria não chegou a contar-me uma história completa. Já lhe mostrei os papéis que me inocentam. Estão aqui no bolso, olhe!

— Guarde-os. De nada acuso o meu amigo, só digo...

— Quanto aos outros? Quanto à atitude? Digo-lhe eu que nada roubo. Peço bocados da vida dando ouvidos em troca.

— Você suga a intimidade, esvazia existências. No meu caso, por exemplo, se lhe revelar o meu segredo, ficarei sem nada para guardar.

— Nada disso! Quando peço uma história é puro empréstimo, na sua linguagem: pura partilha. Limito-me a entrar na história, vivê-la em parceria e no fim guardo a cópia, agradecendo. O narrador também me agradece a gentileza, alguns pedem desculpa pelo entusiasmo tê-los levado a contar episódios sucessivos, histórias atrás de histórias. Oiço muitos desabafos, mas não tenho que me intrometer. E não imponho romances, contos ou outro género qualquer. É a oralidade que importa, dependo absolutamente daquilo que cada um tem para dizer. Seja o que for, tenha a forma que tiver: intimidades, ficção, pequenas histórias da História, confidências, maledicências...

— Já não duvido, sei diagnosticar, você foi apanhado e não se importa. Dificilmente largará a dependência, desconfio que tinha pela frente uma prolongada estada na clínica. Eu não precisaria nem de metade para calibrar os sentidos, para largar no deserto o impulsivismo que estou a começar a apreciar... não interessa se falo certo, falo para o entreter e aproveito a prática para exercitar o pensamento. É verdade, e você gosta.

— Goza-me, desde o primeiro instante...

— Nada disso! Hoje, o Lupinho é o meu mestre. Desconfia de mim? Acredite que continuo a adorar o Seio, o castigo pôs um Lupinho no meu caminho.

— Rimou!

— Fantástico. Pela segunda vez, e rimei por mim. O seu nome também se adapta bem à frase feita...

— Afinal qual é o seu problema? Se há frases feitas é para serem utilizadas. Você não faz outra coisa...

— Soam-me a falso, envergonham-me. No Seio criticam-se os cientistas revitalizadores, chamamos-lhes abusadores de frases feitas. Eles proverbiam a eito, condenam a língua à sintaxe e convenceram o público de que resta apenas revitalizar os significados. A verdade está dita, mas mal interpretada, esta foi a primeira palavra de ordem dos inimigos dos Prove, justificação propagandeada muito antes dos nossos Criadores se unirem. Nós aprendemos as frases feitas e as refeitas para podermos sabotar o sistema. E fomos ensinados a separar o trigo do joio, mostraram-nos as plantas, ambas da família das Gramíneas, explicaram-nos como o trigo fora importante na história da gastronomia...

— Uma cambada de líricos é o que vocês são.

— Os criadores odeiam as frases refeitas, no Seio treinam-se Proves para combater essa realidade. Quanto às feitas, incluindo ditados e provérbios, aceitam boa parte delas e dizem que as utilizam para repor o significado, o significado anterior à revitalização da Língua, o mais aproximado da sua realidade. Agradeço ao Seio ter colocado diante de mim um homem culto. Saiba, senhor Lupinho, que o Bom Por Si Se Gaba tem um sentido virtuoso no Seio dos Prove.

— Quer outra frase bem feitinha? Vocês são todos iguais. Vocês, Proves e Pastes, nesse estado de Paternal.

— Não! Isso é que nunca!

— Repor significados? Grande desculpa para não inventar mais nada. Repor o quê? As frases feitas que os revitalizadores refizeram? A verdade está dita, ou já foi dita? Quem a disse? Quando foi esse momento de esplendor que eu perdi?

— Ainda não era nascido…

— Ai! Resignação?! Isso não é comigo, não me ralam nada esses criadores, esse seio, e quem alimentaram ou alimentam! Constato, simplesmente, estou de fora e constato as pequeníssimas diferenças entre governantes e criadores, entre o proclamado Paternal e o dito Seio.

— Pequeníssimas diferenças? diz você que desconhece a motivação do Seio. Você não sabe nada.

— Conte-me então, se nada sei...

— Os criadores uniram-se contra os governantes, logicamente diferem…

— Tempo perdido não pode ser reconquistado! Gostou da recitação? Mas se quiser continue a lamentar-se, aproveite para exagerar, explore o imaginário, escute o pensamento, é bom ouvir aquilo que se pensa. Verá, ouvindo, ouvindo a alma (ou tu e a tua irmandade vivem sem ela?), equacionando o que vai nesse espírito, libertando os seus segredos... Verás que aquilo que guardas cioso é apenas um segredinho de importância relativa. Todos estamos agarrados à realidade dos outros. Eu dou inteira liberdade ao contador, apenas quero uma história. E se o contador for brilhante até admito plágios.

— Você é um contra-senso. Quando enalteciam os seus dotes de orador, que sentia? E o prazer de encantar? perdeu essa apetência? Nos salões, quando trabalhava no que ouvira, mantendo a plateia suspensa, dava por mal empregue essas horas em que fabricava a realidade? Quantas vezes lhe agradeceram pelo serão encantador, por lhes ter dado a conhecer outras vidas, por lhes diminuir a ignorância, por fazê-los felizes?

— Quem precisa de ouvir, não deve falar.

— Mas para quê tanta acumulação?

— Satisfaço-me e satisfaço. Aponte-me alguém que não adore ser ouvido? Os homens gostam de se fazer ouvir.

— Você é um verdadeiro desperdício. A narração das suas experiências paralisariam o Seio. Libertar-se-iam sentimentos estranhos, todas as convicções seriam abaladas. Bastava começar a falar.

— Acredito…

— Acredita (tratemo-nos definitivamente por tu), mal te apresentasses provocarias o impossível: palavra passa palavra e a plateia não pararia de engrossar e raros responderiam às sucessivas chamadas do Seio para regressar aos Tarefários. As tarefas que esperassem, ninguém perderia essa oportunidade rara de conhecer as sensações de um tresmalhado.

— Talvez os meus pais tivessem razão, talvez devesse parar. Eles diziam, e você também já me disse, ser asneira limitar a vida a uma única dependência. Nunca é tarde, diz, mas eu não aguento deixar de ouvir. Fale... Só um de nós sobreviverá...

— Por que diz isso? Uma questão de estratégia? Espera alguém?

— No fim do mundo? Só sei que um de nós aguentará a travessia. É sempre assim, alguém sobra para contar o que se passou.

— Está a condenar-me, por ser filho de quem é?

— Estou a aconselhá-lo a exercitar-se, caso passe neste teste tem o futuro garantido, pode…

— Acuso o seu egoísmo…

— Intervalo? Final do jogo? Por favor...

XXXIV

Algum problema em descortinar a situação? Como se encontram os dialogistas? Assistimos a um duelo de artistas, cada um a pensar nos aplausos do público, mas neste jogo quem ganhar a mão perderá. E para que tudo fique ainda mais claro, acrescente-se o que já se sabe: Lupinho tenta levar Simão a dar-lhe histórias, tenta conduzi-lo até à história sublime, a sua, a proibida; tenta que o outro continue a entretê-lo porque tudo indica que atingirá o objectivo. Racional aplica-se o melhor que sabe, largará de mão a conversa. Simão fala como se jogasse com um limpa-ruas: aplica a técnica Ganhar Tempo. Racional estava em franca recuperação, conseguia que Lupinho desse troco. Passar a conversa de mão... é o momento.

— Que vê Lupinho que os outros não vêem?

— Só eu vejo aquilo que vejo?

Lupinho arregala os olhos, dobra o tronco e bate com a cabeça no chão. Simão apoquenta-se, o outro está mesmo doente.

— É que...

— Muito bem, senhor Racional, sou um ser humano, não consigo resistir a tanto apelo.

Levantou-se mirando a assistência, as bocas calaram-se e o salão encheu-se de sorrisos, chegara a hora da história da noite e nunca ninguém sabia o conteúdo da narração, alguns bem se esforçavam mas ninguém

descobria o título, sequer. A excitação crescia, Lupinho mandou apagar as luzes, acender os castiçais e depois dos dois golos de sumo fez soar os primeiros acordes:

— Vejo-as, ao longe. Vêem-nas?

Quando andam à lua são apenas silhuetas, um casal de contornos de quem nada se sabe, porque pouco se conta. De dia refugiam-se no jardim, aos olhos de todos, e poucos conhecem a história daquele par que se expõe sem se dar a conhecer. À lua, as ilusões são verdades e há quem diga ter ouvido as silhuetas murmurarem que vagueiam ao sabor da imaginação humana. E nós pensamos vê-las sem nunca nos ficar a certeza...

— São elas, são! Caminham sós. Vêem-nas?

Para elas a noite não é um refúgio, é a seiva. A Lua é-lhes vital! Como se poderia viver sem a essência do perfume? Movem-se no escuro, deambulam como os caminhantes do dia, mas ninguém vê a palidez dos seus rostos. Fogem da própria pele sem complexos, dão-se.

— Xiuuu!!! Caminham lado a lado, de braço dado.

As duas são, na verdade, dois, sem mais interrogativas, prerrogativas! As exclamações são o seu combustível, o objectivo é deambular. Não cumprem regras ortográficas, paradigmáticas. São duas silhuetas, dois se aceitarmos que o género masculino continue a predominar. Quando caminham, riem-se em silêncio, agarram-se ofegantes. Os sentidos não integram o orçamento das palavras, o vocabulário a usar é escasso. Apenas soltam monossílabos, não falam a mesma língua, são de gerações desencontradas, de mitologias diversas, mas entendem-se.

— Ouvem-se apenas os passos, cadenciados. Agarradinhos. Vêem-nos?

Estes dois dizem: somos UM, na verdadeira acepção da ideia, somos todos vós. Aqui, nesta cidade feita de heranças, como todas as outras, os frequentadores de jardins conhecem-lhes os nomes, estão escritos, mas à noite não os reconhecem a acertar os passos na rua, nos bares os gestos... os corpos noutros jardins. Não valorizamos tanto o silêncio que desperdicemos os sons do mundo; e eles chegam a esgotar o orçamento dos sentidos numa só noite, sempre em sintonia. Nunca sonham o mesmo sonho, mas deturpam a

mesma realidade. Entendem-se, mesmo quando dão outro sentido às palavras. Só de dia a tensão os compromete. Para nós, errar será morrer e se a dúvida se desfizer deixaremos de existir, foi o que alguém os ouviu dizer.

— Corre o Outono, talvez seja o dia das bruxas.

Acreditemos, a humidade do solo e a queda das folhas são recomendações superiores, acreditemos que o verdadeiro poder está disperso pela terra e nunca há-de reinar. Eles (Elas?), ele e ela alimentam-se da natureza, do cheiro a terra húmida e sabem o que querem. É preciso libertar os corpos e poupar o silêncio, dizem, é preciso humedecermo-nos nos solos, cheirar essas folhas obrigadas a desaparecer. Recusam-se a repensar fenómenos, fraudes e farsas, felicidades de encontro fácil. Queremos viver, nem que sejamos movidos pela seiva da sensaboria humana - escutou uma das mulheres que conta a história a quem se senta no banco daquele jardim.

— Só no Outono o jardim público não está iluminado. Eu tinha-vos dito. A falta de luz, como o exagero, não os perturba, nunca se cansarão de nos olhar e nós não atingiremos a exaustação ao olhá-las. Não sabemos quem somos, encontrámo-nos, encontramo-nos; não temos nacionalidade, não somos razoáveis, não queremos; fomos postos lado a lado, esculpidos por dois artistas em duas épocas. E à noite caminham, fazendo o que todos fazemos como se pertencessem ao nosso mundo.

— Choveu, cheira a terra. Talvez por isso...

Dançam na escuridão, num lugar público, são afinal duas entre muitas. Silhuetas. Bebamos os seus aromas e mantenhamos o segredo de quem se conhece desde sempre e troca ideias por beijos. Elas saem por aí desde que as casaram no jardim. De dia são de pedra e bronze, à noite são sombras iluminadas.

— Era quase dia. Ouviam-se portas, gente...

Resta-nos saltar de novo as grades do jardim. Dar uma corrida até ao local e lá ficar, quedas e mudas, nós que somos deuses de pedestal.

— Naquela noite, nós vimo-los!

XXXV

Grande estrondo! ambos olham para o sítio de onde escaparam: a aeronave esvaía-se em fumo. Lupinho levanta-se temendo os reflexos condicionados do impulsivo a necessitar de tratamento. Tretas! Racional não reagirá impulsiva nem violentamente, Simão pensa no que ouviu enquanto o homem se desdobrava daqui para ali, dali para aqui. O homem está louco! Simão digere a história, a narração soara-lhe bem, mas...

- Este era o teu estilo?

- Qual estilo? Eu contava de tudo, conforme a noite. Teatralizava melhor que ninguém. Narrei até me esgotar. Eu sei, sou uma sombra, perdi o dom.

- Uma sombra? Uma silhueta ou um espaço privado de luz?

- Deixa-te de interpretações.

- Eu só li ensinamentos. Para os Prove apenas existe uma realidade, a realidade do Seio que é o reflexo da realidade do estado em que vivemos.

- Lá estás tu a ludibriar-me!

Racional sonega informação, transforma-a, tudo tenta para não se trair. Denuncia-se indubitavelmente, é um agente secreto a necessitar de reciclagem. E a maneira como fala daquela mulher, os olhares que deitara à sua mãe... Espiaria ao serviço de quem, este jovem-adulto-bem-parecido, cavalheiro educado no melhor seio? que pensar deste armazém de segredos de Estado? que pensar de um homem numerado por um plano qualquer? Visto

assim corre o risco de ser banal, é preferível tomá-lo por um endrominador. O historiodependente topara-o à primeira vista, o homem infiltrara-se na multidão, imitando os passageiros que olhavam o painel da sala de embarque, esticando o pescoço quando sabia previamente onde iria sentar-se, tal como Lupinho. Os lugares dos diplomatas eram sempre os mesmos, os Santos Baltazar deveriam entrar em último, com a devida deferência, mas o suspeito sentara-se depois, na ponta, na mesma fila. Quem seria este passageiro a quem se concediam privilégios? O historiodpendente sorrira de satisfação: procederia ao ataque antes que a sintomatologia lhe baralhasse o raciocínio. O ar circunspecto do último passageiro fornecera-lhe um repentino bem-estar, acreditara que este o levaria ao cabo do mundo, morava ali intriga. E quando viu o sujeito sentar-se na mesma fila, acreditou em Deus. O homem, novo ainda, com uma mancha verde na orelha, tinha cara de quem escondia a origem, até de si próprio. E eis ali, ao alcance, um guardador de segredos. O dependente sua, acatara a decisão paternal quanto à necessidade de uma cura porque lhe disseram implicar uma viagem e qualquer viagem dá outra expectativa à vida; a pronta anuência amansara a paternidade, levando-a a aceitar a contrapartida, o último desejo do filho dependente: até à aterragem podia sorver as doses que encontrasse e os pais só interviriam caso detectassem indícios de violência ou uma grande quebra de tensão. Lupinho fez tudo para acelerar a viagem, pensando nos numerosos viajantes, na facilidade de escolher algum, ou mesmo vários, que lhe aliviasse o adeus à dependência. Sorveria doses sem parar. Mas quando soube que no dia seguinte partiria num voo directo, quase teve um ataque. Correra atrás de foguetes. As viagens aéreas não são das suas preferidas, os visionários de banco passam uma sucessão de repetições, entretêm-no pouco, a realidade virtual não o entusiasma, prefere a presença física, ouvir narradores de carne e osso, preferia criar as suas próprias imagens a ver artistas de ecrã a recriar argumentos; desesperam-no todas as ofertas breves, irritam-no. As opções à disposição dos passageiros dificultam a abordagem, à primeira prospecção, é raro encontrar-se um contador de histórias ou alguém disposto a dar o âmago; tinha de percorrer a aeronave, para cá e para lá, seleccionando passageiros, inventando situações para se poder sentar ao lado da cara escolhida; então, se fossem voos directos, nesses

não havia tempo para nada, por isso, a sua preferência ia para as carreiras dos Transportes Terrestres de Circulação Extensa, onde, aí sim, o entretenimento fartava. Aonde circulavam amontoadas personagens inéditas? Histórias de vidas que só os próprios ou os vizinhos conhecem?

Nas carreiras de circulação extensa, que garantem alguma heterogeneidade, há dois tipos de passageiros: os Portadores de Assento que pagam a distância a percorrer, embora sejam obrigados a levantar-se muito antes da paragem para atingir a porta de saída; e os outros, os utilizadores do Bilhete Mínimo, bilhete a que todos os trabalhadores têm direito dentro do princípio de que o trabalho tudo paga, assim, a passagem é gratuita se se viajar de pé. Firmes, entre as duas filas de assentos, os do Mínimo conquistam o espaço à cotovelada, ninguém precisa de se agarrar aos protectores, só os menos experientes estrebucham. E há sempre alguém pronto a desabafar. Nas gares são todos iguais, aguardam o transporte em silêncio, desejando nunca ser o último da fila; e nunca se desanuvia este enfileiramento que funciona ao empurrão durante o instante da paragem. Arrancar Em Sintonia, Vitória! cansou-se Lupinho de ouvir propagandear quando o desespero o fez regressar às gares subterrâneas, circular de cá para lá, de lá para cá, tentando cativar gente e arranjar as doses que evitariam a ressaca, permanecendo um ignorante do Sistema Extensivo.

Lupinho sabia que entre a multidão circulavam histórias inéditas e, apesar de ser arriscado, dispôs-se a apanhar o Colectivo para a zona periférica da grande capital. Aproveitaria para verificar o estado das coisas, terminada a adolescência regressava ao estado de nascimento sabendo muito pouco sobre esta Revitalização da Ordem aceite por unanimidade. Na primeira viagem de pé, Lupinho descobrira a mina, nos corredores de acesso às gares todos se misturavam e nunca conseguira fazer parar quem quer que fosse.

Fugiu ao condutor da família (a paternidade agradeceria a desobediência, o povo tinha sempre muito para contar) e começou a andar pelas ruas, deparando com uma central de transportes subterrânea a oito quarteirões do bairro dos governantes. Desentendendo-se com as bilheteiras automáticas, arriscou em direcção a uma fila de gente que esperava por baixo das letras DE PÉ a faiscar. Perguntou ao matulão fardado quem era o último da

fila, este afastou-se resmungando que ninguém queria ser o último da fila e, de braços cruzados, encostou-se ao anjo de pedra esculpido na parede. Lupinho esperou pouco para sentir na sua estrutura óssea o corpo de aço do brutamontes, nem lhe sobrou tempo para reclamar, esmigalhado acabou por penetrar na área sem assentos, ele e mais os primeiros pretendentes à mesma porta, peritos em se encaixarem uns nos outros. Desejoso de meter conversa, aproveitando ter a cabeça encaixada no ombro daquela mulher, fez da sua interlocutora o centro das atenções. À primeira pergunta, a mulher desatara a rir e só parara ao notar os olhares recriminadores a apontar para o tecto, para a palavra silêncio da cor de limão; a mulher de roupa humilde largou um Você Não É De Cá, Pois Não? e baixou a cabeça com vergonha. O foco das atenções virou-se para o estranho de vestimenta fina. Lupinho cometera uma asneirada evidente, mas se até tinha sido a mulher quem rira... As portas abriram-se para uma nova troca de passageiros, o historiodependente foi arrastado e já cá fora reparou que trazia pendurada no braço uma criança descalça. Com a genica emprestada pela esperança de sorver uma boa dose, galgou uns metros e deu por si no extremo da gare pronto a escutar a menina que o destino colara ao seu ouvido e que começara a falar sem qualquer embaraço, segredando serem os fardados brutamontes meros operários como todos os dos Mínimos.

Você Não É De Cá, Pois Não?, perguntou-lhe a miúda de olhos semicerrados. Por que me fazem todos essa pergunta? porquê? conte-me tudo aquilo que eu desconheço, pediu Lupinho limpando o suor das mãos às calças brancas. Meia desconfiada, com um olho na contrapartida que sempre ganhava ao satisfazer um ignorante, a criança tentou medir o grau de imperícia apresentado por este ser de tão ilustre aparência. Escutara a pergunta que ele fizera à mulher. O homem desconhecia a existência dos Lança-Pés, técnica importada de um lugar asiático muitos anos antes de ela nascer nos subúrbios. Porque viaja um privilegiado ao preço mínimo? O homem, aparentemente adulto aparentemente criança, nada sabia de transportes, decidira aventurar-se com o objectivo de visitar o museu ferroviário, dissera. E ela encontrara-o e assegurara-lhe que ele aprenderia alguma coisa, com certeza, possivelmente até veria em acção os operários cuja existência desconhecia; na certa sobrar-

lhe-ia tempo e dinheiro para a entrada no Centro de Treino onde os lança-pés desenvolviam os músculos e ensinavam os principiantes; e observaria minitransportes em movimento, numa encenação da realidade que a criança tão bem conhece. E ela nem levava caro. O senhor Lupinho que não se importasse, ela já conhecera seres semelhantes que também nada sabiam de transportes, ou mesmo de outras coisas ainda mais comuns. E o senhor Lupinho tinha tido sorte por ela o ter arrancado do meio dos passageiros indispostos pela quebra do silêncio, o senhor Lupinho tinha tido sorte de ter sido ela. Dorinha dar-lhe-ia todas as explicações necessárias e contar-lhe-ia a história do primo António que já fora condecorado com a Ordem dos Lança-pés, isto se entendera bem a perplexidade do morador no bairro dos governantes, a zona privilegiada da capital. Se o senhor Lupinho quisesse até o levaria a casa do ilustre familiar. Poderia ganhar uma boa massa. E Lupinho ia-se deixando levar pela lábia da catraia a quem falta um dedo em cada pé.

Quem era mesmo o primo António? Conhecê-lo-ia e aos três irmãos, todos eles lança-pés. O trio chefiava o turno da noite em centrais-gares diversas. Orgulhosos do seu profissionalismo, os irmãos agradeciam ao pai, já desligado do serviço, o empenhamento na sua preparação; atribuíam ao homem sentado numa cadeira de rodas a proeza de tê-los domesticado, desde cedo, obrigando-os a fazer umas horas, à socapa, no transporte de cargas suburbano. Sus!, o futuro está nos músculos!, incentivava-os prometendo-lhes uma musculatura tão proeminente quanto a sua. De princípio eram cinco, mas o filho mais velho renegara as pisadas e fugira sabe-se lá por que caminhos; ainda hoje, passada uma dezena de anos, ninguém queria saber do mais velho de quem apenas se lembravam possuir um corpo franzino impróprio para qualquer desempenho no ramo familiar. Ao que parece, licenciara-se... E se alguma lembrança havia do esquelético, António apagou-a contando ao cliente da primita como desenvolvera o grande negócio de prestação de serviços.

Aconselhado pelo pai a gerir o grupo como se fosse família, António recrutara mão-de-obra na praia, entre os jovens que andavam no engate. A contabilidade controlava-a a mãe que, enquanto o filho contava a história, refilava com o marido por este nunca sair da janela quando havia visitas em casa; contabilista eficaz (garantiam os filhos), a mãe ganhara experiência a

controlar cargas e descargas na grande central suburbana; mulher valente, ela própria orientava a rede dos Lança-pés quando os filhos se empenhavam numa Tarefa Urgente. Gostavam que lhes chamassem operários, afinal contribuíam para o bem-estar comum. A catraia morena de caracóis reapareceu precisamente quando o latagão mais novo recordava que a Ordem dos Lança-pés fora criada para agraciar uma família totalmente dedicada ao estado de Paternal. António Pés recebera a medalha das mãos do presidente da União das Transportadoras e fizera questão de informar os espectadores da cerimónia pública que iria entregá-la ao verdadeiro destinatário - sem dúvida, quem merece o prémio é o meu pai, o ideólogo dos operários Lança-pés, ausente na cerimónia devido a uma impossibilidade física resultante da sua dedicação ao serviço! As palmas entusiasmaram-no e, de regresso a casa, no silêncio do transporte, António decidiu contratar um japonês para dar nome à escola, o negócio pedia uma inovação. Durante o jantar oferecido a Lupinho, além dos pormenores da cerimónia, contou que parara num posto público para se informar sobre o assunto e, ali mesmo, através de uma dessas maravilhas da ciência, contratara um mestre nipónico. Com a chegada do especialista estrangeiro, para espanto da família, conseguiram uma contribuição governamental e o usufruto de um Centro de Treino, construído de raiz, junto ao museu ferroviário.

Amanhã à tarde levo-te lá, prometera a criança. A ideia de uma visita ao passado excitava-o, e a Dorinha tinha dito que ali, como em muitos outros museus, havia um cicerone que sabia muitas histórias só que este sentava-se na prateleira dos especiais, servia de cicerone em carne e osso. E desta viagem nunca mais se esqueceria. Da visita ficou-lhe, sobretudo, o velho Ernesto, aquela voz fininha a recordar o bisavô de quem herdara o nome próprio, que se espantaria, dizia o bisneto, se ressuscitasse e assistisse ao enorme salto no tempo, dado em escassas décadas. O cicerone descobriu em Lupinho o ouvidor ideal, o rapaz só queria ouvir histórias até poder, um desejo ao encontro do seu, adorava contar histórias, nunca perdia a oportunidade de transmitir memórias trabalhadas a seu jeito. Ora, Dorinha trouxe-o ao lugar indicado e para mim não pode haver melhor freguês, disse-lhe com orgulho antes de o presentear com uma fotografia do seu bisavô Ernesto que

enfrentara a tecnologia e conquistara o lugar de cicerone vitalício no Museu Ferroviário, lugar vitalício para si e seus descendentes desde que fossem baptizados de Ernesto.

Velho, desgostoso com os dois filhos a quem a tecnologia hipnotizara e a tradição nada dizia, Ernesto tinha tanta necessidade de falar que discursava na ausência de ouvintes. Calcule-se, então, a alegria do cicerone de poder, com a sua arte, matar a sede a alguém. Era um achado este cliente de Dorinha. Muitas vezes ela não sabia escolher os visitantes, mas este apagava a última desilusão provocada pelo grupo de imbecis que quebrou dois cadeirões antigos e gozou o cicerone até à exaustão quando este se socorreu do papel para contar as suas memórias. Quando se referia ao passado, importava não falhar, havia que impressionar o ouvinte, espécie rara de cativar, por isso, sacava do bolso do colete o rolo de papel amarelado, onde há anos escrevera a grande obra literária: quatro contos da sua lavra que iriam ser incluídos, acreditando na promessa do proprietário do museu, na bibliografia do Grande Museu Ferroviário Nacional. Já lá vai o tempo em que Ernesto guardava as cábulas (uma raridade por si só) em gavetas climatizadas.

Deram uma volta pelas instalações e rapidamente regressaram ao vestíbulo coberto de miniaturas da maquinaria ultrapassada, Ernesto sentou Lupinho num antigo cadeirão de veludo e levou a mão ao colete. De pé, avisou o ouvidor que iria contemplá-lo com o seu conto preferido, escrito em memória dos antepassados. Na sua humilde opinião, jamais se escrevera assim e em toda a sua vida se sentira injustiçado por o considerarem apenas uma das atracções do museu, o único no mundo que apresentava aos visitantes um cicerone humano. Lupinho pedira-lhe que lesse um dos seus escritos, revelasse os tais manuscritos desactualizados e, depois, lhe contasse a história de cada peça. Pondo os seus velhos óculos, Ernesto leu como se declamasse poesia:

— Canta o galo.

Todos os dias, Ernesto, sai à mesma hora, de madrugada. À porta do prédio, pára para sentir a atmosfera. Neste instante que nunca perde, esboça a rua: conhece-a como à palma da mão, mas já raramente a aprecia limpa de veículos. A sua rua não passa de um pedaço de asfalto entre a calçada

concretizada pelos ilustres calceteiros, colegas de seu saudoso pai, morto a calcetar. Com a morte do mestre, herdara a casa do estado; ficaria até à morte na mesma rua de quando era menino: pista de carrinhos de rolamentos feitos de tábua, com o passeio em calçada que proporcionava concursos de equilibrismo, dificilmente repetidos quando adolescente, quando o grupo se enfrascava de cerveja, ali perto, no Botequim do Zé. Agora, tantos carros pelos passeios, tanto desrespeito pelos transeuntes, pelos adeptos de outras soluções. Num dia de gripe, pudera reapreciar a grande alternativa, extasiar-se perante a visão da linha férrea entre dois blocos de betão; esperou à janela pelo apito do comboio para ver, num brilhar instantâneo, o transporte mais perfeito do mundo. Tantos automóveis para quê? E se ganhasse uma grande fortuna, continuaria a recusar ser amante deste meio individualista que estragara a sua aldeia e a transformara num dormitório da capital. Irritava-se quando, no trabalho, entre o fervilhar das caldeiras, os outros operários comentavam os veículos da vizinhança. Que importava que um fosse de injecção automática e outro não, que um tivesse nome de animal ou de uma cidade longínqua, ou mesmo que o bruto carro do Xico não passasse de um modelo económico sem muitos cavalos? Os dias vão somando anos e Ernesto tem de palmilhar as mesmas ruas, apanhar o mesmo comboio, limpar as mesmas caldeiras, usar a casa para dormir quatro horas nos intervalos. Mas está conformado, acredita que a vida é um desafio de futebol e convenceu a família repetindo a frase É Mesmo Assim! Cada um ganha o que ganha, cada qual com a sua sina e todos têm de suportar o seu fardo aceitando a decisão dos deuses. Sim, Deuses! O filho do mestre calceteiro acreditava que o pai calcetara toda a aldeia e os principais passeios da capital, mas não acreditava que tanta coisa diversa fosse obra de um só Deus. Num mundo tão complexo? Nem pensar! Os trovões ouvem-se quando os deuses discutem poderes. E aquela madrugada prometia discórdia, teria de ser cauteloso para compensar a desatenção dos deuses.

Ernesto avança decidido, mas nada apressado e perderá o comboio. Virava sempre na mesma rua, à esquerda, quebrando a rotina no ziguezaguear entre a calçada e o asfalto, para fugir aos clarões na neblina. Compensava-o o descanso no comboio, mesmo de pé adormecia embalado pelo som que aos

seus ouvidos de menino suava pouca-terra-pouca-terra. Carros? Para quê? Àquela hora já havia comboios e não havia que temer o excesso de lotação, os passageiros são gente que não teme caldeiras, são detentores de passes sociais, leitores de revistas baratas, gente igual ao filho do calceteiro. Também alguns universitários viajavam àquela hora, naquela composição de bancos verdes, gastos, esfaqueados por crianças da linha.

Ouve vozes, sabe que chegou à estação, passa o átrio e encaminha-se para o sítio do costume, para a mesma fila de pessoas encasacadas à espera de uma carruagem, pacientes, ninguém dali arrancará sem que se abra a porta divina. Todos os dias, alguém carrega no botão, desdobra-se o fole e os passageiros enchem a carruagem resmungando até se acomodar. Cumprindo a tradição, surgem os atrasados contrariando o arranque do transporte colectivo, aumentando o volume dos resmungos daqueles que não lêem e ainda não dormem, dos que não dormem porque lêem, dos que não jogam às cartas... Ernesto perdera o comboio porque gastara tempo a ziguezaguear entre os usurpadores da calçada. Repete-se a cena. Põe-se na fila e atira o resmungo para o lado, fomentando a conversa ao descarregar a raiva que, vinte minutos depois, deixará sentada no banco verde. Ao pisar o seu destino respira fundo, sorvendo o calor bafejado pelos milhares que, como ele, têm as caldeiras à espera. Está ligeiramente atrasado. Cá fora, caminha leve pela calçada do mestre que deixara ao estado este inquilino anónimo.

Ernesto chora, Lupinho não sabe como o consolar, desconhece os dizeres apropriados. O cicerone dobra cuidadosamente o que lera, guardando as frases no forro do colete, junto ao coração. Dorinha agradece ao senhor Ernesto e arrasta Lupinho rumo à saída. Por hoje, o trabalho está concluído, amanhã também é dia e o Ernesto tem mais três contos destes para ler, comunicou-lhe a criança interrompendo-lhe a réplica. E deixou-o na fila de regresso. Regressaria a casa, deixando pelos habituais serviços automáticos o seu código de aquisição de inebriantes líquidos. Durante dias procurou a petiz dos caracóis que o levara a lugares onde não sabia regressar, deambulou em vão, perdido nos caminhos subterrâneos. Acabaria por ser encontrado, a criança reapareceria sorridente: detectara uma abertura nas inscrições para os exames de Vocação e só retomara a actividade nas gares concluído o teste

oficial. Dorinha justificou-se, não pudera avisá-lo, surgiram compromissos inadiáveis e desconhecia o domicílio de Lupinho... as oportunidades destinam-se a quem se mantém atento, desperdiçar uma inscrição não consta dos seus planos. Não voltaria a suceder, garantiu, e para lhe acalmar a nervoseira ofereceu-lhe um reforço na qualidade dos serviços: dedicação total até ao primeiro dia do novo ano. Dorinha amadurecera a técnica.

No mercantil aniversário católico, a criança levou-o à propriedade dos pais - um pequeno apartamento no quinto piso de um bloco de vinte, igual aos outros blocos que lhe cortavam o horizonte. Lupinho animou-se logo à entrada: estavam lá os primos Lança-pés e, no meio da única sala, uma árvore que ornamentaram como os antepassados faziam nos primórdios. Ali, naquele exótico lar suburbano, seguia-se uma tradição familiar mas encarava-se a data como se todos tivessem nascido nesse mesmo dia de Dezembro, sem dar grande importância à história de um tal menino... uma história pouco prática. Festejavam num dia o aniversário de todos os membros da família, juntavam o útil ao agradável, cumprindo os apelos à produção. Os Lança-pés sempre fizeram dessa data uma festa e não a resumiam à mera troca de galhardetes, cumpriam a tradição sem descurar os pormenores que o comércio fornecia, aliás os comerciantes foram os seus principais aliados na defesa da tradição, quando esta correu o risco de ser banida. E a produção de enfeites e prendas? Deve perder-se uma tradição assim? E mandaram o seu porta-voz comunicar ao governo: basta o que basta!

A família Lança-pés conseguira salvar a tradição. O povo adaptara-se à Nova Ordem, vivia radiante, compreendia a razão deste sistema autoritário, mas nunca renegaria os seus antepassados. Não se podiam retirar domingos e feriados, e outras quadras festivas, do calendário oficial sem dar nada em troca. Feriado no dia 25 de Dezembro haverá, todavia, só para quem acredita no Pai Natal, e os Lança-pés juraram acreditar neste mistério surpreendendo os cientistas convencidos de terem abalado a crença, quando da reforma da educação, revelaram o segredo a todas as crianças numa campanha em todas as redes, que é o mesmo que dizer em todas as frentes. Os governantes sentiram alguma impotência perante a vontade de uma família tão querida do público e decretaram que todos os Lança-pés estavam dispensados do serviço

nos dias 25 de Dezembro. A originalidade da medida devia-se à grandeza dos serviços prestados pela família em prol do desenvolvimento do estado e a mais nenhuma razão.

Os revitalizadores toleram as crenças, com algumas pequenas excepções, no entanto não concedem quaisquer privilégios no calendário oficial. Todos os feriados, com excepção do da Tomada da Pastilha, foram abolidos na segunda fase da governação: uma medida compreensível uma vez que os antigos fazedores de política, já no final do reinado, numa desesperada manobra de encantamento, aceitaram legitimar feriados os dias que as diversas fés consagravam; e eram muitas as querenças e reinava a igualdade de direitos. São numerosos os dias santos, demasiadas baldas ao trabalho, entenderam os revitalizadores que procederam à limpeza feriadal justificando-se com o resultado das sondagens à opinião pública entretida nas novas tarefas. O 25 de Dezembro não tinha escapado à medida, os católicos aceitaram-na com a garantia de que nunca seriam privados da celebração, nem injustiçados por nesse dia festejarem o nascimento dos seus messias. Após a licença dada aos Lança-pés, os católicos, evocando a falta de domingos, conseguiram vencer a batalha da semana de férias, de 25 de Dezembro a 1 de Janeiro, uma semana destinada aos preparativos de mais doze meses de trabalho em prol da nação, como explicou o Regente do Comércio e Segurança Interna. Toda a população beneficiou da cedência e passou a descansar entre o aniversário católico e o início do mês de Janeiro que, apesar das tentativas empresariais, também nunca deixou de ser considerado o primeiro mês de um novo ano. Os sete dias destinados ao descanso contentaram várias fés. O público tinha os Lança-pés em grande conta.

Nesses dias em que deixara pai e mãe e outros enfadonhos intelectuais a teorizar sobre noções práticas — representando o melhor exemplo da revitalização da palavra paradoxo — Lupinho não estava preparado para tamanha surpresa e quase cedera a tanta dose. A criança, a quem prometera um espaço-cama na capital, jurara recompensá-lo, prometera dedicar-lhe as férias anuais, religiosamente aproveitadas por toda a comunidade, originando o chamado Período dos Serviços Mínimos. A criança cumpria bem, contrariava a

síndroma da abstinência que o levaria ao desespero; a menina, que somente de corpo era menina, negociara como uma profissional e profissionalmente se lhe dedicara fornecendo episódios originais; a narradora encantara-o durante sete dias e quase o matou. O historiodependente acordava a pensar na vozinha sabichona, naquele silabar estudado que ela dizia ter aprendido sozinha, depois de pedir dispensa da escolaridade obrigatória; alegara o sucesso da aprendizagem familiar ligada à experiência, e passou a frequentar os centros de Estudo ao Vivo, nos subúrbios, passou a percorrer as gares por sua conta e risco.

A Revitalização apresenta soluções interessantes... Dorinha vive clandestinamente nas gares, acumulando informação diversificada nas passagens subterrâneas, através dos painéis interactivos e das conversas entre pessoas com profissões que as impediam de trabalhar nos respectivos domicílios. As refeições tomava-as em casa dos pais que lhe iam testando a aprendizagem dentro dos parâmetros da Revitalização; apoiavam o quotidiano da filha, na óptica de criar uma seguidora de princípios ajustados, os anos contavam a dobrar e desacompanhar a progressão revelara-se morte certa. A criança ofertava ao lar, semanalmente, um valioso contributo financeiro. Como obtinha Dorinha tais importâncias, os pais sabiam: como eles, e restante família, ela fazia pela vida aplicando as teorias que não negavam a prática; desenvencilhando-se ao absorver os benefícios do regime, sobretudo os implícitos nas lacunas da lei. E, desta vez, saíra-lhe a taluda, cujo sistema aproveitara para estudar no período do breve relançamento, compreendendo nos subterrâneos a manobra do Estado. E, naquela hora, descobrira, ao acaso, entre milhares, um Santos de Baltazar; não desprezara a estatística, mas a avaliação numérica beneficiou da aplicação instintiva em horas de observação. Assim, conseguiu satisfazer o maior desejo de um suburbano, o espaço-cama na capital; a partir do próximo ano, e faltava apenas uma semana, subiria um degrau no seu estatuto de cidadã, dormiria mais perto do poder. Seria considerada estagiária, poderia requerer o subsídio para estudantes autodidactas. Normalmente empenhava-se nas suas tarefas, nesta, porém, aplicara a fundo as suas capacidades. Não desiludiria este freguês promissor, já lidara com historiodependentes, citadinos puros, prontos a oferecerem

haveres em troca de episódios suburbanos, indo aos subterrâneos em estado de ansiedade. E havia outros que compravam os seus serviços à dúzia para revender sabe-se lá onde.

A inesgotabiliadde da Dorinha deslumbrava Lupinho. Foram dias incríveis. Quando, procurando prolongar o êxtase, ele lhe atirava com dúvidas, pedia provas, a criança puxava-o pela mão, anunciando ir levar o afilhado a terrenos de onde as histórias brotam dispensando a imaginação. Por isso, o arrastou para aquele Natal, depois de ter desaparecido alguns dias, deixando Lupinho desvairado pelos caminhos dos transportes terrestres. Conseguira algumas doses, mas em nada comparáveis com as fornecidas pela criança que sabia histórias de anónimos, personagens disfarçadas de gente comum, insólitas na intimidade. Por vezes, sentava-se no chão acompanhando a Dorinha, sentavam-se à porta dos mais diversos domicílios para escutar-lhes as vidas. Não precisava de ver as personagens, precisava apenas de sentir a proximidade, cheirar o meio, sem demorar a extasiar-se, se não perderia tempo a tentar adivinhar o que escondia cada rosto, cada corpo. Lupinho precisava de atenção, dispensava meias palavras, e a miúda prometera-lhe diferentes prazeres. Levara-o ao seio de uma família tradicional, que uma vez no ano se reunia até aos primos e entretinha-se num serão a contar as suas vidas, num exercício de imaginação. Mas mais do que a presença dos contadores de histórias, incondicionais da revitalização, despertou-o a beleza da árvore e da grande estrela de prata no alto. Ficou parado frente ao exemplar da flora, sorvendo no aroma uma história do passado: pequeno, muito pequeno, era ele porque tudo o resto era grande, muito grande como aquela árvore escondida em casa dos avós. Ninguém mais podia ver aquele pinheiro enfeitado de luz, por ser verdadeira a sua origem. Mas como foi possível escondê-la, diminuir-lhe a dimensão?

— Interessas-te pela Revitalização Educativa?

Simão, num impulso, silenciou Lupinho. Não podia abandonar uma conversa que pedia rectificações quanto à realidade em vigor, ninguém melhor do que ele para a divulgar. Se isso contentava Lupinho, melhor, pois falar da Revitalização Educativa não o comprometia. Racional estava desejoso de

testar o funcionamento do cérebro após a breve lição retirada do comportamento alheio.

Começou por dizer-lhe que a Revitalização Educativa se baseava na aprendizagem rápida, e que para a subida de grau contava a especificidade dos conhecimentos adquiridos. Independentemente da idade, qualquer autodidacta podia requerer um exame de Vocação, desde que previamente inscrito no regime especial. Dorinha, bebé sobredotado, cedo optara pela via paralela; facilmente, por ser prima de quem era, lhe aceitaram o registo do nome no regime especial.

— Trata-se de uma perita recrutada, deixaste-te levar.

Simão conhece bem a família do assassino de Teotónio Assis, felizmente.

XXXVI

A lenda de Teotónio Assis pertence ao Era Uma vez, muito bem, mas Racional sabe-a de cor e salteado. O historiodependente terá de engoli-la, convencê-lo-á de que há histórias que julga ter mas não tem, provar-lhe-á que armazena obras incompletas na caixa craniana. A história do Grande Impulsionador não se resume a um conto, é mais comprida do que a dos Pés, está recheada de ligações a outros conteúdos da História Universal. Só não vê quem não quer ver, Lupinho engolira a lengalenga do costume, desconhecia a vida do Grande Impulsionador dos Criadores, ignora tudo sobre a sua passagem pela Terra. Se fizerem uma aposta, Racional ganhará: oradores, oradores de confiança que conheçam todos os episódios, não se encontram nas ruas nem nos lares ou nas repartições públicas, apenas se fazem ouvir nos lugares de eleição. Para ler torna-se necessário pertencer à rede dos leitores, saber onde encontrar, conhecer os códigos, aceder a outros níveis da Liberdade.

— Para que lês, tu, se não sabes interpretar?

— Não sei o quê?

Racional ofende-se. Até agora o outro pouco ressacara, não lhe faltara conversa, portanto, mostrava ser um narrador à altura do ouvinte, as criticas à sua interpretação das Leituras em nada vinham ao caso. Lupinho enerva-o. Lupinho não está satisfeito. Aceita que o António Pés (o historiodependente

conhecera-o colado a uma cadeira) tivesse sido um inimigo do virtualizador, somente por despeito, e que isso de forma alguma justifique a perpetração do acto criminoso; aceita que o lendário Assis fosse um homem cheio de boas intenções, agindo em defesa da sua causa, agora, aceitar que Racional, teorizando, apresente a rapariga, a sua amiga Dorinha, como mais uma cadastrada da família dos Pés, isso não! Uma cúmplice de nascença? Que culpa, a da catraia, se nasceu marcada pela falta de uns dedos? É crime crescer com um sinal de família? Será sinal de desrespeito, defeito físico congénito, um atentado? Família de homicidas? E as crianças...

A inconstância incomoda Racional. E as crianças senhor? pois, Racional conhece a interrogação, mas que quererá o outro dizer citando os antigos? Lupinho desnorteia-o, diz que quer saber tudo até ao fim mas cansa-se a meio. Os factos interligam-se, Racional só agora deslinda a razão de um homem se recusar a ler porque pode escutar. Lupinho dar-se-ia bem no Seio. Os olhos são para ver, os ouvidos para ouvir, a boca para comer, ler é descobrir sem praticar, a ficção só distrai e mais: fabrica irrealidades, aliena, confunde os sonhos com os objectivos. Simão olha para o historiodependente e vê a incongruência, os Criadores não o induziriam em erro, não podem tê-lo traído. Tem dúvidas... inesperada clareza... percebe ser frouxa a sua formação, dúbio o real sentido das frases. No Seio, limitam-se a denunciar um significado falso com um trocadilho, utiliza-se o Dá Deus Dentes a Quem Não Tem Nozes para combater os revitalizadores quando estes proclamam Dá Deus Nozes a Quem Não Tem Dentes para justificar o desaparecimento de cidadãos. Entende-se o desperdício desta labuta? Nas frases, Deus é um pormenor, equivale às nozes, aos dentes; é o paradoxo da subtileza, ninguém diz exactamente aquilo que diz dizer, nem na fala nem na escrita, nem sequer nos gestos. Simão convive com esta realidade, conheceu a teoria, a narratologia, títulos, nomes de influenciadores, nomes de influenciados, e fora considerado apto, mesmo os da classe D/objectivo:atacar! precisavam de alguma cultura geral para ludibriar a realidade reinante e, como todos os seus irmãos, sofriam nos períodos de exames. Mas Lupinho, que se habituara a misturar vidas com leituras pessoais, está prestes a convencê-lo quanto à insegurança dos conceitos que rigidamente, sem ser tomado por outra vontade, seguia desde que começara a

ouvi-los. Apesar da subordinação ao método da leitura dirigida, único meio para conter o excesso de informação (neste ponto governantes e opositores estavam de acordo, uns por razões óbvias, outros por óbvias razões, dizia-se), Simão descobrira leituras para além dos Textos de Aprendizagem Específica, mas jamais alguém lhe contara historinhas ao deitar, ou lhe permitira decifrar certos capítulos de certas obras. A ficção é o fingimento, a realidade é inequívoca, embora se vá desdobrando, por isso, os Prove aprendem que fantasiar não ajuda a combater a realidade, só nos confunde.

XXXVII

Neste cenário, misto de desolação e beleza, libertam-se fluídos apaziguadores... talvez estes dois homens estejam mesmo no fim do mundo, e um historiodependente, sem qualquer mancha, se prepare para converter mais um homem à sua realidade, inesperadamente, quase o faz acreditar ser a realidade ficção e a ficção realidade. Era isto que provavam os capítulos apagados em certas obras? Lupinho não lera mas ouvira, fazia a sua interpretação. Racional aprenderia com o companheiro se continuasse a consolar-lhe a alma, descobriria as contradições e calar-se-ia num silêncio esperto. Advertira o outro, logo de início, sobre a irresponsabilidade das suas próprias contradições, facilmente o convencera de que trocando experiências desempenharia melhor o papel de narrador, o outro aceitara o desafio, nem pense em furtar-se ao acordo quando faz de Simão um sábio.

— Posso aprender aquilo que me ensinas, sem apagar outros ensinamentos. Percebo que há espaço...

— Aprende o que quiseres, mas eu não estou aqui para te ensinar. Cresce-me a raiva. Sabes o que isso significa?

Se me ajudares, satisfazes-te, prometeu Racional na esperança de que o outro não obedecesse ao instinto. Por duas vezes sentira em Lupinho a tentação de matar, por duas vezes o seu instinto de sobrevivência o alertara. Quanto tempo resistirá Racional até ser obrigado a desvendar o objectivo PP?

Que volume de informação já terá fornecido àquele malabarista? Simão preferia a tortura de um inimigo real, um Prove treinado resiste a tudo menos à traição das emoções. E assalta-o de novo a ideia de que este salvador é um enviado dos revitalizadores, talvez mesmo dos criadores. Às primeiras insistências do homem, Simão calara-se, desconfiara, mas amansaram-se-lhe os ímpetos ao reconhecer os sintomas da historiodependência. Lá estava ela, coçando a orelha, mastigando a língua... Lupinho, aparentemente recomposto, fala com enfado, está cansado.

— ...é só registar o que existe... mas aquilo que verdadeiramente existe tem de ser adivinhado...

— Adivinhar aquilo que existe?

— Eu sou uma charada, tu és uma charada...

— É mais aquilo que se esconde do que as pistas que oferecemos?

— Percebes-me, então, santinho?

— Se te entendo? Acalma-te. Neste instante, num ápice, ganhei o que perdi.

Racional nunca antes tivera dúvidas, nunca se deixara confundir, era um aprendiz e quando cometia erros aguentava as consequências dos falhanços das previsões, mas a responsabilidade atribuía-a a um factor externo surgido do nada, irrealista, impossível de prever. Até ao momento, safara-se bem. Neste aspecto, o Plano Prove sobrepunha-se à Nova Ordem: no meio revitalizado, alegar factores externos tornava-se complicado, não bastava nomeá-los; ao cidadão, por lei suspeito, competia provar o contrário, na realidade, a justiça faz-se mas sai cara. O estado e o estado dentro do estado diferiam neste aspecto? Em todos! Um dia os criadores vencerão. Os revitalizadores preocupam-se demasiado em entreter o público, em entreterem-se a si próprios debatendo convicções. Perdiam-se em experiências, mas neles essa dependência considera-se meritória, nada doentia. Convenceram e convenceram-se, porém, mais cedo ou mais tarde, todos os impérios caem. Lupinho faz um ponto de interrogação com a testa, Simão confia no seu lado racional, todavia a confusão permanece.

— Para mim, as adivinhas nunca passaram de previsões bem calculadas, as raras fugas à regra (raras, julgava eu, dado a minha miopia

cerebral) sempre as encarei como missões falhadas. Agora até rimo inadvertidamente...

O silêncio de outrem incomoda qualquer historiodependente. Simão entra de novo naquelas reflexões sinónimas de intervalos de longa duração, parecendo buscar longe os dizeres, até parece sofrer de uma dependência semelhante à que está em cena: difere na exigência técnica, todavia, as sintomatologias não deixam de se assemelhar. O problema é que só retoma o fio impulsionado por uma contranarração, troca por troca. Lupinho não quer acreditar que o outro, por si salvado, volte a exigir uma contrapartida. E a absurdeza de ser desprovido de imaginação, de ter sido educado somente para adquirir teorias? Um problema comum, como fazia crer, ou artimanhas para se esquivar a compartilhar segredos? Já deveria ter aprendido que não se deve acrescentar palavras à lista dos absurdos, enquanto o significado de absurdo não for restabelecido. Se calhar, ainda bem que o outro parara para reflectir, talvez acordasse pronto a concretizar um episódio e lhe desse outro, e mais outro... Tinham duas vidas pela frente, durassem o que durassem, Simão acabaria por satisfazê-lo, resistiria a qualquer esgotamento; a seu modo desvendar-lhe-ia tudo direitinho sobre Ela e eles, sobre o Plano Prove... saciar-lhe-ia a privação; quanto mais se retém o êxtase, melhor se saboreia a adrenalina, Lupinho já aprendera, valia a pena dominar a ânsia, nunca participara numa pura troca por troca e se Racional só assim funcionava, olho por olho, história por história... não perderia a oportunidade de lhe ludibriar as defesas, ao de leve, sacando os segredos, um a um, com paciência, levá-lo-ia a trair-se convencendo-o da boa causa. Sairia vivo da aventura para ir em busca de contos, satisfaria o desejo da paternidade, um dia, liberto da historiodependência, legaria à posterioridade muitas miscelâneas. Queriam um original, um artista? Ei-lo, pronto a sê-lo! Mas temia esgotar-se... nada é uma garantia de nada.

— Como fazer para se transformar num escritor? Escreva, Lupinho, mas não deixe de ouvir.

— Ouvir é só o que eu quero.

— Sim, está bem, mas... a vida não é só quereres. Agora, é a minha vez. Fala se queres ouvir.

— Eu conheci um escritor...

XXXIX

E quando o homem chegou olharam-no de alto a baixo. Poucos o tinham lido, mas todos o conheciam. Lupinho conhecera-o nessa festa da embaixada quando o seu pai se despedia do circuito das capitais civilizadas; adolescente, apertara-lhe a mão balbuciando que o admirava, que graças a Deus tinha insónias; o grande escritor abanara a cabeça e resmungara um Folgo Muito. Claro que o miúdo nunca lera nada dele, mas ouvira pedaços de histórias, e por ninguém conseguir contá-las de fio a pavio acirrara-se-lhe a curiosidade. Aproveitando-se do hábito de quem traz e leva, ficou a saber uma série de intimidades do literato: com quem vivera, por causa de quem se separara, da colecção de miniaturas pornográficas, das festas... e duvidou da existência da obra.

Tempos depois (Lupinho acredita que o tempo se constitui de tempos e que cada um deve medir os seus, contudo ele nada mede nem aprecia qualquer noção de tempo), portanto, passado um tempo reencontrou o homem, envelhecido, sentado num canto, almoçava. Não hesitou em cumprimentá-lo, em oferecer-lhe o seu tempo, sentando-se com os ouvidos alerta, à espera de uma sinfonia. Mas enganou-se. O escritor caíra no desespero, os papéis invertiam-se, era ele quem pedia histórias, dizendo que a inspiração se fora, a fonte secara cedo demais, sentira-se pressionado pelas Capelas Literárias.... Achei estranho, senti-me esquisito, na altura, eu já não gostava muito de contar

histórias mas ainda tinha o gozo de as ouvir, ainda não sofria deste desejo compulsivo que há uns tempos me mata. Disse-lhe que ele era um escritor consagrado, escrevera tantas obras... Ele retorquiu que apenas escrevera duas e que as Capelas disseram aos leitores que, sendo a segunda mais madura do que a primeira, aguardava-se a terceira, como se tivesse de fazer uma outra quando tantos só deixam uma. Eu confessei-lhe que nunca lera nada dele mas porque nunca lera nada de ninguém. O escritor já não escrevia há uns tempos, diria mesmo uma eternidade. Ele entendeu a minha incompatibilidade com a leitura, sobretudo com a escrita que concordava ser um acto perigoso. O melhor é nunca se pegar na palavra escrita, pode tornar-se numa dependência séria, nunca mais nos largar. Olhe para mim, disse-me ele acabando com o arroz de frango, estou aqui tolhido, com o chamado bloqueio dos escritores... elogiaram o primeiro livro, elogiaram o segundo, inundaram-no de mensagens de reconhecimento e de ódio; vendeu, fez dinheiro, comprometeu-se a prosseguir e deixara escapar as ideias, sentia-se oco, cheio de medo! No gozo dos momentos de glória, o escritor gastou o tempo passeando pelas redes em busca do que diziam de si, cedendo às exigências sociais, onde poucos sabem quantos livros escreveu mas não deixam de lhe dar os parabéns pelo último. Dantes, bebia as histórias na fonte, caçando conversas na rua, nos transportes colectivos. Matou o tempo. Ele tem disso consciência, como também sabe que não pode deixar de responder aos apelos que lhe aumentam a renda. O problema está nos suores que lhe gelam o corpo quando tenta a escrita: mal grava uma frase apaga-a com a voz a tremer, até já experimentou usar um teclado, pensando tirar beneficio do silêncio, do confronto directo com o ecrã, mas a tecla mais usada foi a de apagar. Precisava de ajuda, de alguém que lhe fornecesse memórias, depois ele as trataria dando-lhe a literatura sem as revelar por inteiro.

Ainda argumentei que pouco podia fornecer-lhe, também ia em busca do alheio, pretendia passar um bom bocado escutando um narrador de gabarito. Com a lisonja, deu-me a volta. Comecei a contar-lhe a minha vida e... empanquei, não me ocorria qualquer outra história, nem minha nem de outros, eu que sabia milhares, eu que (disse-me o escritor!) fazia da narração uma arte viva, não conseguia lembrar-me de nenhuma, nada que fosse de primeira

água. Sentia no corpo o peso da obra que seria minha por interposta pessoa, na ânsia, tentei fornecer-lhe algumas pistas, técnicas, linhas de enredo; comecei por perguntar-lhe se pensava escrever um romance ou uma novela, se queria escrever de uma só vez ou ir disponibilizando capítulos, se queria tipo triângulo amoroso, com sexo e crimes à mistura, ou, então, tipo histórico, ou uma inovação qualquer colhida no passado. Disse-me, com os olhos muito abertos, para não ensinar o padre nosso ao vigário, se fosse assim tão simples já tinha partido para outra. Linhas técnicas sabia-as de cor, mas sentia-se incapaz de as manobrar, de reiventá-las. Se ouvisse algo de novo, algo do quotidiano, poderia aproveitar-se do alheio para criar uma narração, sem comprometer ninguém, e ainda os recompensaria imortalizando-os em personagens. Eu disse que não podia ajudá-lo, sentia-me inibido. Primeiro zangou-se, atirou com a chávena contra o pires, chamou-me fedelho egoistazeco, bajulador barato, sei lá que mais; feitas as ameaças acalmou-se, pediu desculpa, disse que a ansiedade lhe perturbava o descanso, que o desespero andava a matá-lo, e pediu compreensão levantando-se. Eu fiquei por ali, com o ouvido na mesa do lado.

Passado algum tempo, reencontramo-nos. Continuávamos à caça do mesmo. O homem estava velho como da última vez, entretanto jorrara um texto dos grandes, por azar, num dia em que os críticos acordaram mal dispostos. Para incentivá-lo a escrever a obra-prima, contei-lhe da reviravolta na minha vida, como decidira abandonar a narração oral para me dedicar à recolha e não temia os críticos, vivia com outra serenidade, viajava sem destino, do modo que gostava de percorrer os mundos do nosso mundo, e fazia de crítico de realidades, sorvendo todas as que podia. Ele perguntou-me se não queria ditar para o redactor automático as histórias que armazenava, de costas para não assistir à escrita. Quer dizer, o homem não compreendera a essência da questão, isto falando de um modo simples, porque quando o homem resolveu provocar-me a fala para a gravar às escondidas passei das palavras aos actos e fiz jus à minha preparação física. O escritor baqueou, naquela terra distante toda virada para o mar, não foi difícil apagá-lo. Ou, então, eu cedi, seria uma pena não usar aquele nome para lançar a minha obra-prima, para ser a sombra de uma obra-prima.

— Isso acabou assim, na dúvida? Nisso nem eu acredito. Hum... aí, há muito de imaginação, não? Explica-me lá...

— Podia ser...

— Não me interessa muito a forma mais correcta, quero apenas acreditar.

— Ok, a história não acabou bem assim, o escritor venceu-me e atirou-me borda fora.

— E tu quem és? Um clone do Lupinho Santos de Baltazar?

— Tornei-me numa personagem de ficção.

— Tu ris, mas eu continuo sem acreditar. Acaba a história se queres que pegue na minha.

— Bom, quando ele me propôs ir ao hotel gravar em sossego eu lembrei-lhe da minha aversão, expliquei-lhe que houve quem me diagnosticasse uma historiodependência. E ele aplicou toda a sua raiva na minha cabeça... cheguei ao hospital já morto!

Simão ri com vontade e larga a frase mais usada nestas ocasiões, ou seja Só tu É Que Me Fazias Rir Neste Momento. Lupinho sorri para lhe dizer que o final do episódio é comum a muitos outros, é a realidade. O historiodependente reencontrara o escritor num restaurante de onde se tornara cliente nos tempos de namoro com um povo pronto a dar tudo por uma jogada. Um período rico em histórias, mas nem de uma se lembrou quando o homem tanto precisava. Empancara, ao escutar a conversa do lado que o deixou ansioso porque o casal debandou quando o restaurante se transformou num salão de jogos, como habitualmente após as horas das refeições.

— Não fiques assim à beira do desfalecimento. Eu falo, ainda não acabei a história de Teotónio Assis. É uma personagem que te interessa, já o disseste, ele foi o Grande Impulsionador dos Criadores.

XXXVIII

Teotónio Assis percebeu que se investisse no presente poderia perpetuar-se na memória do público, e tornou-se uma lenda. Toda a sua história se encontra registada, escrita pelo próprio, não há um Prove que a desconheça. Teotónio começou por enriquecer no comércio de jogos, ganhou dinheiro e com o dinheiro o poder; explorou o facto de ter nascido tardiamente e o facto de ter sido gerado no abdómen; fez respeitar os factos e criou uma fundação. Ao reunir os nascidos de nove meses numa associação sem fins lucrativos provou que seres semelhantes podiam entender-se, e reforçou a sua posição política. Simples. Líder desde criança, fez-se eleger presidente sem votos contra por inexistência de outro ser gerado fora do útero, dentro da mãe biológica. A Fundação pertencia-lhe, mas, pelas regras da maioria, a assembleia podia ter eleito qualquer outro para a presidência, só que, com aquelas características, não havia outro; a gravidez da sua mãe revelara-se um trunfo, transformara-o num caso, num homem de respeito, principalmente desde a venda de palavras pelas redes fora, desde que Teotónio Assis, aplicando bem a técnica, se empenhara em espalhar a mensagem, em repeti-la de modo a não atingir o descrédito. Emitia mensagens de esperança, com alusões ao poder que representa a sobrevivência em condições adversas logo a partir da gestação, assim satisfez um povo morto por acreditar em alguém.

O primeiro grupo de aderentes acreditou na partilha do privilégio de decidir; iriam tomar decisões em conjunto com o presidente, gerir influências, respondendo aos apelos dos paternalistas, quanto ao dever de participar, uma ideia em germinação no seio dos impulsionadores da Revitalização da Ordem quase prestes a serem eleitos. O núcleo central da Fundação manteve-se diminuto: Teotónio na presidência até morrer e os seus dois grandes amigos na direcção até à morte do fundador; a assembleia cresceu, acalentando no espírito as palavras de ordem de quem parecia saber o que dizia; Teotónio deu poder à instituição, criou uma minoria à qual os governantes pediam pareceres. Teotónio Assis começou novo, já foi dito, ainda andava na fase básica do ensino quando descobriu um meio de ganhar uns cobres. Lançou-se nos negócios num ramo diferente daquele que o faria rico; no pronto-a-vestir, foi o primeiro a negociar as calças inteligentes, a ganga que se autobainhava. Fez campanha boca-a-boca. Um rasgão? Melhor, fica na moda sem mexer um dedo, estas são as calças que se bainham a si próprias: rasgaste-as? rasgaram-se? Melhor! As bainhas nascem, não é preciso saber coser. E são lindas!

— Eu lembro-me de ter umas calças dessas. Um orgulho partilhado pelo grupo. Na minha adolescência cultivava-se o género, esburacavam-se as calças para provar que se merecia o título da calça mais rápida, fazíamos corridas....

Lupinho usara-as, mas desconhecia que essa invenção pertencia ao currículo de Rigoberto Pastor que antes de inventar a Pastilha, partindo de mais uma investigação de desperdícios, descobrira como automatizar a feitura de bainhas. E Teotónio descobriu um armazém de calças para revenda, por onde passava todas as manhãs na ida à escola.

— Não vai contar a história dele desde pequenino, pois não? Quero outra!

— Acalme-se senão começa a suar. Eu salto. Deixe-me respirar!

XXXIX

Virtualizar por aí! tornou-se o hino dos treze que jantavam às terças no casarão de Teotónio. Naquela noite o Grupo dos Elos aumentara, Conceição Tomé aceitara o convite para o lançamento do Descubra o Segredo e o anfitrião não cabia em si de satisfeito, cortejava-a desde que a conhecera, agradava-lhe a desenvoltura da grande oradora com quem tivera a honra de partilhar uma conferência ao vivo no Grande Centro Cultural; gostava de entender como se podia ter essa fé imensa na visão humana.

À mesa estão catorze, homens e mulheres, limpam a boca antes de brindar à consagração do novo jogo. Teotónio está confiante quanto ao resultado deste encontro, brinda pois antes de tempo. O seu Segredo vai ser um êxito. Os catorze sentam-se, imitam o anfitrião, colocam na nuca a chapinha que se cola à pele como um íman, e põem as palas nos olhos. Os catorze deixam de ouvir e mergulham na escuridão, é o inicio do Descubra o Segredo, cujus regio ejus religio. Teotónio retira as palas, conhece o jogo de trás prá frente, de frente pra trás. Observa o efeito da virtualização naqueles que, ao abrir os olhos, deparam com uma inesperada refeição; surpreendem-se ao reparar na mesa por não se terem assistido aos preparativos, não se aperceberam da passagem do tempo; a palavra comer até lhes soa bem, será um bom momento para digerir o jogo.

Pôs os óculos e sentiu-se perdida no escuro que em pequena enfrentara sem medo. Em pouco tempo, conseguiu delinear o salão. Ao décimo terceiro passo, inesperadamente, um clarão obriga-a a fechar os olhos. Reabre-os, o fogo é um carro puxado por cavalos liderados por uma túnica que esvoaça.

— Sou o que há-de vir, o filho do homem.

O timbre da voz impressiona, e não é só o timbre, é o modo de dizer. E quando diz que haverá sinais no céu, na lua e nas estrelas, porque a revelação do segredo está próxima, Sãozinha treme: a aparição revela-se o guia divino vindo do mundo supra-sensível no momento oportuno. Os olhos negros abafam o rosto e as mãos convidam-na a acompanhá-lo. Apercebe-se de que as paredes são gavetas, pequenas, grandes, gavetas sobre gavetas. O Imã convida-a a entrar naquela que ele acabara de abrir fazendo um gesto com a mão. Sãozinha interroga-se sobre o tamanho da gaveta, parece estreita e pouco funda. O Imã tem uma áurea difícil de contrariar e uma voz...

— Vem conhecer um dos mistérios do mundo. Vem!

— Não consigo entrar ali dentro...

— Isso é o que tu pensas. Conseguirás se não te convenceres do contrário. Queres conhecer o segredo de todos os segredos, ou não?

Para onde quer que olhe só vê gavetas, esta é a sua realidade. Quando não se pode recuar que se avance, pensou pulando. Foi ter a um caminho estreito. E começou a avançar em direcção ao passado, cruzando-se com pessoas que andavam às arrecuas, de pé, sentadas, deitadas, trajadas conforme a época, conforme a crença. Quanto mais depressa andasse mais cedo chegaria, mas torna-se irresistível observar o tempo, conferir o passado, e se saísse do caminho para ver de perto a vida das gentes de outro século? Que curiosidade, que oportunidade... tem todo o tempo do mundo, Fátima pode esperar. E salta fora do trilho, por entre as árvores.

— Pelo caminho surgirão os sinais para quem acreditar com uma fé firme.

O último chiita reapareceu do nada, fazendo-a inverter o propósito, e prosseguir rumo ao passado. E quando mais à frente tentou de novo explorar a época, a figura ressurgiu para lhe trovejar não ser esse o seu caminho.

— Como é que sabes por onde devo ir?

— Sou a tua consciência, este saber pertence a Deus.

— Por que tenho de acreditar?

— A maior parte dos homens não sabe.

Sãozinha irá ver para crer. O passado está cada vez mais próximo, já sente algo estranho no ar. De repente, a terra treme e ela fica paralisada. O Sol estremece, chegou ao ano de mil novecentos e dezassete. Lá estavam três crianças a tentar reunir o rebanho de ovelhas. Tudo poderá acontecer, ela desconhece a história, sabe por alto que algo se passou noutros séculos e se tornou num mistério. Sãozinha está cansada, passaram-se seis meses, sete aparições de uma figura feminina, branca; diálogos que são autênticas charadas a exigir respostas do jogador, e o Imã sempre a ordenar caminhos, regras, fés. Vives o tempo da Grande Ocultação, dificilmente conhecerás o segredo, dizia-lhe o Imã cada vez que ela errava uma pergunta ou uma dedução lógica. Afinal, quem é Fátima?

— Quem é essa Sãozinha?

— Lá estás tu...

XL

— Treina-te, treina-te bem, alguém vai ter que contar a nossa história.

— Porquê? Ninguém tem nada que saber disto.

— Tudo se sabe, então, saiba-se aquilo que queremos.

— Não poderei inventar...

— Quem disse que eras tu?

Mudar de táctica, mudar de táctica! Lupinho mudou de ideias, Racional tem de lhe acompanhar o pensamento se quiser vencê-lo. Se apenas um se pode salvar que se salve o menos doente, salve-se quem puder!

— Oiça, não resisto mais, tenho uma pergunta a fazer-lhe.

— Tche, tche! Vem lá uma forte. Quando deixas de me tratar tu-cá-tu-lá, sai sempre uma intelectualice qualquer, mas avança, desenvolve...

— Quero é que tu desenvolvas, tenho imensa curiosidade, desculpa, mas já estamos aqui há algum tempo, a trocar confidências... para ti a vida tem um valor estranho, a tua e a dos outros, gostavas de ter morrido no acidente?

— Eu sobrevivi para tu me matares.

Racional entende, Simão não. Onde é que estará a mentira? Lupinho está a usá-lo, isso já se sabia, no entanto salvou-o, portanto, merece contrapartidas. Que coisa esta de terem transformado as recompensas em paradoxos...

— Eu faço-te um favor, tu fazes um favor. É a Lei Universal. E tu pedes que te ensine... julgas que invento e começas a inventar! Só aparentemente habitamos a mesma realidade, estamos aqui, perdidos no mundo, nem sequer podemos ter a certeza de que pisamos o mesmo local... deixámos tudo, só nos temos um ao outro para comunicar. Estamos a começar a entendermo-nos, fabriquemo-nos uma nova realidade. Não podes fugir.

— Já vi homens executar homens...

— E então?

— A tua insensibilidade surpreende-me. Lupinho! Façamos algo pelo mundo!

— Isso, entusiasma-te! Conta-me algo de teu.

— De certeza de que não tens um meio de comunicação no bolso?

— Não uso disso. Mas tu tens uma mancha verde, podes usar a pastilha.

— Oh, a mancha é para enganar os olhos, por sua vez os cérebros... E os meios foram-me retirados, eu viajo para ser tratado, lembras-te?

Ambos se encontram privados do ponto de desequilíbrio, não é com o propagandeado equilíbrio, precário por natureza, que se consegue entender o mundo. Simão desespera, não sabe como continuar a entreter este sorvedouro de histórias. Tem de arranjar uma maneira de sair dali, aquele ser nunca mais se mexeria se continuasse a prometer segredos e nunca se salvariam...

— Lupinho, raciocinemos, temos de arranjar uma saída. Não é assim? Não podemos continuar aqui eternamente. Não é assim? Até porque eu vou esgotar o meu repertório...

— Ainda tens muito para dar.

— Será que caímos no deserto australiano? Há quanto tempo voávamos?

— Sei lá! Isso que interessa?

— É que se estamos no deserto australiano, temos uma hipótese de sobreviver.

— Mas nós estamos a sobreviver, nós somos sobreviventes.

— Não tarda, este céu será também o nosso inferno.

— Céu, Inferno? São apenas palavras para recordar pessoas, amor e raiva, filmes. Esta questão desinteressa-te?

— A questão não é essa. Sejamos práticos. Se continuarmos aqui, desta maneira, morreremos os dois, num instante, dolorosamente...

— E então?

— E então? Vamos pôr-nos a caminho. Não costumas ter sorte? Pode ser que encontremos algum aborígene, ou mesmo mais... Já pensaste nas histórias que eles terão para contar? O povo mais antigo da terra, o povo da Era do Fogo?

— Hum... O povo que ainda está como sempre esteve? Ainda existe?

— Tentemos descobrir, andemos daqui.

— Tu não tens tino algum. Eu não corro riscos desnecessários, não vou procurar longe aquilo que tenho perto. O horizonte repete-se, sem nada à vista, dentro em breve estará escuro, não aguentarei caminhar... Salvei-te para te ouvir, não para que tu te salvasses. Essa Sãozinha quem é?

— Isso é uma ameaça?

XLI

O dia da inauguração do primeiro protector prometia ser o grande acontecimento da década no estado de Paternal. Na realidade, seja em que década for, o lugar cimeiro cabe à Tomada da Pastilha, quando se falou no aparecimento dos protectores como o grande acontecimento da década apenas se fazia propaganda, a Tomada situava-se acima de qualquer acontecimento vindouro, representava um acontecimento singular. Com mais rigor, a inauguração do primeiro protector, foi, portanto, o grande acontecimento do final da década, véspera de milénio.

O protector começou a desenrolar-se, a multidão esticava o pescoço para não perder um momento sequer do aparecimento da frase que se tornaria, como tinha sido anunciado, mas não pelas mesmas razões, um lema a relembrar. O Indevido É Prometido, em vez do Prometido É Devido, lia-se naquela espécie de tecido em que fora concebido o revolucionário protector atmosférico para circulantes; lia-se um lamentável erro de grafia para os participantes na cerimónia que viram o seu riso cortado por mais uma hora de discursos a recriminar atitudes de sabotagem num dia tão importante para a nação, a lembrar ser o erro ortográfico um pormenor sem qualquer efeito, porque o que interessava era a intenção, o ditado por todos conhecido. O prometido é devido, os grandes impulsionadores da Revitalização da Ordem tinham prometido, efectivamente, quebrar a intensidade do sol — diminuir

dificuldades, proteger o cidadão - e lá estava para o público ver o fino toldo que acabaria por encher de sombra o país: uma chapa de mínima espessura, uma lâmina com comportamento de fino tecido, impermeável, fruto de uma nova liga de materiais trabalhados em laboratórios do estado.

Na cerimónia da inauguração, viu-se o governo em peso; soube-se mais tarde que alguns governantes faltaram, soube-se pouco depois, no Seio, ter sido por medo aos atentados e não por razões de serviço permanente. A realidade é que o público não faltou ao grande espectáculo, onde foram prometidas muitas mais inaugurações antes de se dobrar a década, antes de se atingir um novo milénio. Os circulantes podiam agora viajar mais seguros: sem a influência das chuvas e dos raios solares, sem correr o risco de perder, repentinamente, o controlo dos olhos; não haveria mais desculpas para justificar os acidentes, o seguro nada pagaria. O público podia ficar descansado, a ideia não taparia o país, nas áreas reservadas à habitação só se desdobrariam telas em situações pontuais, nada de exageros, apenas se eliminavam dois problemas de uma só tirada, nas palavras dos cientistas, apenas se deveria ter em conta uma das funções dos protectores: proteger a saúde dos cidadãos.

Provas? Quantas mais pretendem para acreditar no papel dos homens da Ciência? não basta aquilo que vêem? basta constatar o resultado prático das nossas pesquisas, compará-lo às anteriores promessas feitas por quem tudo rotulava de divino e falhou a maior parte dos compromissos. No Departamento de Terapia e Propaganda, encontravam-se os responsáveis pela vitoriosa batalha da fé científica, só um alienado teria dificuldade em acreditar na ciência e, ao que se soubesse, no estado de Paternal não viviam alienados. Tudo a pensar em nós, graças a deus, graças a deus, proclamou o público, cheio de fé; e fizeram dos cientistas deuses, correspondendo ao desejo dos obreiros da Revitalização, deus passou a residir na Ciência.

Simão Racional integrou o pequeno grupo de proves que assistiu à cerimónia inaugural do primeiro protector atmosférico. Os cinco, incumbidos de medir o abalo que a sabotagem ortográfica causaria no laboratório da Nova Ordem, esconderam-se entre a multidão. Os paternalistas também mediram as consequências de uma só investida poder ridicularizar a ordem da

Revitalização e um dos seus mais preciosos símbolos: Conceição Tomé. Naquele aquele acto espectacular dera-se um nome ao protector, honrara-se a catequista, uma estrela para diversos públicos, a São de longínqua origem indiana que se dizia descendente do Santo que só vendo acreditava e, ela, gémea no ideal, tinha batalhado para provar que para crer se precisa de ver e, de preferência, tocar. Facilmente criou um enorme rebanho. Filha de cientistas cubanos que escolheram Paternal para sua pátria-mãe, ainda o estado aparecia no cardápio global com outro nome, Sãozinha aprendera cedo que só dava para acreditar depois de apreciar a aplicação. Os escassos momentos livres de obrigações escolares e dos entretenimentos considerados indispensáveis a uma saudável criação passou-os no laboratório central, observando o trabalho da equipa dos pais, escutando-lhes as conversas; com as trocas de impressões científicas, os ensinamentos extra e algumas leituras, nasceu-lhe a convicção que o sistema cedo consagraria. Aceitavam-na a desoras, entrava no laboratório e quedava-se silenciosa, quando se movimentava à espreita do objecto científico fazia-o com tal perícia que os outros a julgavam sossegada no seu canto. Acarinharam-na, convencidos de terem feito surgir uma verdadeira vocação, e começaram a orientar-lhe os conhecimentos, permitindo-lhe participar nas experiências como procediam com os restantes estagiários. Dos primeiros anos de escola saltou para o ensino superior, doutorou-se em Física na idade do recreio, doutorou-se em Química e Biologia na idade dos primeiros enamoramentos. E porque nem sempre os mais velhos lhe permitiam horas extras por receio de ultrapassagens, doutorou-se em Gestão e Comunicação, passando o tempo livre a palestrar para grandes audiências. Um dia, aborrecida por terem interrompido uma aliciante experiência, decidiu mudar de rumo. Ao chegar a casa informou os pais de que decidira optar pela movimentação de massas.

Sãozinha, mudou de tema, escolheu um lema e passou a empolgar diversos públicos. Até agora, só nos têm pedido esperança, sacrifícios tarde ou nunca recompensados. Excitam a nossa tolerância, torpedeando a satisfação das promessas, prometendo a resolução de equívocos do passado... Tudo bazófias! Pedem-nos que demonstremos tolerância como se todos sofrêssemos da cegueira que eles (todos sabemos quem) também prometeram

erradicar. Nada nos mostram, nada podemos constatar. Chegou a nossa hora. É preciso ver para querer! Há que exigir a reposição da dignidade do mais precioso dos sentidos. Se nos dão o direito ao prazer, temos direito ao prazer de ver! E ouviu-se uma ovação prolongada. Os dedos de Sãozinha esbranquiçam-se no tampo de aço, a futura santa aperta-se contra o púlpito almofadado, seu companheiro em todas as palestras públicas.

— Estamos desejosos!

Grita, libertando a expressão marota do desejo. Da enorme plateia, saltam as filas da frente. Palmas e palmas. Sãozinha contorce-se, murmura a sua frase preferida encontrada numa leitura ao acaso.

— Ver para querer.

O murmúrio eleva-se no salão, acompanhado pelas palmas e surgem os gritos satisfeitos... Sãozinha estremece. A assistência ergue-se sem excepção, o seu ofego contagia o recinto, o público delira. Sãozinha deixa escapar alguns gemidos, rapidamente engolidos... em êxtase, a plateia pede bis. Retomando o fôlego, entre cada palavra, palavras ditas com sedução, despede-se, lembrando que a visão é o sentido primeiro, que se faça uso dela. Se a continuarem a ignorar, nós a imporemos. E acenando com os braços, Sãozinha grita:

— Eu estarei convosco, até à consumação dos séculos!

Mal abriu a caça ao voto, os governantes, ainda fracos opositores da Democracia Instalada, viram na Conceição Tomé, filha de pais estrangeirados, o grande trunfo para destronar o regime da ditadura de preferência. Os fundadores do movimento, em crescente revitalização, aprovaram unânimes a tomada da conquistadora de almas. Sãozinha enriquecia mas dominava multidões. Antes prevenir do que remediar, registaram em acta, onde também ficou estabelecido, embora não discriminado, o pagamento dos préstimos à futura santa do novo ideal. Ver para crer, leva a empreender para se provar. Os revitalizadores fizeram de ConceiçãoTomé uma das primeiras impulsionadoras da realidade actual.

Para a glorificar, mataram-na. Teotónio Assis, até ali apenas interessado em vender o seu segredo e explicar como se deveria gerir um produto, revoltou-se. Desde o dia em que a conhecera que o pensamento não o

largava. Ela deslumbrara-o. Convidara-a para jantar em sua casa e sentara-a a seu lado na mesa redonda ocupada por mais oito pessoas. Sãozinha ficou convencida de que seguiriam caminhos diferentes, porventura distintos, mas, enaltecida a auto-estima, descobriu na tese do outro a sua vocação. Ele cativava audiências, ela já provara a sensação. Ambos vendiam ver para crer. O destino juntá-los-ia.

XLII

— Estou cansado desse Assis, dessa Sãozinha...

— Problema resolvido, vou mijar.

Simão andou três passos, contente por lhe sair uma linguagem popular. E como Lupinho nada fizesse, deu dois passos e mais não aguentou. Aliviando-se, respira fundo, pouco vê à sua volta, adivinha outros vales, outras montanhas, lembra-se do passado, quando quase fora apanhado a mijar fora do penico e isso, dizem as autoridades, é um crime contra a saúde pública, um problema de falta de cultura sanitária, razão suficiente para se merecer castigo e iam-lhe pregando com uma pena de prisão de ventre se o outro Prove não tivesse aparecido com tiradas sem senso, confundindo a atenção do limpa-ruas. Por causa de uma brincadeira, daquela vontade que lhe deu, ia estragando uma bela sabotagem. Conseguiram fugir até à porta mais próxima e entrar no Seio sem ninguém ver.

De um salto, Lupinho surpreende-o. Um, dois, falta o terceiro, diz a rir-se, dispondo-se a ensopar a rocha. Até este momento, até ao preciso momento em que Simão falara sobre o assunto, não sentira essa necessidade fisiológica, que em si se manifestava por simpatia.

— Vês a cara da pedra?

— A cara?

— Eu também nada vejo além da pedra, mas há quem veja caras e muito mais...

Para poder olhar Simão, de soslaio, Lupinho faz conversa mole. E enaltece o papel do outro neste seu bem-estar, agradecendo ao narrador o magnífico contributo. Eufórico, desejoso de consumir doses e mais doses, doses seguidinhas, quer refinar o gozo, saber de outras histórias: o que é feito dessa amada? que é feito do duelo com o limpa-ruas? E o dito Plano Prove de que não se atrevia a repetir o nome com receio de bloquear a narrativa?

— Amada? Minha amada?

Simão traía-se. Racional disfarça, leva a mão ao peito finge aliviar uma coceira.

— Amada? Quem falou em amor?

Que barulhão aquele. Outra vez a aeronave? Os homens viram-se mas não dão importância. Cumprira-se a tradição? Chegara outro curioso? Lupinho ultrapassa a manobra de diversão, ofegante insiste no tema. Ali, estavam apenas eles, ele e ele, Simão podia falar, entre dois homens resignados a bazófia cedo morre. Racional não parecia querer convencer-se. Nada mais diria a intrusos, ponto assente. Muito menos sobre algo que a si próprio intrigava. Talvez mais tarde, se tardasse a salvação, se entrasse em reflexões.

— Se isso te faz feliz, fala-me lá desse Assis.

— Eu posso contar-lhe outra coisa...

— Acabe esta primeiro, acabe uma!

— Mas...

— Não há nenhum caso amoroso nessas histórias que me contas?

Lupinho estava satisfeito, precisava de algo que lhe mantivesse a plenitude, nada como a história de um amor para prolongar a euforia. E como Simão demorasse a responder-lhe, atacou de novo, perguntando se nesse estado de Paternal, incluindo o Seio, não havia tempo para amar. Simão sentiu uns formigueiros pelas pernas, umas cócegas na cabeça, percebeu como podia satisfazer mais um pouco o historiodependente. Contou-lhe que mesmo quando, supostamente, não há tempo para amar, desenvolve-se uma história de amor, embora o amor também seja uma fonte de problemas.

— Ela quase foi presa por amor, amor a uma causa.

— Quer dizer que temos um casal unido por amor, para criar um exército?

— Eu não disse isso. Teotónio e Sãozinha foram pais...

— Já me contas pormenores. Temos ou não uma espécie concebida para resistir, dependente de um seio, nascida para...

— Talvez tivesse sido essa a intenção, lutar com as mesmas armas...

- Mas que princípio é esse?

— Qualquer base de dados, em qualquer rede, te responde a todas as perguntas. Onde tens vivido ultimamente?

— Em diversos estados...

— Alimentaste-te de guerras, não foi?

— Lá estás tu, outra vez... Se pensar um pouco, não sei responder-te. Parece-te absurdo? Também penso que os meus pais se amavam, mas não podia continuar atrelado à paternidade, já nem andavam de estado em estado.

— Atrelado?

— Não se perca por pormenores alheios... Venha de lá esse amor!

XLIII

Foi o primeiro a abandonar a sala, ainda Conceição Tomé discursava entusiasmando a assistência. Teotónio Assis não vibrara com as últimas palavras da grande movimentadora de massas, abandonara o seu lugar na fila da frente para poder apanhá-la a caminho do camarim. A oradora, quando ali entrava, já não recebia ninguém, Teotónio tentara duas ou três vezes, batera com o nariz na porta. Desta vez, agarrá-la-ia no corredor, convencê-la-ia a adiar o período de descanso, a abrir-lhe a porta do seu refúgio. Estava seguro, se a pudesse olhar nos olhos, a dois palmos, em segundos a cativaria. Embrenhou-se pelos corredores, esperou, viu-a, agarrou-lhe no braço, delicadamente, e olhou-a. Sãozinha regressava extenuada, com uma áurea de prazer; não recusou o convite, sabia-lhe bem aquela mão no seu braço e abriu-lhe a porta do camarim. Acabariam por jantar e ele por abrir-lhe o coração, dizendo-lhe que deveriam ter filhos em comum. Somos o par perfeito para fabricar descendência, concluíram.

Como poderia deixar de ouvir aquele homem que a tranquilizava? Sãozinha, quando se apercebeu de que começava a ter um espectador assíduo, redobrou a sua atenção por quem se dispunha a persegui-la. E nessa noite, sem saber bem porquê, ao vê-lo sair antes do final não se indignou, teve um pressentimento de que algo se iria passar. Saiu do palco e entrou nos corredores, como se nada se passasse, mas os seus olhos cresciam à medida

dos passos. Desde o dia da conferência comum que jogam ao gato e ao rato, num jogo real de sedução. Acabariam deitados, de pé, inseparáveis enquanto atingissem aquele orgasmo mútuo, um estrondo que ela apenas sentira no final de certas palestras. Toques, beijinhos, beijos, seis meses de um namoro que começou num camarim, quando Teotónio lhe pegou na mão e lhe começou a roer as cabeças dos dedos.

— Como sabes que foi assim, pelas cabeças dos dedos?

— É assim esta história. Se duvidas de mim, porque hei-de continuar? Tudo aquilo que eu te disser poderá não te satisfazer, julgava que tanto te fazia, verdades ou mentiras...

Como poderia mentir sobre esta história, a única que lera do princípio ao fim. Era natural que os criadores tivessem surgido de uma paixão e já tarde se tivessem disposto à rebeldia. Mais vale tarde que nunca.

— Teotónio e Sãozinha amaram-se até os matarem. Há quem diga que ainda se amam, algures por aí. Quem sabe? Eu não sei.

— Fala Simão, no fim eu digo-te.

XLIV

Teotónio e Conceição tiveram dois filhos, criaram-nos no exterior. O Grande Impulsionador desapareceu numa quinta-feira, pelas quatro da tarde, quando se passeava pela gare da central subterrânea, pouco tempo depois da morte súbita da sua amada Sãozinha. Lupinho queixa-se, já conhece essa história, Dorinha contara-lha, o tal Assis fazia-se passear de uma forma arrogante, desatinando os operários a soldo dos Pés, o homem andava em busca de aliados, falava com este e aquele, embora poucos lhe dessem troco, quando as carruagens surgiram um Lança-pés deu-lhe um toque de calcanhares e Teotónio caiu à linha. O operário desculpou-se, disse que se precipitou, ultimamente andava muito enervado... Um dia Lupinho perguntara ao pai sobre o tal atentado, mas este contou-lhe outra história. E quanto à rebeldia garantiu-lhe que não existia nada disso, nem acreditava em tal despautério numa nação governada segundo a vontade do público. Teotónio, a quem todos tinham muito a agradecer, exagerara ao descer aos subterrâneos todas as quintas-feiras só para provocar um dos símbolos da nação, a família, a família descendente de sapateiros que mudara o apelido de Lança, vindo dos antepassados, para Pés, depois de ter aperfeiçoado a técnica da pancada no calcanhar. Alguma vez teria de acontecer, o ricaço endoidecera, exagerara.

— Vejo que lhe contaram alguma coisa. Lupinho, pelo que vejo, tudo se pode inventar...

Teotónio desapareceu, mas ficou Trancredo, grande contador de histórias. Surgiu do ar, pode dizer-se. Apresentou-se como sendo filho de si próprio, portador das mensagens do pai. O grupo hesitou, não sabia se haveria de acreditar ser o pai este filho ou ser este filho o pai. No dia em que cortou as barbas, dizendo-se na pele do filho, os companheiros vacilaram perante um rosto tão inexperiente. Aborreceu-o um pouco aquela reacção, teve quase a partir em busca de outros, mas já tinha ali investido tanto tempo, não resistiria a mais um desperdício...

— É preciso que não se deixem abalar as convicções. Trancredo gostava de contar histórias, aceitara a missão de conduzir um grupo de eleitos... Vejo no teu rosto um momento de prazer?

— Ora...

— Vejo em ti um conquistador, admiro essa personagem que só conheço das Leituras, que parte sempre em descoberta. Vá, faz-me vibrar com uma das tuas belas conquistas. Para ti será um prazer recordar esse feito, para mim uma verdadeira descoberta.

— Preocupas-me para quê? Sabes bem que me posso tornar violento. Não acreditas? Fala-me dela, da outra.

— Calma. Conta-se que ela acordou, simplesmente acordou noutro lugar, ao lado do namorado. Acordaram os dois a suar e quando se olharam perceberam ter sido tudo real, acreditaram que alguém zelava por eles e juraram ser os heróis deste século. Como diz? Mais uma vulgaridade? A vida é feita delas.

Simão pouco mais poderá dizer.

XLV

De espaço a espaço discutem o tempo, se pudessem medi-lo saberiam há quanto tempo se defrontam, mas Lupinho dispensa sistemas de controlo e Simão fora dispensado do uso para não lhe perturbarem o repouso. Envolvidos pela penumbra discutem o tempo: algum, no juízo de Lupinho, muito, na estimativa de Racional. O cansaço não lhes permite chegar a acordo, torna-se verdadeiramente difícil de aferir há quanto tempo se salvaram de um destino para se agarrarem um ao outro, neste tempo sempre cinzento, sem precedência sem sucessão, iludindo o conceito de existência; as diferenças sucedem-se ligeiras neste crepúsculo contínuo que não lhes matou a crença numa mutação, a crença na chegada do dia... ou da noite, e não passa de um estado crepuscular e um estado, como tudo neste globo, pode alterar-se.

Simão e Lupinho continuam no mesmo lugar, discutindo banalidades, contando vulgaridades, as memórias de um e de outro ficarão incompletas, mas isso nunca será desvendado, não haverá mais testemunhas, ter-se-á de aceitar a versão de um dos intervenientes. Que coisa! Os dois, ora sentados ora de pé, ora ouvintes ora narradores, atormentados por improváveis maleitas, conversam sem sol nem lua, de espaço a espaço. E ouve-se, ainda, ao longe, o eco da consumição de obras humanas... quanto tempo mais perdurará o fogo que alimenta o estado crepuscular? Quanto tempo perdurará na aeronave o fogo que afinal já se apagara? Estão sós, definitivamente. Simão pondera nas

palavras conformadas do seu mais recente companheiro, talvez o último: será isto o fim do mundo? De qual mundo? Existem duas personagens em cena, dois papéis, duas personalidades... Estamos no fim do mundo, ele o dissera, liquidando quaisquer réplicas, como se tudo fosse inquestionável; estamos no fim do mundo, a salvação tardará, sou um doente, dissera o oportunista que concebe, projecta, aproveita, aproveita-se... raramente, Simão vira desperdiçar tantas oportunidades, por isso, duvida de quem diz agir de acordo com o argumento Não Guardes Para Amanhã O Que Podes Fazer Hoje. Fora um homem de sentido prático que o salvara, sem dúvida, um ser educado por optimistas indolentes quando fora do rebanho, acreditava neste juízo, haveria de safar-se, regressar ao Seio.

— Não interessa há quanto tempo aqui estamos, não nos podemos convencer de que somos apenas duas personagens, não temos que discutir se somos redondas ou planas...

— Tens razão, eu dispenso discussões, o teu papel é o do narrador, quero é que continues a cumprir a tua missão.

— A minha missão?

Racional, cada vez mais desconfiado, reúne os fundamentos para a sua tese, a comprovar-se a conspiração será remetido ao passado, quebrará um segredo contido num segredo, um segredo bem protegido, um segredo que só serve um segredo, um segredo velado por um segredo. O outro não está do seu lado, definitivamente. Quem será este homem, aparentemente jovem, aparentemente velho. Arquitecto? arqueógrafo? arqu... fosse até nada, o historiodependente conseguia confundir um Prove treinado para enfrentar a mais pura alogia. Ainda o crepúsculo admitia mutações, já o sujeito julgara o terreno escorregadio; impossibilitado de definir o horizonte, já aquele classificara a situação de incontroversa; indiferente ao próprio destino, sem dados suficientes à ponderação, o sujeito achara a imponderabilidade, isto, enquanto Racional continuava em busca de soluções para enfrentar o compromisso paradoxalmente nascido da salvação. O paradoxo havia sido normalizado e aquela aparição guiava-se por certos princípios que ao mesmo tempo negava; ou provoca-o e não passa de um avaliador de devoções, ou mede-lhe a rebeldia controlada, sendo avaliador em causa própria, ou,

possivelmente, seria quem se afirmava. Irreversibilidade paradoxal? Esta linguagem não a estranha Racional, porém, a disparidade das pistas, arrancadas à linha, impede-o de obter uma conclusão. O indivíduo, se calhar apenas um ser enlouquecido, inibe-lhe o raciocínio. Simão acabara de descobrir outra inconveniência, incoerências, defeito, defeituoso... revelaram-se... entrementes... palavras amesquinhadoras... desnundando-lhe o cérebro... impreparado para confrontos... no próprio seio... Racional sente fugir-lhe o mundo, tenta recuperar o orgulho, também ele era filho de quem era. Pois então! Há que não abandonar a luta! Procurar uma saída! Imperativo! Pensar no imperativo! Escapar! Tem de arranjar uma maneira de fugir, poderia repetir-se até saber inventar, se desdissesse o outro, aquele nunca obteria certezas, acabaria por vacilar, cair vencido.

— Lupinho, temos de arranjar uma saída. Não é assim? Não podemos continuar aqui eternamente. Não é assim? Até porque eu vou esgotar o meu repertório...

— Lá estás tu. Ainda tens muito para dar.

— Será que caímos no deserto australiano? Há quanto tempo voávamos?

— Sei lá! Que interessa isso?

— Temos uma hipótese de sobreviver.

— Nós somos sobreviventes.

— A questão não é essa. Sejamos práticos. Se continuarmos aqui, desta maneira, morremos os dois, num instante e dolorosamente...

— E então?

— Então? Vamos pôr-nos a caminho. Pode ser que encontremos algum indígena, ou mesmo mais... Já pensaste nas histórias que eles terão para contar?

— Esse povo já morreu. Hum... isto é repetido. Já tivemos esta conversa. Tentas enganar-me?

— Isso é impressão tua. É a primeira vez que temos este diálogo. Acreditas em mim ou em ti? Eu digo-te que é a primeira vez que falamos disto, e tu?

— Eu digo-te...

— E se inspeccionássemos o local? Ali, por de trás daquela montanha...

— Montanha? Para quê?

— Onde está o teu instinto de sobrevivência?

— Contigo está sossegado.

— Parece-me que se andássemos...

— Tu tens piada...

— Sou da mesma opinião, esforço-me...

— Não sei que te diga, já usei tudo para te convencer... Dinheiro! Queres dinheiro?

— Dinheiro?...

— Sim, não tenho aqui, mas posso dar-te os códigos dos meus pais, para quando regressares...

— Agora já sou eu quem regressa...

— Claro, se calhar até nos salvamos os dois. Prometo-te que o terás, e muito. Terás tudo o que quiseres...

— Dinheiro?.... Os criadores têm os seus meios e nós, no Seio, não usamos. Guarda-o, não quero pensar sobre esse assunto.

—Pensa bem, nunca te faria mal, somos amigos.

Lupinho pode não ser quem diz ser, mas a inabilidade é genuína. Racional pensa, o organismo reage, não lhe dá tempo, o apelo da necessidade fisiológica ocupa-lhe o pensamento; sabe que o outro duvidará desta reincidência, cruza as pernas tentando retardar o impulso que já uma vez o traíra, o companheiro imita-lhe o gesto, desconfiado, Lupinho tem a vontade viciada na obtenção de enredos, estranha o aparecimento de outras vontades. A aflição toma conta de Racional, impossível resistir, impossível raciocinar, impossível dominar a pressão no baixo ventre. Percebe agora a influência das emoções no organismo, mas Lupinho nada sente, parece feito de outra massa; agarra-lhe no braço, desacredita-lhe a vontade e impõe a sua, sob pressão, Racional volta a sentar-se, Lupinho larga-o. O desfalecimento do historiodependente convence-o a explicar a interligação da necessidade presente com um acto do passado. Simão já nem sabe o que quer, voltara-lhe aquela ideia de ter outras sensações, de saber o que é morrer sem se finar. Há quem acredite em coisas estranhas, este Racional é um deles e este Lupinho

também. Dissera-lhe que seria história por história, fora esse o compromisso, mas a dependência é gananciosa, traiçoeira. Mas é a incoerência do historiodependente que baralha Racional, o cérebro do doente não pára em busca da satisfação.

— Incoerência? Há duas coisas que eu não meço, uma é o tempo, outra é a incoerência. Olha pra ti, tudo é relativo...

— A relatividade tem aqueles problemas que sabemos, lapsos...

— Acho que é a segunda vez que falas da incoerência, gostava de verificar... Quero lá saber! Mostra-me o que já aprendeste. Ou não aprendeste nada neste tempo todo? Estás cansado? Eu nem por isso.

— Desafias-me. Eu mostro-te. Queres uma miscelânea, estou pronto a satisfazer-te. No final, não me craves explicações, não saberei responder-te.

— Com essa conversa, excitas-me.

E sorriem os dois. Racional esquece-se do corpo, descontrai-se, concentra-se num só objectivo, tem uma meta a atingir. Tudo irá resolver-se a seu tempo, sempre foi essa a sua crença.

XLVI

A cara libertou-se, isto do seu ponto de vista, porque a pessoa queixa-se de que a deixou de controlar. Quando pensa que sorri, pelo que lhe dizem, fica com um ar compenetrado; quando julga dar um ar sério, apresenta um sorriso pacóvio; quando pensa que está serena, afinal transmite uma aflição... foi o que aconteceu a uma das suas irmãs, uma das da sua criação, ficou de quarentena no Seio, uma quarentena que se prolongou até ser enviada para tratamento, não porque os Criadores não conseguissem debelar a doença, o problema residia no convívio com a família, no mau exemplo.

Ela não podia sair, estragara algumas missões, talvez três, número mais do que suficiente para ser obrigada a cumprir um retiro dentro do Seio. O que é que lhe aconteceu? Parece que uma alteração no sistema nervoso central, as opiniões dividiram-se: para uns, um problema congénito, despertado por um vírus trazido do exterior; para outros uma reacção dos músculos à desordem gerada no cérebro por uma deficiente aprendizagem da técnica gestual. A realidade é que ela acabou por aceitar o retiro sem resistência e queixar-se, nas idas à consulta, do divórcio do seu rosto; pensando fazê-lo de um modo tranquilo, passou a imagem de uma situação de pânico, com a boca a contorcer-se e os olhos muito abertos; pensando transmitir confiança, contou que num encontro com transeuntes quase andara à pancada. Com uma voz doce mas um ar agressivo, perguntou-lhes o caminho para uma avenida, o

casal mirou-a mal encarado e negou-se a responder, mandando-a passear a tromba para outro lado, ela riu-se soltando tal gargalhada que a mulher se sentiu ofendida e o homem quase perdeu a razão. Não fora o sorriso pacóvio que lhe surgira do nada, fazendo crer que era inocente, e as pastilhas dos transeuntes teriam despertado os limpa-ruas. Escapou-se, mas viu-se obrigada a desistir da avenida aonde dois proves a esperavam para uma pequena sabotagem na rede geral. De volta ao Seio, dos poucos a quem contou a sua aflição de não sentir o movimento da cara, de não conseguir controlar as feições, o efeito do olhar, nenhum acreditou nessa razão para o regresso precipitado. Mas ela andava aflita, e passava todo o tempo que encontrava, frente ao espelho, a fazer caretas, obrigando a cara a aceitar as suas ordens.

Foi no que deu a sua perícia no disfarce: quando julgava transmitir calor saia-lhe tal frieza que os zeladores estranharam o mau feitio naquela que era conhecida por cara-unhaca. Durante o retiro, que não a privava de cumprir certas tarefas, deram-lhe permissão para aceder a outros jogos, ela ficou satisfeita, precisava de distrair-se, exercitar outras capacidades, tranquilizar-se. Ao que parece, os criadores ficaram preocupados quando analisaram uma linha de tempo das suas feições, no período em que se dizia satisfeita com o lazer, e levaram o caso a peito não fosse haver outros mais. A violência com que dizia saber-lhe muito bem esta pausa era difícil de medir, mas tocaria o Exagero. Tornara-se arriscado pô-la lá fora, a pastilha pirata que levaria para circular sem restrições podia trai-la, trair a causa. E esse aspecto ela também temia, agora que não podia confiar no rosto nunca perceberia qual a reacção que despertaria nos interlocutores. E a cara mostrava-se imprevisível, não se comprometia com rotinas, a arrogância ia aparecendo em qualquer lugar, até no momento em que ela pensara aceitar o retiro com grande humildade. Reconhecia ter cometido dois erros, só poderia acatar a punição aplicando aquele sentimento. Uma vez deixou-se seguir por um manchado, de verde fresco, portanto pior, pois, um espírito jovem é muito mais abelhudo, e tudo porque a firmeza da atitude lhe saiu disfarçada de cara misteriosa, na altura, os Alertas detectaram-lhe a aflição e a aproximação do perigo, despertaram-lhe a calma através da pastilha, ela conseguiu despistar o curioso e entrar no Seio, mas não se livrou do questionário B que preencheria com sinceridade,

libertando esgares marotos. E quando lhe davam a entender aquilo que dela transparecia, a sua admiração apresentava-se genuína, não perdera a consciência, por isso, temia que, a meio de uma missão no exterior, os circuitos dessem o alerta - os restantes dados que a pastilha fornecia para o exterior eram falsos só esta função fora mantida para os proves sentirem a realidade do perigo.

— Outra? Quem é esta Simão?

— Umas vezes eu, outras tu. Passou-se bem o tempo, não me mandaste calar. Tudo isto tem sido injusto e pouco metódico. Sinto-me lesado nos meus direitos.

O historiodependente já pouco ouve, não ouve o que quer, mas resulta, sente-se bem.

XLVII

— Foi bom, tem sido bom. Mas, não consegues inventar melhor?

— Acho que estou em condições. Vou contar-lhe a história do homem que ressuscitou...

— Quando?

— Agora.

— Eu perguntei quando é que esse tipo ressuscitou.

— Passou-se há pouco tempo, quando todas as religiões enlouqueceram em busca de crentes.

Aquela Lupinho não sabia. Do homem que ressuscitou e não se mostrou interessado em dar o nome a qualquer crença, nem a inventar qualquer outra, mas ficara cheio de dúvidas, a balançar entre uma morte anunciada e uma melhoria da qualidade de vida, cujas contrapartidas talvez não tivesse dificuldade em suportar. O preço da fama, o poder dos crentes... Quase a deixar convencer-se, o homem foge disposto a uma longa viagem.

— Faz uma pausa. Uma pausa, por favor.

Lupinho saboreia o momento à beira de dormitar, está entre cá e lá, não quer desperdiçar o tempo, quer saborear este instante. Corre riscos, precisa de uma pequena pausa, precisa somente de uma pequena pausa, o tempo que fosse, somente um período de silêncio lhe permitirá sorver novas doses. O coração rompe-lhe a pele, rola pelo peito, salta, torna-se impossível de controlar. Lupinho pediu a Simão que se calasse, por instantes, já lhe pediria a

continuação, o desvendar de todos os troços, para que mesmo quieto fugisse dali.

Nunca uma solicitação desorientara Racional e hoje um ser humano consegue desnorteá-lo com uma sucessão de pedidos, apenas. Implorar-lhe silêncio quando, tempos atrás, gritava se Simão se mantinha silencioso, escutando os delírios de Lupinho, julgando provocar em si próprio a química da fantasia? Entretivera-se a descobrir a verosimilhança, a desvendar os truques das passagens subtis que confundiam, a páginas tantas, as diversas crenças humanas. Ninguém é obrigado a acreditar, muito menos em fórmulas idênticas... Verdade mais mentira igual a realidade, tratava-se de uma fórmula matemática. Que disparate! Como apreciar a realidade comum, se cada pessoa vê à luz da sua? Santos de Baltazar planava antevendo o usufruto da sobriedade, Lupinho gostava da sua historiodependência, não lamentava tê-la, considerava-a uma opção consciente derivada de um hábito adquirido à semelhança de outros quaisquer, escolhera esta entre as inúmeras dependências prontas a consumir. Hoje, como noutros tempos, em muitos momentos vividos ao longo de anos a divagar por aí, sentia-se inundado de prazer. Neste momento, seguindo a sua opção primária, a salvaguarda da sua vida, pouparia as capacidades da vítima, também necessitava de sentir o silêncio, preparar-se para um pico de lucidez que o faria ébrio por breves instantes, pronto para nova dose. Sempre gostara de aproveitar o máximo, mas sem desperdiçar doses; pouparia as capacidades de Racional, embora as considerasse inesgotáveis, pelo que já sorvera sabia haver muitas mais, contando, especialmente, com as esquivanças sobre o tal plano prove contra a Tomada da Pastilha, contra a Tomada não, que já se dera, contra a pastilha, então.

Convicto quanto à descodificação da trama — Racional, o teórico, admitira ser a única hipótese de satisfazer o salvador —, o historiodependente reclamava por hábito, todavia não desperdiçava os interstícios, como se dizia na gíria dos historiodependentes. Quando sóbrio, o problema está na frequência dos momentos de pânico, curtos mas irritantes, pequenas perturbações que qualquer médico pode curar e assim eliminar a razão da dependência; quando se é dependente, o problema é diferenciar as emoções,

consegue-se desvalorizar os maus momentos e riscar o medo do cardápio emocional, o problema é que o alimento da dependência activa demasiado os sentidos e o pânico aumenta, anunciando-se incontrolável... Tornara-se dependente para conseguir apreciar o estado sóbrio, quando melhor se saboreia as situações, quando a lucidez brilha por instantes, mas para que isso aconteça é preciso entorpecer a razão, ter um termo de comparação para valorizar as pequenas sensações, apurar o instinto. A ansiedade pode matá-lo. Lupinho já não sabe o que diz, nada ouve, a não ser as suas próprias memórias alteradas a seu belo prazer.

— Entre tantas substâncias à disposição dos mortais, porquê uma opção tão complicada? Ao contrário de muitas outras, esta pode deixar de ser inofensiva, tornar-se atrevida, condenada por esta sociedade que legitima a maioria das dependências.

— Saem muito mais caras, todas as outras e fomentam o individualismo. Eu preciso de me sentir acompanhado...

— Não teria sido melhor arranjar uma mulher?

— Uma mulher?

Vivera três meses com uma mulher, mais velha, jornalista. Ao princípio fora o delírio: histórias e histórias dos bastidores do quotidiano aparentemente sem história. Mas a dita captadora de informação só se ocupava dele, dava notícias para mais ninguém, dizia que mal falasse lhe roubariam as histórias, e afinal fora contratada pelos seus pais para o manter sossegado. Veio a saber desta realidade e não se teria ralado muito se a sujeita não fosse igual a tantas outras e não se tivesse apaixonado por ele, revelando a sua condição num momento de fraqueza.

XLVIII

Lupinho cala-se, não precisa de contar mais nada, o outro já tinha começado, ele apenas pedira um momento de silêncio.

— Podes recomeçar, não percas tempo. O que é que tu dizias? Não me lembro bem, mas pareceu-me interessante, uma dose de estalar.

— Grande imaginação tens tu para acreditar em tudo o que te digo. Estás nervoso.

— Caramba, de que falas agora?

— Eu ia começar a falar-te da minha história, da minha verdadeira história.

— Finalmente os pormenores...

— Não tens sede? Não tens fome?

— Tenho, mas não é do mesmo que tu.

— E disso ainda não estás satisfeito? Vejo-te a ofegar...

— Estou satisfeito mas quero mais. Afinal quem és tu? Não me digas que encontrei Deus. Quem és tu Simão, Racional de apelido?

— Eu não sou nada daquilo que te contei, eu não sei nada sobre aquilo que queres. Sou um homem simples, que teve o azar de ressuscitar. Sim, o azar de ressuscitar num mundo que anseia pelo aparecimento do Messias. O problema é que ressuscitei perante numerosa audiência e todas as religiões registadas e não registadas no decreto oficial resolveram reclamar o meu corpo, de novo vivo e minha propriedade, encheram-me de propostas, resolvi

fugir, voar para o deserto... Sou um homem simples, sempre fui ateu, nunca tive segredos.

Lupinho fica branco, o suor inunda-o, Simão vê-o contorcer-se, tenta reanimá-lo.

— Lupinho, não desistas! Eles estão a chegar! Não quero contar o que se passou, vou ser suspeito...